

Nova escola de saúde reforça capacitação e fortalece o SUS

Instituição, que será inaugurada amanhã, é importante ferramenta para melhoria da saúde pública, avalia professor da USP. [Página 3](#)



Foto: Marcus Antonius

Trens transportam 10 mil pessoas na Grande JP

Opção de transporte coletivo seguro, rápido e mais barato que os demais, eles ajudam na locomoção entre Santa Rita, Bayeux, Cabedelo e a capital. [Página 5](#)

Entrevista

Foto: Roberto Guedes



Bergson Vasconcelos Diretor explica como a pandemia de covid alterou a rotina no Lacen-PB. [Página 4](#)

Paraíba

Máscara facial: proteção efetiva contra o coronavírus

Especialistas recomendam que, mesmo após vacinada, população continue utilizando a proteção. [Página 7](#)

Economia

Cresce o número de fraudes em compras pela internet

No último ano, segundo pesquisa da CNDL, 59% dos internautas foram vítimas de golpes financeiros. [Página 17](#)

Políticas

Estado tem seis políticos influentes no Congresso

No ranking de funções de destaque e em espaços estratégicos em Brasília, Estado ocupa o quarto lugar. [Página 13](#)

Esportes

PB produz talentos, mas pouco investe no futebol de base

Uma radiografia das "escolinhas", que treinam talentos como Santos e Cunha, escalados para as Olimpíadas. [Página 21](#)

Colunas

// O ser humano tende a transferir, para a arte, o próprio sentido de vida. Isso se torna uma necessidade espontânea da própria saúde mental e física. // [Página 10](#)

Klebber Maux Dias

// A Rádio Clube de Itabaiana durou pouco, mas fez história. No palco do seu auditório, apresentaram-se tanto orquestras, como o pastoril da famosa Rubina. // [Página 14](#)

Fábio Mozart



Foto: Marcus Antonius

Almanaque

Homenagens pela cidade Logradouros e prédios de João Pessoa mantêm viva a memória dos ícones políticos, sociais e culturais. [Página 25](#)

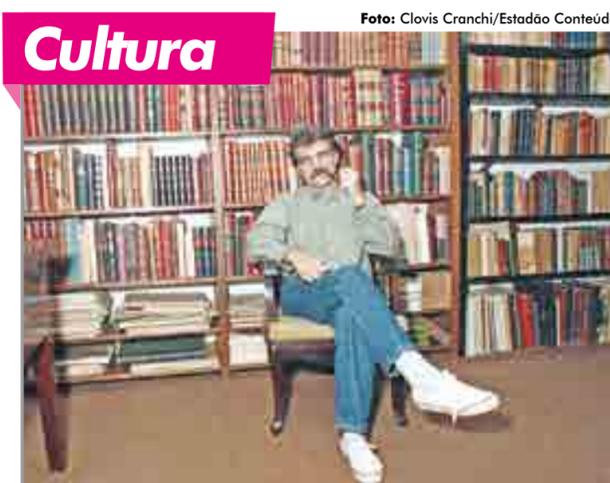


Foto: Clovis Cranchi/Estadão Conteúdo

Cultura

Projeto Idealizador fala sobre a campanha que procura viabilizar lançamento de disco inédito de Belchior com poemas de Cruz e Sousa. [Página 9](#)



Diversidade



Foto: Marcus Antonius

Onde começa a vida A cada ano, a degradação ambiental ameaça as nascentes de água em JP. [Página 20](#)

Editorial

Lázaro e a catarse

Era 28 de julho de 1938. Conta a história que, naquele dia, em uma fazenda chamada Angicos, situada no sertão de Sergipe, ocorre a morte do cangaceiro Virgulino Ferreira (Lampião) e alguns de seu bando, o chamado "massacre de Angicos". A morte foi consumada pela "volante", como eram chamados os policiais da época, que surpreendeu os cangaceiros em descanso. Após a morte, policiais comemoraram o massacre, exibindo as cabeças dos cangaceiros assassinados como se fosse um prêmio.

Estamos em 2021. Mais precisamente em junho. Procurado pela polícia, Lázaro Barbosa é finalmente encontrado. Em duelo com os policiais, é assassinado com vários tiros. Após o ocorrido, policiais comemoram a execução do criminoso diante das câmeras de TV. Na internet, em redes sociais e grupos de WhatsApp, a população também festeja a morte do criminoso, repassando imagens de seu corpo crivado de balas e divulgando "memes" debochando do suspeito por crimes bárbaros.

Os anos são diferentes, as histórias também, mas o final é bem parecido. Lampião foi um justiceiro que cometeu diversos crimes, estuprava mulheres, saqueava cidades e era acorbertado por alguns fazendeiros, para quem fazia serviços sujos, na época. Por viver à margem da lei, dificilmente terminaria sua vida impune. O que chocou na época, e choca até hoje, foi o espetáculo macabro de comemorar a morte e de exibir as cabeças dos cangaceiros para uma população ávida por sangue.

Lázaro Barbosa não tinha nada de justiceiro e nem uma história "idealizada", como a de Lampião. Mas também seria protegido por fazendeiros, para quem também fazia trabalhos sujos. Ganhou notoriedade após, supostamente, numa tentativa de assalto, matar quatro pessoas de uma mesma família, que residiam numa chácara em Ceilândia, no Distrito Federal. A partir de então, passou a ser perseguido pela polícia, até ser morto em confronto no dia 28 de junho deste ano.

São personagens e situações diferentes. De qualquer forma, impressiona que, tanto tempo depois da ascensão e declínio do cangaço no Nordeste brasileiro, o espetáculo macabro de comemoração da morte se repita. A impressão que fica é que o Brasil regrediu ao final dos anos 1930, em termos de sublimação da catarse coletiva através da exibição de corpos massacrados em duelos com a polícia. A questão não passa pelo questionamento da ação policial de cumprir o seu papel em duelos com bandidos perigosos. Mas de buscar compreender porque a população comemora tanto a exibição de cadáveres, numa barbárie coletiva fora de tom em pleno século 21.

Crônica

Sítônio Pinto
sitonipinto@gmail.com | Colaborador

Bois de Parintins

Agora todo mundo viu. O espetáculo de cores, movimento e música saiu na TV, os bois de Parintins, suas cunhãs porangas dançando para inglês ver, seus músicos tocando para inglês dançar. É bem verdade que a expressão "para inglês ver" se refere ao decreto que sua majestade britânica baixou, referente ao tráfico de escravos africanos para o Brasil. Era e não era.

O Festival de Parintins, na ilha do mesmo nome, encheu os vídeos dos lares brasileiros com todas as cores da natureza e mais outras da Coca Cola, que patrocinou o evento. Foi o ponto fraco da festa. O acervo vegetal da Amazônia, transposto para a TV pelas mãos mágicas de seus artistas, serviu de pano de fundo para estampar a marca do refrigerante, bem visível no alto do vídeo.

Era como se um quadro de Chico da Silva viesse encimado por um desenho da marca abominável. Não pode, não é, mister? Você quer dizer que eu sou xenófobo? Diante de certas coisas, sou. O Festival de Parintins é o momento maior de brasilidade que o nosso país tem no atual momento histórico. É como se fosse uma locomotiva que puxasse o Brasil através de sua formação histórica e social. O Carnaval do Rio é pouco diante da festa amazonense.

Chico da Silva foi o pintor acreano que fixou a Amazônia em óleo e guache. Brasileiríssimo, pois não era filho apenas da selva, mas ainda do Nordeste. Da Silva era filho de índia com cearense, resultado da colonização da floresta pela migração nordestina. Depois, fez a migração no sentido inverso, quando deixou a Amazônia para vir morar em Fortaleza. No Ceará, foi descoberto pelo pintor suíço Jean-Pierre Chabloz, que se tornou seu mestre, ministrando-lhe alguns rudimentos de pintura, com a técnica do guache e do óleo. Mas a genialidade não se ministra.

A grande mestra de Chico da Silva foi a floresta, maior do mundo, com sua cultura oculta na vegetação soberba dos castanheiros de 50 metros, nos rios povoados de

botos, de sucuris, de jacarés, de onças e de lendas. E de gente navegando nos seus igarapés, em busca do peixe farto. O céu repleto de folhas, de flores e de aves, seres alados que Da Silva captura no seu pincel voador.

Depois veio a partitura de Waldemar Henrique, sobreposta como pauta suplementar às cores de Da Silva. Quem tiver olhos para ouvir, veja Waldemar pintando os figurantes das lendas por entre as veredas da mata e as curvas dos igarapés, onde reina a boiuna. Waldemar cantou a lenda da grande serpente devoradora de pessoas e bichos, habitante dos rios e das matas. Eternizou-a na sua opereta "Cobra Grande". Depois foi transposta para os cantos e Parintins.

As cunhãs do Festival são muito bonitas (porangas), de uma beleza que não se vê muito no Brasil. E vestidas. Não fazem uso da nudez agressiva das mulheres das escolas do Rio e São Paulo. Entendo que deviam sair nuas, pois representam índias. Mas se vestem até demais, com as penas das aves cobrindo quase todo o seu corpo. Não se espante, Douto Leitor: são penas artificiais, tão bonitas quanto as naturais.

Entendo que os bois de Parintins não deviam desfilar com todo seu arsenal folclórico de uma vez. Mas que escolhessem um tema, dentro da grande diversidade temática da Amazônia, e mostrassem ao povo (e aos ingleses), paulatinamente, o grande espectro multicolor da Hiléia. Como as aves e os bichos não mostram toda sua camuflagem de uma só vez. Nem cantam o seu canto numa só apresentação. Os temas podiam ser escolhidos com parcimônia, Waldemar Henrique apresentando-se com sua Cobra Grande, seu boto, seus mitos, um a um. Sua vida, em Portugal e Belém. E assim com Chico da Silva e seus quadros, e com Galvez, Imperador do Acre.

Mas eles é que sabem, tanto que as metrópoles os copiam. As cores, os contos, os cantos.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Meu pai na Casa Civil

Meu pai, Deusdedit Leitão, tinha a humildade e a simplicidade como marcas de sua personalidade. Não gostava de aparecer. Fugia dos holofotes. Quem se der ao trabalho de pesquisar os jornais da época em que ocupou cargos na administração pública e na sua atividade cultural, terá dificuldades em encontrar fotos ou matérias que o colocassem em evidência. Tinha a convicção de que o importante era cumprir bem as missões que lhe foram confiadas, sem a necessidade de torná-las objeto de promoção pessoal.

Por isso, recebeu com naturalidade a convocação do governador Ivan Bichara para suceder o Doutor Fernando Milanez, na Chefia da Casa Civil do Governador, quando o mesmo decidiu se afastar da vida pública para se dedicar às suas atividades profissionais como tabelião. Isso aconteceu em julho de 1977. Meu pai tinha uma relação de amizade muito forte com o secretário que renunciava

ao cargo para o qual estava sendo guindado. Na condição de sub-chefe, estabeleceu com Milanez uma convivência harmoniosa, bastante para que nutrisse um sentimento de admiração e respeito por aquele colega de trabalho.

Com o espírito desprovido de qualquer vaidade, recusou que a sua posse ocorresse em ato solene. Decidiu assumir e trabalhar, dispensando o protocolo oficial da cerimônia de posse. Antes, fez questão de ser portador de uma carta do governa-

dor dirigida a Fernando Milanez, na qual Ivan Bichara registrava seu reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à Paraíba, em especial na sua gestão.

Transcrevo trecho da missiva assinada por Ivan Bichara, da qual meu pai concordava em seu inteiro teor. "Agradeço a ajuda, a atenção e o devotamento empenhado quando exerceu a Chefia da Casa Civil. O meu governo e a Paraíba devem à soma dos seus serviços no cargo que vinha ocupando desde o início de minha administração, ressaltando o cavalheirismo, a elegância e a dignidade com que se portou em todos os momentos, até mesmo no ato da renúncia". Milanez, mesmo ao deixar o cargo, manteve a estatura moral e a correção que o faziam merecedor de louvores e estima dos paraibanos.

A meu pai não pesava a vanglória do cargo que assumia, mas a responsabilidade de suceder uma figura de tamanha competência e envergadura moral. Seu desejo maior era dar continuidade ao

trabalho de excelência que Milanez vinha desenvolvendo à frente da Casa Civil e, ao mesmo tempo, responder às expectativas do seu amigo e conterrâneo governador Ivan Bichara. Fico feliz em ver que cumpriu bem esse seu objetivo. Vou me liberar da modéstia que caracterizava seu caráter, e proclamar meu orgulho em constatar o quanto ele era competente em tudo o que fazia, mesmo que despido de qualquer intenção de tornar essa qualidade um motivo de projeção social.

// ...fez questão de ser portador de uma carta do governador dirigida a Fernando Milanez, na qual Ivan Bichara registrava seu reconhecimento pelos relevantes serviços //

Crônica

Sítônio Pinto
sitonipinto@gmail.com | Colaborador

Bois de Parintins

Agora todo mundo viu. O espetáculo de cores, movimento e música saiu na TV, os bois de Parintins, suas cunhãs porangas dançando para inglês ver, seus músicos tocando para inglês dançar. É bem verdade que a expressão "para inglês ver" se refere ao decreto que sua majestade britânica baixou, referente ao tráfico de escravos africanos para o Brasil. Era e não era.

O Festival de Parintins, na ilha do mesmo nome, encheu os vídeos dos lares brasileiros com todas as cores da natureza e mais outras da Coca Cola, que patrocinou o evento. Foi o ponto fraco da festa. O acervo vegetal da Amazônia, transposto para a TV pelas mãos mágicas de seus artistas, serviu de pano de fundo para estampar a marca do refrigerante, bem visível no alto do vídeo.

Era como se um quadro de Chico da Silva viesse encimado por um desenho da marca abominável. Não pode, não é, mister? Você quer dizer que eu sou xenófobo? Diante de certas coisas, sou. O Festival de Parintins é o momento maior de brasilidade que o nosso país tem no atual momento histórico. É como se fosse uma locomotiva que puxasse o Brasil através de sua formação histórica e social. O Carnaval do Rio é pouco diante da festa amazonense.

Chico da Silva foi o pintor acreano que fixou a Amazônia em óleo e guache. Brasileiríssimo, pois não era filho apenas da selva, mas ainda do Nordeste. Da Silva era filho de índia com cearense, resultado da colonização da floresta pela migração nordestina. Depois, fez a migração no sentido inverso, quando deixou a Amazônia para vir morar em Fortaleza. No Ceará, foi descoberto pelo pintor suíço Jean-Pierre Chabloz, que se tornou seu mestre, ministrando-lhe alguns rudimentos de pintura, com a técnica do guache e do óleo. Mas a genialidade não se ministra.

A grande mestra de Chico da Silva foi a floresta, maior do mundo, com sua cultura oculta na vegetação soberba dos castanheiros de 50 metros, nos rios povoados de

botos, de sucuris, de jacarés, de onças e de lendas. E de gente navegando nos seus igarapés, em busca do peixe farto. O céu repleto de folhas, de flores e de aves, seres alados que Da Silva captura no seu pincel voador.

Depois veio a partitura de Waldemar Henrique, sobreposta como pauta suplementar às cores de Da Silva. Quem tiver olhos para ouvir, veja Waldemar pintando os figurantes das lendas por entre as veredas da mata e as curvas dos igarapés, onde reina a boiuna. Waldemar cantou a lenda da grande serpente devoradora de pessoas e bichos, habitante dos rios e das matas. Eternizou-a na sua opereta "Cobra Grande". Depois foi transposta para os cantos e Parintins.

As cunhãs do Festival são muito bonitas (porangas), de uma beleza que não se vê muito no Brasil. E vestidas. Não fazem uso da nudez agressiva das mulheres das escolas do Rio e São Paulo. Entendo que deviam sair nuas, pois representam índias. Mas se vestem até demais, com as penas das aves cobrindo quase todo o seu corpo. Não se espante, Douto Leitor: são penas artificiais, tão bonitas quanto as naturais.

Entendo que os bois de Parintins não deviam desfilar com todo seu arsenal folclórico de uma vez. Mas que escolhessem um tema, dentro da grande diversidade temática da Amazônia, e mostrassem ao povo (e aos ingleses), paulatinamente, o grande espectro multicolor da Hiléia. Como as aves e os bichos não mostram toda sua camuflagem de uma só vez. Nem cantam o seu canto numa só apresentação. Os temas podiam ser escolhidos com parcimônia, Waldemar Henrique apresentando-se com sua Cobra Grande, seu boto, seus mitos, um a um. Sua vida, em Portugal e Belém. E assim com Chico da Silva e seus quadros, e com Galvez, Imperador do Acre.

Mas eles é que sabem, tanto que as metrópoles os copiam. As cores, os contos, os cantos.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelra
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Escola de Saúde Pública: ferramenta de transformação

Especialista da USP avalia iniciativa do Governo da PB como de extrema importância para fortalecer o SUS

Ana Flávia Nóbrega
anaflavia@epc.pb.gov.br

Um sistema de saúde público que chega aos lugares mais inóspitos, cruzando rios e enfrentando as mais diversas adversidades para garantir o direito à saúde para a população brasileira, em especial, aos que, de fato, precisam do sistema para manter-se vivos. Este é apenas um dos muitos compromissos que o Sistema Único de Saúde (SUS) mantém com a população brasileira.

Para atender uma população de mais de 190 milhões de brasileiros, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o SUS precisa passar por atualizações constantes, tanto de seus profissionais, quanto dos próprios serviços oferecidos. E para garantir que a saúde pública avance, o Governo da Paraíba,

através da Secretaria de Estado da Saúde (SES) inicia nesta segunda-feira e terça-feira, as atividades da Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB).

Com o objetivo de qualificar o sistema público de saúde, a criação da escola marca uma nova etapa na formação dos trabalhadores do SUS na Paraíba que, antes da oficialização da escola, recebiam capacitação através do Centro Formador de Recursos Humanos (Cefor-RH).

Para além dos benefícios para os profissionais que fazem o SUS acontecer, a escola representa um avanço para a ciência paraibana já que, através da ESP-PB, pesquisas poderão ser desenvolvidas e explanadas para todo o mundo, possibilitando novas perspectivas para os profissionais com especializações, pós-gra-

duações, incentivo à pesquisa, fomento a sistematizar e demonstrar o conhecimento produzido cotidianamente nos serviços do SUS e reforçando ações que já vinham em desenvolvimento no campo dos programas de residências.

O médico sanitarista e professor da USP, Gonzalo Vecina Neto, que acompanha de perto o SUS, afirmou que a ESP-PB assume um importante papel na sociedade paraibana e brasileira em geral.

Escola marca nova etapa na formação dos trabalhadores da saúde do estado e do conhecimento científico produzido na Paraíba

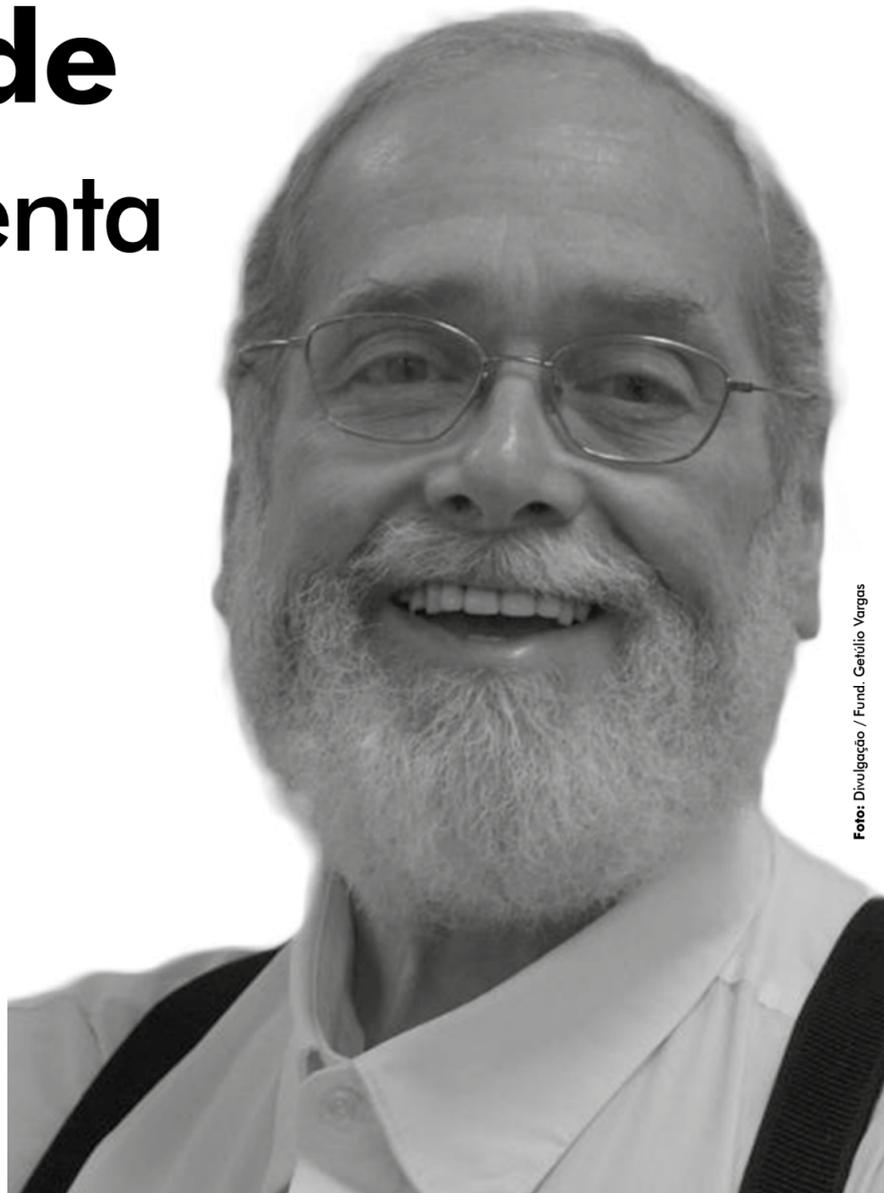


Foto: Divulgação / Fund. Getúlio Vargas

Professor Gonzalo Vecina vai participar do lançamento da ESP e destaca incremento na capacitação dos profissionais

“É uma iniciativa fantástica. As escolas de saúde pública, como a que será lançada na Paraíba, são fundamentais para melhorar o

funcionamento do SUS. Parabenizo a Secretaria Estadual pela iniciativa e fico muito honrado em poder fazer parte deste momento”, afirmou

o médico que fará uma aula inaugural com o tema “Ciência e Inovação: Contribuições para o SUS”, na segunda-feira, às 11 horas.

+ Capacitação para melhorar atendimento ao público e vencer preconceitos

Para o especialista, a fundação da Escola, como outras em todo o Brasil são de extrema importância também para vencer o preconceito existente em parte da população brasileira que nega, repudia e descredibiliza o trabalho do SUS, de seus equipamentos e profissionais pelo simples fato de ser algo público. Isto porque se generaliza a ideia de que o público não oferta capacitação para os seus profissionais, um engano que acaba interferindo na construção da credibilidade do sistema.

“Tem todo um preconceito, que ocasiona problemas. E uma das formas de resolver estes problemas é com processo de capacitação permanente. A capacitação melhora o Sistema Único de Saúde e faz com que ele tenha uma capacidade mais adequada para atender as necessidades da sociedade em geral. Então é uma coisa muito importante e que a Paraíba faz muito bem em investir nisso. Já o preconceito, percebe que ele vem sendo menor com o passar dos anos e tende a cair

ainda mais”, afirmou Gonzalo.

Apresentando um enfrentamento de excelência na pandemia do novo coronavírus, o SUS vem sendo, cada vez mais, fator de confiança para a população. Segundo Vecina, o posicionamento do sistema diante da covid-19 tem sido fundamental para o fortalecimento do SUS.

No enfrentamento a covid-19, o SUS tem sido a base para toda a população brasileira. Sem fazer distinção de classe social, raça, gênero ou qualquer outro fator

social, o Sistema Único de Saúde oferece a população uma cobertura e acompanhamento desde medidas para evitar a propagação do vírus, testes para a população em geral, leitos equipados e profissionais qualificados e a vacina, de forma cada vez mais ampla.

Lançamento

O evento de lançamento da Escola Pública de Saúde da Paraíba ressaltará a importância do SUS no enfrentamento a covid-19 e em outras enfermidades, tratamentos,

acompanhamentos, melhoria da vida da população e tratamentos preventivos.

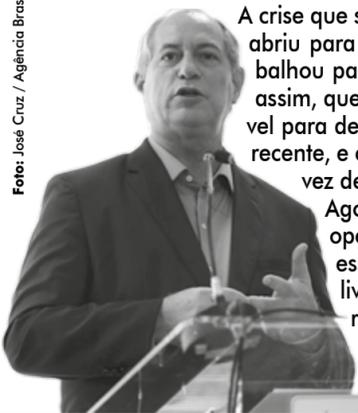
A abertura, prevista para as 10h da segunda-feira, acontecerá de forma virtual e contará com a presença do secretário estadual da Saúde, Geraldo Medeiros, representantes do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde, da Organização Pan-Americana de Saúde e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba. A transmissão será feita pelo canal da ESP-PB no YouTube.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

CRISE NO GOVERNO REACENDE A IMPETUOSIDADE DE CIRO GOMES, QUE SE PROJETA NO 2º TURNO

Foto: José Cruz / Agência Brasil



A crise que se instalou no governo Bolsonaro, que está sob acusação de corrupção, certamente abriu para Ciro Gomes (PT) e para o seu homem de comunicação, João Santana, que trabalhou para o PT, novas perspectivas de crescimento para a disputa presidencial. E, tanto é assim, que Ciro tem se portado na mídia, com mais ênfase, como a única ‘terceira via’ possível para derrotar Bolsonaro e fazer frente a Lula, de quem foi aliado em tempo relativamente recente, e cuja candidatura tem crescido nas pesquisas de intenção de voto. Ciro mais de uma vez declarou que poderia ter chegado ao Planalto, em 2018, se o PT tivesse lhe apoiado. Agora, acredita, como registrou ao UOL Entrevista, que a população brasileira tem a opção de fugir da polarização Lula/Bolsonaro: “Sairá da cabeça da nação brasileira essa espada que obriga a esquecer todas as contradições do Lula e do PT só para se livrar do mal maior, mais emergente, mais doído, que é a tragédia do genocida e corrupto Bolsonaro”. Impetuoso e bem orientado, o pedetista já projeta Bolsonaro fora do páreo e a sua própria ascensão na disputa: “É meu cálculo, minha avaliação, e acredito, francamente, que o segundo turno é muito provável que seja eu contra o Lula, o que permitirá o país discutir as coisas em outro plano”.

IMPACTOS NO IR

Estudo da Fundação Getúlio Vargas, afirma o deputado Frei Anastácio (PT), registra que até 3 milhões de brasileiros serão impactados com as mudanças contidas na proposta de reforma tributária de Bolsonaro, no que se refere a limitar o uso da declaração do imposto de renda simplificada, “resultando em um aumento do imposto”.

IMPACTO NAS EMPRESAS

Não é só o cidadão que será impactado com a proposta de reforma tributária do governo. Frei Anastácio alerta que as empresas terão aumento de 9% na carga tributária. “Representará um peso enorme para as empresas, que já estão passando dificuldades com a pandemia, e demorarão muito a se recuperar”, argumenta.

PRÊMIO OU PUNIÇÃO?

“Essa emenda atende à grande indignação de toda a sociedade. A aposentadoria compulsória trata-se de um prêmio, não de uma punição”. De Frei Anastácio, referindo-se à emenda à reforma administrativa, da qual é co-autor, que proíbe a aposentadoria compulsória, como punição disciplinar, para servidores dos três Poderes.

POR DUAS VEZES

A senadora Daniella Ribeiro (PP) foi provocada a explicar, em entrevista, porque não assinou o pedido de prorrogação da CPI da Pandemia, que investiga indícios de irregularidades do Governo Federal na condução do enfrentamento à covid-19: “Não assinei nem a instalação da CPI. Como líder, segui a orientação do presidente do partido”, justificou.

“SÃO DA OPosição”

Pela declaração de Daniella Ribeiro, entende-se que ela não enxergou motivos que justificassem a instalação da CPI no Senado. Veneziano Vital do Rêgo e Nilda Gondim, do MDB, assinaram o pedido de prorrogação dos trabalhos do colegiado. Daniella relacionou a postura de ambos a questões políticas: “São oposição ao governo”.

APOIO A LULA: PT QUER ABRIR DIÁLOGO COM JOÃO

Presidente do PT na Paraíba, Jackson Macedo revela que defendeu, em reunião com a Executiva nacional do partido, a abertura de diálogo com o governador João Azevêdo (Cidadania) com vistas a conquistar o apoio dele à candidatura de Lula a presidente. “O PT precisa, sim, abrir esse diálogo com ele”, disse.

Bergson Vasconcelos,
Diretor geral do Lacen-PB

“Saúde pública é dinâmica e precisamos ser eficazes e eficientes”

Gestor explica como a pandemia alterou a rotina no Laboratório Central de Saúde Pública do Estado, que chega a receber 3 mil amostras por dia para investigação de casos de covid-19

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

O Laboratório Central de Saúde Pública do Estado da Paraíba (Lacen-PB) tem atuado incisivamente desde o início da pandemia. No espaço, milhares de testes são realizados todos os dias, em uma rotina incessante que visa atender com precisão e rapidez as demandas que o momento exige.

Mas não é só isso, o trabalho voltado à covid-19 segue concomitante aos demais desenvolvidos no laboratório, que existe há 36 anos. Exames que objetivam o monitoramento e diagnóstico das arboviroses, bactérias hospitalares, tuberculose, hanseníase, doenças raras em recém-nascidos, leishmaniose, esporotricose, doença de chagas, entre tantas outras, tornam o lugar essen-

cial para o Estado, realizando exames de interesse de saúde pública que nortearão ações políticas eficazes.

A União conversou com o diretor geral da unidade, Bergson Vasconcelos, sobre a atuação do laboratório em relação à covid-19. O aumento da demanda, a mudança nos processos internos e os desafios enfrentados na atualidade.

A entrevista

Como atua o Lacen?

O Laboratório Central de Saúde Pública do Estado da Paraíba (Lacen-PB) é a referência estadual para agravos de média e alta complexidade de interesse de saúde pública. Ele atua junto aos serviços de vigilância epidemiológica, sanitária e ambiental, dando suporte aos 223 municípios do Estado da Paraíba fornecendo diagnósticos e informações epidemiológicas para nortear as ações de saúde coletiva e controle de produtos e meio ambiente.

Em relação aos testes para covid-19. Quais são realizados?

O Lacen-PB, por ser um laboratório de referência estadual, utiliza o teste de RT-PCR para detecção do material genético do vírus SARS CoV2. A metodologia é considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como padrão ouro para o diagnóstico da covid-19. Vale ressaltar que o Lacen-PB é o único laboratório público que oferta o teste por RT-PCR para toda a rede de assistência no Estado.

O teste de RT-PCR para SARS CoV2 é ofertado na rede de assistência dos 223 municípios e deve seguir os protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde, ou seja, deve ser ofertado para pessoas com síndrome gripal e/ou respiratória aguda ou com sinais sugestivos de infecção por SARS CoV2 que estejam em período oportuno para coleta da amostra. As amostras coletadas entre o 3º e o 7º dia do início dos sintomas, após serem registradas nos sistemas de notificação nacional e no Sistema de Gerenciamento de Ambiente Laboratorial (GAL), são encaminhadas ao Lacen-PB pelos serviços solicitantes para serem analisadas.

Após a triagem das amostras no Lacen-PB, se não forem constatadas não conformidades técnicas e/ou documentais, o analito segue para o Laboratório

de Biologia Molecular (Biomol) onde passará por 4 processos: alicotagem, extrações do material genético, amplificação e interpretação dos resultados. Após a confirmação, os resultados são cadastrados e liberados no Sistema GAL para que o serviço que enviou as amostras se responsabilize pelo envio do laudo até o paciente. Vale frisar que o Lacen não emite laudo diretamente aos pacientes, cabendo ao serviço que enviou as amostras fornecer o resultado de seus exames aos munícipes. Ressaltamos que o tempo médio estimado pelo Ministério da Saúde para a realização dessa metodologia é de 72 horas, a partir do recebimento da amostra viável no Lab. de Biomol.

Como era a rotina no laboratório antes da pandemia e como está o trabalho no Lacen hoje?

Até março de 2020 o laboratório realizava a rotina dos diagnósticos de interesse em saúde pública de forma sistemática e rotineira. Com o início da pandemia da covid-19, houve a necessidade de mudança de gestão, consequentemente mudaram-se as metodologias de trabalho e de fluxos. Iniciamos a realização de testes por biologia molecular em 1º de abril de 2020 com modestos números de 96 amostras analisadas por dia.

Ainda no início da pandemia, o Lacen-PB recebeu a visita do secretário de Saúde, Geraldo Medeiros, e do governador João Azevêdo. Foi a primeira visita de um secretário de Saúde e de um governador, em mais de 20 anos. Essa agradável surpresa foi fundamental para sensibilizar os gestores estaduais sobre a necessidade de investimentos em equipamentos, recursos humanos e adequação física para que pudéssemos expandir as testagens e dar a resposta que os serviços de vigilância a assistência precisavam.

Em agosto de 2020, já em novas instalações e com equipe de especialistas reforçada, o Lacen-PB recebeu o incremento tecnológico por parte do Governo do Estado e do Ministério da Saúde/CGLAB que possibilitou que elevássemos nossa capacidade operacional de 800 exames para 2000 diagnósticos por dia. Para que mantivéssemos esse ritmo de produção foi instituído o 3º turno para o recebimento de amostras do interior e para os setores de Biomol e Central de Materiais e Esterilização (CME). Atualmente o laboratório tem recebido uma elevada demanda de amostras (média de 3000/dia), assim como a rede assistencial, estamos além de nossa capacidade operacional o que acarreta o aumento do prazo de resposta aos serviços demandantes. Algumas estratégias já foram disparadas para mitigar os danos, a exemplo da adequação de fluxos internos e rodízio das equipes técnicas com extensão de carga horária e funcionamento de domingo a domingo. Uma alternativa ofertada pelo Ministério da Saúde é o envio de amostras excedentes para plataformas de testagem sinalizadas pela equipe de logística da CGLAB. De certo, todos os esforços estão sendo feitos para mantermos a resposta oportuna e monitorarmos o comportamento do vírus em nosso Estado.

Como está o acompanhamento das novas cepas do coronavírus aqui no Estado e como o Lacen atua nesse sentido?

Em todo episódio de infecção viral é esperado que se encontrem mutações, reflexo do poder de adaptação do micro-organismo em seus hospedeiros, em se tratando do SARS CoV-2. Por se tratar de um evento mundial, existem cepas que se apresentam com maior potencial de transmissibilidade. Sendo

assim, o Lacen-PB em parceria com a GEVS implantou o Núcleo de Vigilância Epidemiológica e Laboratorial (NVEL), responsável pelo monitoramento genômico das cepas circulantes no Estado da Paraíba desde o início da pandemia. O fluxo para sequenciamento é disparado pelas análises da história epidemiológica realizada pelo NVEL, em seguida, a equipe do Lab. de Biomol avalia os critérios técnicos para encaminhar as amostras aos laboratórios de referência para a realização do sequenciamento. Importante alertar que o sequenciamento genético é uma ferramenta para levantamento epidemiológico, não é indicado para definir diagnóstico e conduta clínica.

Quais os números em relação a testes e exames realizados hoje no laboratório?

Desde o início da pandemia o Lacen-PB já realizou mais de 235 mil testes de RT-PCR, com índice de positividade de 35%. Nas últimas semanas estamos vivenciando um aumento exponencial dos números de amostras recebidas neste laboratório central. Hoje estamos com, aproximadamente, 8.000 testes em análise e com o fluxo de entrada de 2.500 a 3.000 amostras por dia.

Qual o maior desafio do laboratório hoje e qual a análise do Lacen em mais de um ano após o início da pandemia?

O maior desafio para o Lacen-PB hoje é acompanhar o desenvolvimento tecnológico e acomodar as novas tecnologias na atual estrutura física. Entendemos que existe a necessidade de aproximar os diagnósticos laboratoriais de saúde pública aos grandes centros do nosso Estado, principalmente no Sertão e Alto Sertão.

Em mais de um ano do novo modelo de gestão, com o apoio da SES e do Governo do Estado

da Paraíba, o Lacen-PB entrou no mapa nacional dos laboratórios que desenvolveram pesquisas e contribuíram de forma efetiva para o combate ao coronavírus. Podemos pontuar algumas ações impactantes como: Mudança das metodologias clássicas para o diagnóstico molecular dos principais agravos de saúde pública; Incremento do parque tecnológico e fortalecimento do sistema de informações; Implantação do Setor de Engenharia e Manutenção para assegurar o funcionamento dos laboratórios de forma ininterrupta; Reativação do Núcleo de Qualidade e Biossegurança (NQB); Implantação do Núcleo de Pesquisa e Educação, serviço este que em plena pandemia produziu educação continuada e atua na criação de documentos, rotinas e protocolos em consonância com o NQB; Reforço da equipe de especialistas que atuam nas diversas áreas do laboratório; Fortalecimento do Núcleo Administrativo com a inclusão de profissionais com larga experiência em administração pública, compras, faturamento, licitações e segurança jurídica; Implantação da comunicação consciente entre os processos internos com instrumentos eletrônicos de monitoramento de não conformidades, requerimentos, queixas técnicas e formulários de supervisão direta; Reorganização das redes de diagnósticos laboratoriais em agravos de saúde pública a exemplo da Tuberculose e Hanseníase; Criação do Laboratório de Micologia para pesquisa de esporotricose e outros fungos de potencial patogenicidade a exemplo do fungo negro; Expansão dos diagnósticos de doenças raras detectados nos exames da triagem neonatal (teste do pezinho), incluindo o diagnóstico por metodologia atômica no Nordeste; Parceria com a Agência Estadual de Vigilância Sanitária (Agevisa) para reativação do laboratório de bro-

O Lacen-PB oferece suporte aos 223 municípios do estado, fornecendo diagnósticos e informações epidemiológicas para nortear as ações de saúde coletiva e controle de produtos e meio ambiente



Foto: Roberto Guedes



Foto: Divulgação

Trem é a opção de transporte mais barata, segura e rápida

Milhares de pessoas dependem dele, diariamente, para se deslocarem entre Santa Rita, Bayeux, João Pessoa e Cabedelo

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

O ranger dos trilhos anuncia a chegada de mais um trem para sua próxima viagem, com destino para Santa Rita ou para Cabedelo, as rotas existentes na Estação Ferroviária de João Pessoa, no bairro do Varadouro. A malha ferroviária da Região Metropolitana de João Pessoa possui cerca de 30 quilômetros de extensão interligando os municípios de Cabedelo, João Pessoa, Bayeux e Santa Rita em suas 12 estações.

Aos poucos a estação vai acumulando pessoas e suas bagagens, físicas e de histórias, no intervalo de cerca de uma hora entre uma viagem e outra. O meio de transporte ferroviário é de uso mais recorrente por famílias com rendas mais baixas, justamente por ser uma das formas de deslocamento mais baratas. Entretanto, o conforto, a segurança e a rapidez de locomoção também se configuram como pontos essenciais considerados pelos usuários, que conseguem transitar entre quatro municípios, pelo custo de R\$ 2,50, com viagens seguras e "até mesmo ar-condicionado", como menciona Valéria Almeida, técnica de Enfermagem que se divide entre a rotina em Santa Rita e Cabedelo.

"Se não fosse esse trem, eu acho que não estaria mais trabalhando em Cabedelo. Antes eu morava aqui (Cabedelo), mas comprei uma casa em Santa Rita e o trem é a melhor oportunidade para que eu possa continuar no trabalho, porque eu pagava R\$ 2. Como eu ganho um salário mínimo, se

eu fosse tirar para ir de ônibus ou de alternativo, eu ia pagar R\$ 400 ou mais por mês de passagem, quase a metade do meu salário. Atualmente, eu pago pouco mais de R\$ 80 com as passagens de trem (ida e volta)", destacou.

Até o mês de junho, a tarifa do transporte ferroviário custava R\$ 2, entretanto, com o reajuste tarifário de 25% válido desde ontem, a passagem passou a custar R\$ 2,50. Mesmo com a mudança de preço, Valéria Almeida explica que não modifica muita coisa em seu orçamento e ainda conti-

Percurso

Trens transportam, em média, 10 mil passageiros por dia, através de 12 estações

nua sendo a melhor alternativa – apesar de achar injusta a alteração da passagem no meio da pandemia.

Valéria ressalta ainda a segurança que sente no trajeto com o trem e a rapidez do transporte. Ela, que trabalha no Posto de Saúde da Família João Roberto Borges, em Cabedelo, também atua na linha de frente contra o novo coronavírus desde março de 2020, no Hospital Metropolitano. A técnica de enfermagem conta que por vezes aproveita o deslocamento para descansar. "Eu

vou e volto dormindo, com nenhuma preocupação, pois eu sei que não vou ser assaltada. O trem não tem várias paradas como os ônibus. Chego mais rápido, porque o trem não precisa parar em sinal vermelho e nem tem trânsito", contou.

Segundo dados da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), responsável pela administração dos trens, o sistema ferroviário cobre 1.001.485 pessoas, tendo transportado 139,9 milhões de passageiros nos últimos cinco anos. A média diária é de cerca de 10 mil passageiros transportados. O sistema possui quatro locomotivas a diesel e 24 vagões de passageiros. Com a modernização planejada e em andamento, o sistema deve ter seu fluxo aumentado para 33 mil passageiros por dia.

Maria da Conceição, de 49 anos, mora em Cabedelo e usa o transporte ferroviário para se deslocar tanto para João Pessoa, quanto para Bayeux. Ou, até mesmo dentro da própria cidade de Cabedelo.

"Com o trem consigo me locomover para o comércio de João Pessoa, para Bayeux para fazer compras, de Cabedelo para o Poço para visitar a minha família e passear. Às vezes, também uso para ir para casa de outros familiares também em João Pessoa e é legal, não tenho do que reclamar. Faz anos que ando de trem, agora ficou melhor do que quando as pessoas iam fazendo bagunça, bebendo e ficava difícil para gente. Eu não tenho mais do que reclamar. Uso mais o trem do que quaisquer outros transportes", explicou a dona de casa.



Fotos: Marcus Antonius

São cerca de 30 quilômetros de linha férrea por onde são transportados passageiros; serviço de cargas foi desativado



Mesmo com a alta da tarifa que entrou em vigor ontem, o trem é o transporte mais barato para milhares de pessoas

História e potencial das ferrovias

A primeira estrada de ferro da Paraíba foi construída em 1880, durante a monarquia, após um decreto da Princesa Isabel no ano de 1871. A ferrovia consistia em um trecho de 30 quilômetros que ligava João Pessoa a Sapé. A partir de Sapé, a estrada se dividiu para o norte, alcançando Mulungu em 1882 e Guarabira em 1884, partindo até Nova Cruz, no Rio Grande do Norte. Já a divisão da estrada para o sul chegou até Pilar em 1883 e em 1889 fez a ligação da capital paraibana para o porto de Cabedelo.

A Proclamação da República, em 1889, interrompeu a extensão da ferrovia até 1901, quando o Governo Federal negociou a malha ferroviária para a empresa britânica Great Western Railway que estendeu o trem de Pilar a Timbaúba, em Pernambuco. Em Campina Grande, a ferrovia chegou em 1907. Operando até 1957, a Great Western foi uma das principais redes ferroviárias do país, famosa por abrir e explorar vias férreas em todo o Nordeste.

Após a Great Western, com a criação da Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), os trens de subúrbios pararam de funcionar em 1966. Somente em 1982, o governador à época, Tarcísio Burity, conseguiu que os trens de passageiros voltassem a funcionar na capital, mediante negociação com a RFFSA. No início, a ligação dos "trens de subúrbios" do Estado ligavam apenas João Pessoa a Cabedelo, com as estações em Mandaca-

ru e na Praia do Jacaré. A segunda etapa, que contempla Santa Rita passando por Bayeux, surgiu um ano depois. Em 1984, os trens passaram a ser administrados e operados pela CBTU. No entanto, desde 1970 que não existem mais os trens para passageiros de longa distância, fazendo ligações entre João Pessoa e Recife, e Campina Grande e Natal.

Com relação aos trens de cargas, há cerca de 10 anos estes não circulam mais. Eram oito trens de cargas com trajetos diários passando por Patos, Pocinhos, Soledade. A malha ferroviária paraibana tem uma extensão de 616 quilômetros, fazendo divisa com os estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

O presidente do Sindicato dos Ferroviários na Paraíba, José Cleófas, enfatiza que o trem, para o transporte de passageiros, encurta distâncias, polui menos, diminui o congestionamento do trânsito e gera empregos. Já o trem de cargas possui outras vantagens como desafogar as rodovias e ter frete mais acessível.

"A Paraíba era um grande entroncamento ferroviário, pois os trens que partiam de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará entravam no nosso estado trazendo e levando mercadorias", lembrou Cleófas. "O transporte ferroviário pode ser melhor utilizado com forte investimento do Governo Federal tanto para trens de passageiros como de cargas, pois tem uma potencialidade muito grande", completou Cleófas.



Sistema de trens urbanos é composto por quatro locomotivas movidas a diesel e 24 vagões de passageiros

Na moda, 'Chip da Beleza' é usado para emagrecimento

Método polêmico apresentado como emagrecedor milagroso por blogueiros divide opinião de especialistas

Carol Cassoli
Especial para A União

Visto como o novo "famosinho" da internet, o implante subdérmico se popularizou pela alta eficácia na proteção contra gravidez indesejada. Contudo, este método contraceptivo tem se tornado cada dia mais comum por outro motivo: a promessa milagrosa de emagrecimento fácil. Navegando pelas redes sociais, é habitual encontrar as mais diversas profecias de influenciadoras digitais e famosas que divulgam os implantes como seus próprios "segredos de beleza". Apesar disso, o chamado "chip da beleza" faz com que profissionais da saúde discordem, já que, a longo prazo, os resultados de seu uso são inexpressivos.

Por ter efetividade comprovada em mais de 99% e durabilidade prolongada, os implantes hormonais são entendidos como um método revolucionário. Esta classificação, entretanto, divide opiniões. De um lado estão os profissionais que defendem a difusão do recurso por seus benefícios e praticidade; de outro encontram-se os que condenam o uso de implantes devido aos riscos desconhecidos e efeitos colaterais oferecidos pela inserção do objeto no organismo.

Para a médica ginecologista, doutora Ryanne Pinheiro Monteiro, por exemplo, o importante é que as pessoas saibam utilizar os implantes com prudência. De acordo com a especialista, nem todo implante hormonal tem finalidade contraceptiva, mas - quando o objetivo é este - a principal vantagem é o conforto: "Pensando em contracepção os benefícios estão na comodidade. Você não irá tomar um comprimido todo dia, evitando esquecimento e

falhas. Também não se tem os enjoos ou as náuseas que os comprimidos, por exemplo, podem causar."

A ginecologista explica que os níveis de intolerância são mínimos, porque a prescrição é individual e é possível que vários hormônios sejam associados na mesma receita. Por serem personalizados, os bastões não são comercializados pela indústria farmacêutica de alta demanda e são manipulados exclusivamente para cada pessoa. "Para contracepção nós temos a gestrinona, acetato de nomegestrol, nesterone e o etonogestrel", Ryanne observa que, como existem diversas opções de hormônios implantáveis, é possível que pessoas de ambos os sexos e todas as idades sejam a favor do método.

Apesar das vantagens apresentadas pelo uso dos bastões hormonais, a ginecologista observa que o método pode oferecer riscos a pessoas com contraindicações, como gestantes, pessoas obesas e pessoas com doenças hepáticas ou câncer, por exemplo. Segundo Ryanne Monteiro, os efeitos colaterais dependem das moléculas implantadas, mas os casos mais comuns incluem retenção de líquidos, queda de cabelo, seborreia, acne e pequenos sangramentos.

A médica destaca que os bastonetes têm entre 3 e 5 centímetros e liberam, aos poucos, a substância em seu interior. "O implante hormonal é um bastonete que contém hormônio. Funciona liberando pequenas quantidades desse hormônio, que cairá na corrente sanguínea e atuará nas células. Os objetivos do implante dependem do que ele contém; podendo ser para reposição hormonal ou contracepção", explica.



Implante hormonal tem diferentes finalidades

De acordo com o nutrólogo especialista em reposição hormonal, doutor Diego Santos, a confusão, quando o assunto é o popular "chip da beleza", acontece porque tanto o método contraceptivo quanto o aplique com outras finalidades acontece a partir de um mesmo condutor: o implante. "É um erro achar que implante hormonal só existe um. Implante é o veículo; a gente pode colocar várias substâncias, não só hormônios", Diego explica que existem dois tipos de implantes: os não absorvíveis (que devem ser removidos após o fim da validade, que é de, aproximadamente, um ano) e os bioabsorvíveis (que duram cerca de seis meses). Segundo o nutrólogo, o uso destes implantes visa a otimização dos resultados de cada indivíduo; pois muitas pessoas têm deficiências hormonais e cada caso é um caso.

Segundo Diego, o "chip da beleza" não é a mesma coisa que um contraceptivo. Nele, podem ser combinadas diversas substâncias, inclusive a gestrinona - que é o principal componente do "chip" - de acordo com as necessidades de cada mulher. "A gestrinona tem alguns papéis quando implantada no corpo, como ação androgênica, antiestrogênica e liberação de testosterona livre", explica Diego. É por isso que implante de gestrinona pode causar um efeito estético positivo, com ganho de massa muscular, aumento da libido, perda de gordura e redução das celulites. "Quando a mulher chega na menopausa, por exemplo, a gente vê a queda de diversos hormônios e é preciso repor essas substâncias para melhorar a qualidade de vida".

Diego explica que não é interessante reproduzir a expressão "chip da beleza", uma vez que descredibiliza a seriedade do implante hormonal. "Como todo implante é diferente, a quantidade de substância que você coloca dentro do implante também é diferente e é nesse contexto que pode acontecer, justamente o contrário: pode acontecer, justamente o contrário: pele oleosa, acne, queda de cabelo, retenção

de líquidos", o nutrólogo alerta para que as pessoas não caiam em falsas propagandas. "Tudo depende da quantidade de substâncias e se o implante é indicado ou não para aquela pessoa. Então muito cuidado se você achar que vão ser mil maravilhas, porque pode não ser", avisa.

Tendência nas redes sociais, o implante hormonal se popularizou tanto que, atualmente, existem versões voltadas ao público masculino. É comum que os apliques hormonais atinjam os homens e auxiliem na regulação dos níveis de testosterona. Diego explica que é possível melhorar a disposição no dia a dia e até aumentar a libido por meio da combinação de testosterona e tadalafil (substância indicada para disfunção erétil).

De acordo com Ryanne Monteiro, os filetes de hormônios agem como reguladores no organismo masculino. Neles são utilizados cinco tipos de substâncias: gestrinona, testosterona, estradiol, elcometrina e acetato de nomegestrol.

Aplicação

Ao contrário dos implantes prescritos por nutrólogos, no entanto, Ryanne lembra que os contraceptivos têm durabilidade diferente. "Nós temos implantes absorvíveis que duram de 2 a 6 meses e inabsorvíveis que duram de 1 a 3 anos. Eles são aplicados com anestesia local na região glútea ou na região interna do antebraço", explica.

Se usados da maneira correta, os implantes são bem vistos tanto pela comunidade médica quanto pela sociedade. E até é possível realizar o implante contraceptivo pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Ryanne também alerta para os perigos de cair na moda do "chip da beleza" sem o acompanhamento de um profissional responsável. Isto porque, há substâncias que não podem ser aconselhadas para usos distorcidos. "A gestrinona não deve ser utilizada para fins estéticos e sim com indicação médica", finaliza.

Implantes hormonais são aplicados no antebraço ou na região glútea com antessesia e a sua finalidade depende dos tipos e quantidades de substâncias colocadas nos filetes

EFICÁCIA DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS FEMININOS

- Implante subdérmico - 99,9%
- DIU de cobre - 99,2%
- Injeção - 94%
- Pílula anticoncepcional - 91%
- Anel contraceptivo - 91%
- Adesivo hormonal - 91%

FATOS SOBRE O IMPLANTE

- O implante **não** dói;
- Os efeitos colaterais **passam** com o tempo;
- O implante **não** causa infertilidade;
- É possível engravidar **normalmente** após o fim do implante;
- O implante pode causar **alterações** no humor;
- O implante **não** é visível, mas sua aplicação pode deixar cicatriz.

O poder de proteção das máscaras contra a covid

Autoridades de saúde afirmam que a proteção facial é arma fundamental para evitar o contágio pelo novo coronavírus e deve ser usada por todos

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

Contrariando, mais uma vez, as recomendações de órgãos sanitários em todo o mundo, o presidente Jair Bolsonaro fez uma declaração visando a desobrigação do uso das máscaras por pessoas já vacinadas ou que já se recuperaram da covid-19 em um futuro próximo. Apesar das falas do presidente, entidades médicas e representantes da sociedade civil reforçam a importância de não descuidar da proteção que as máscaras proporcionam e dos cuidados pessoais em relação ao novo coronavírus.

Na Paraíba, o médico e coordenador de comunicação do Conselho Regional de Medicina do Estado (CRM-PB), Bruno Leandro de Souza, reitera a mensagem das autoridades sanitárias que preservam a saúde da população. “As vacinas são importantes no combate e prevenção dessa epidemia, porém, nenhuma delas tem uma eficácia de 100%. Mesmo aqueles que já foram vacinados podem ter

a doença ou, mesmo não tendo a doença, podem ser portadores e transmitir para outras pessoas. Ou seja, mesmo aqueles que forem vacinados ou até mesmo aqueles que já tiveram covid-19, e nós sabemos que há uma chance, embora baixa, de reinfecção, é necessário usar

Proteção

Como as vacinas não são 100% eficazes, mesmo as pessoas já imunizadas devem continuar usando as máscaras

esse importante meio de proteção que são as máscaras”, destacou ele.

De acordo com o profissional, é preciso enfatizar que os cuidados devem seguir garantidos ao menos até que mais de 70% da população esteja vacinada em todo o país e que o comportamento social pos-

sibilite mais proximidade entre as pessoas. Para Bruno, até esse cenário, “nós devemos manter todos os cuidados e o uso da máscara é um deles, mas também precisamos evitar as aglomerações, manter distanciamento, precisamos lavar as mãos com álcool em gel, água e sabão. Precisamos também tomar as vacinas quando formos convocados, mediante o critério de prioridade que se estabelece de acordo com cada cidade”.

As máscaras se apresentam como eficientes na proteção ao novo coronavírus através do uso e manuseio correto do material. Por ser um vírus em que a transmissão entre humanos acontece por meio de gotículas, principalmente, a proteção em partes como nariz e boca garante segurança individual e coletiva – no caso das máscaras, fazendo uma barreira para as gotículas contaminadas, por exemplo. É importante ter cuidado também com a região dos olhos e mesmo mantendo as mãos higienizadas, evitar o contato com o rosto.

Um estudo recente da Universidade de São Paulo realizou testes



Foto: Marcus Antonius

Existem diversos tipos de máscaras disponíveis, com variados graus de eficácia de proteção

de eficácia dos mais variados tipos de máscaras de proteção individual disponíveis no mercado e demonstrou o percentual de cada uma delas. As máscaras do tipo PFF2 e N95 possuem uma eficácia de filtragem de gotículas e aerossóis de até 98%. As máscaras de polipropileno (TNT), conhecidas como as descartáveis hospitalares, com duplo ou triplo filtro possuem eficácia de até 90% e as máscaras de tecidos como algodão, por exemplo, possuem uma eficácia de filtragem que varia entre 40% e 60%.

“Muito embora essa porcentagem pareça ser menor, com relação às máscaras de panos, as máscaras mais caseiras ainda sim são importantes no que desrespeito a serem

barreiras, principalmente quando todos utilizam”, observou Bruno. Além das questões dos tipos de máscaras, o médico ressalta a importância do uso correto. “Cobrindo o nariz, cobrindo a região por baixo do queixo, ou seja, toda a boca e toda parte nasal. Essa é uma importante medida, porque, às vezes, nós vemos pessoas que utilizam de forma inadequada e cria uma falsa sensação de segurança. O ideal também é não ficar colocando as mãos na máscara, para inclusive não se contaminar e evitar qualquer tipo de contato direto com outras partes do corpo, como por exemplo, os olhos e a boca, nariz, enfim, para evitar o contágio maior”, finalizou ele.

Eficácia das máscaras

GUIA DOS TIPOS E EFICIÊNCIA

■ Máscara N95/PFF2

Preço médio: de R\$3,90 a R\$25 (unidade)
Eficácia: até 98%

Qual a diferença entre a PFF2 e N95? Na verdade, PFF2 é um padrão e não um modelo específico de máscara. Existem diversas marcas que adotam a produção de máscaras com esse padrão, como a 3M (9820 ou 9320). O padrão indica que as máscaras têm certificado do Inmetro e do MTE. O N95 é o padrão estadunidense, que equivale ao PFF2 no Brasil.

Outras informações: <https://www.pffparatodos.com/>

O uso desse tipo de máscara deve priorizar uma boa vedação, garantindo a segurança. Pode ser combinada com outras máscaras, mas sempre a segunda máscara na frente da pff2, nunca o contrário. Os principais modelos possuem elásticos que devem ficar na nuca e topo da cabeça, mas o médico Bruno Leandro garante que as amarrações laterais (nas orelhas) não são menos eficazes, só é necessário garantir que não há escapes.

■ Descartável camada tripla/dupla (cirúrgicas)

Preço médio: R\$5,79 (cinco unidades) a R\$50 (50 unidades)
Eficácia: até 90%

A máscara cirúrgica de camada tripla é o tipo mais indicado, em relação à praticidade, conforto e proteção. Não são reutilizáveis e devem ser trocadas quando estiverem úmidas.

■ Máscaras de tecido

Preço médio: R\$2 a R\$15 (unidade)
Eficácia: entre 40% a 60%

Segundo a orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS), as máscaras caseiras de tecido devem ter três camadas, priorizando uma de material impermeável (na frente), um tecido para filtrar no meio, como algodão, e outra camada que absorva a água na parte de dentro, também recomendado algodão.

Dentre os tecidos, o algodão é o mais indicado para máscaras caseiras. Sua eficácia de filtragem está nos 40% e o uso de duas máscaras do tecido possibilitam uma filtragem de cerca de 80%. No caso de lycra, neoprene, crochê, tricô e outros tecidos porosos, esses não devem ser utilizados com camada única, pois o material possibilita a passagem das gotículas e aerossóis, não servindo de proteção contra o novo coronavírus.

Com relação à costura, o médico Bruno Leandro enfatiza que quanto menos costura, melhor, pois “há menor possibilidade de se ter poros maiores, de uma forma geral”. Segundo ele, apesar das máscaras de tecido possuírem menor eficácia de filtragem, são indicadas, pois são reutilizáveis, laváveis, de fácil confecção e disponibilidade.

■ Face shield (protetor facial)

Preço médio: R\$12 a R\$49 (unidade)

Eficácia: não protege quando usado de forma isolada

“O face shield deve ser utilizado em momentos de alta exposição, uma aglomeração, por exemplo, ou locais onde circulam muitas pessoas, ou estabelecimentos de saúde, justamente por conta do excesso de contingente de pessoas. Ele nunca deve ser utilizado sozinho, sempre deve ser utilizado com máscara”, explicou Bruno.

■ Onde comprar

Multiquil (multiquil.com.br) - (83) 99118-0182
Av. Júlia Freire, 1371 - Sala 108, Empresarial Atlantis
- Expedicionários (João Pessoa)

■ RA Medic (instagram: ra.medic)
(83) 99380-9706 (Whatsapp)

■ RAVD EPI (ravdepi.com.br)

(83) 98183-6345 (Whatsapp)
Av. João Cândia da Silva, 867, Manaíra (João Pessoa)

■ Central da Construção (centraldaconstrucao.com.br)
(83) 334-4348 (Whatsapp)
R. Pres. João Pessoa, 526 - Centro (Campina Grande)

■ Segurança Total (segurancatotal.com.br)

(83) 3322-7007
Av. Assis Chateaubriand, 2095 - Tambor (Campina Grande)

■ Ferreira Costa (www.ferreiracosta.com/)
Estrada de Cabedelo KM 13, 5 (João Pessoa)
Retirada e frete gratuito para João Pessoa

■ Farmácias Pague Menos (www.paguemenos.com.br/)
Pontos de retirada em João Pessoa e demais locais.





Piancó é uma cidade com história de lutas e resistência



Foto: Antônio David/Arquivo A União

Município no Sertão paraibano é famoso por ter enfrentado a Coluna Prestes e tem a economia baseada na agropecuária

José Alves
zavieira2@gmail.com

Visitar o município de Piancó é conhecer um pouco da história do Brasil. Afinal foi lá que o padre Aristides Ferreira da Cruz, tido como líder dos moradores, lutou e morreu contra o movimento da Coluna Prestes. Um dos maiores eventos militares do século XX, que antecedeu a Revolução de 30.

A Piancó do século XXI oferece aos turistas um roteiro repleto de monumentos, histórias, praças, igrejas e belezas naturais, além de uma gastronomia regional que seduz o paladar de todos que provam. Lá estão abertos à visitação o Mirante de Santo Antônio, que é o padroeiro da cidade, construído próximo a entrada

do município, e o monumento Padre Aristides, que formou um grupo de resistência e enfrentou os soldados da Coluna Prestes. O espaço público fica exatamente por onde os soldados da Coluna adentraram à cidade.

Outro ponto bastante visitado pelos turistas é o Monumento aos Mártires de Piancó. A questão é que o embate entre moradores da cidade e os soldados da Coluna resultou na morte de 12 pessoas em fevereiro de 1926. O evento foi relatado em diversos livros de história, sendo um deles escrito pelo historiador José Octávio de Arruda Melo.

Já o Monumento Cossaco de Piancó apresenta numa pequena praça uma homenagem às pessoas que contribuíram

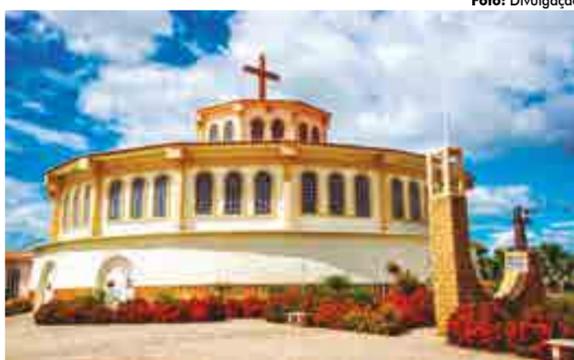


Foto: Divulgação

Igreja Matriz de Santo Antonio, construída em homenagem ao padroeiro da cidade

para construir a cidade e desenvolver a região.

Piancó fica no Sertão paraibano, a 387 km de João Pessoa e o percurso leva em média pouco mais de cinco horas pela BR-230. As cidades mais próximas de Piancó são as seguintes:

Aguiar, Logradouro, Coremas, Emas, Igaracy, Itaporanga, Pedra Branca, Olho d'Água e Santana dos Garrotes. Os habitantes se chamam piancoenses.

No último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o

município contava com 16.075 habitantes, em uma área de 564,7 km². Destaca-se por ser uma das mais antigas cidades da Paraíba e por ser o marco da Coluna Prestes. Nos dias atuais, as principais festas da cidade são a de emancipação política, que se inicia no dia 1º de novembro e se estende até o dia 11, e o Carnaval que é bastante agitado.

De acordo com o secretário de Infraestrutura do município, Sérgio Lacerda, a cidade é composta por pessoas simples e pacatas que em sua maioria sobrevivem da agropecuária, das indústrias têxteis e de algumas microempresas.

Ele informou, ainda, que boa parte dos moradores pertence aos quadros de funcionários públicos municipais e

estaduais ou sobrevivem dos programas sociais do Governo Federal, além dos que têm como renda suas próprias aposentadorias.

Sérgio Lacerda enfatizou que a feira livre do município que é realizada todas as segundas-feiras, é o que mais movimentava a cidade. "Piancó tem as principais ruas do centro asfaltadas, mas a meta do atual prefeito, Daniel Galdino, é asfaltar mais até chegar a 20 ruas asfaltadas. Já temos mais da metade das ruas calçadas e outras sendo pavimentadas", disse o secretário.

Piancó é o município sede da 7ª Gerência Regional de Saúde do Estado e oferece serviços que atendem toda a Região Metropolitana do Vale do Piancó.

Filho ilustre no humorismo

Um dos filhos mais venerados de Piancó, foi o humorista Marcello Piancó. Ele faleceu em março do ano passado, em João Pessoa, aos 54 anos. Estava em tratamento contra um câncer no fígado, no Hospital Napoleão Laureano, na capital. Pelo menos dois dos irmãos do humorista, segundo informações do secretário Sérgio Lacerda, ainda moram na cidade (Lígia e Júnior).

Marcelo Fabio Montenegro Bento de Souza Piancó, natural do município de Piancó, se

mudou para João Pessoa para estudar em 1976. Mesmo formado em Engenharia, ele seguiu a carreira de humorista, ficou famoso e trabalhou em parceria com amigos e também os humoristas paraibanos Cristovam Tadeu, Shaolin e Nairon Barreto.

Marcello Piancó adotou o nome do município onde nasceu

Resistência à Coluna Prestes

A Coluna Prestes foi um movimento político, liderado por militares, contrário ao governo da República Velha e às elites agrárias. Este movimento ocorreu entre os anos de 1925 e 1927. O nome do movimento veio do líder revolucionário marxista, Luís Carlos Prestes "O Cavaleiro da Esperança". Uma das personalidades políticas mais influentes no país durante o século XX.

O foco principal da Coluna Prestes foi a insatisfação de parte dos militares (tenentismo) com a forma que o Brasil era governado na década de 1920. De acordo com eles, era um Brasil sem democracia, movido por fraudes eleitorais, com o poder político nas mãos dos coronéis e da elite agrária e

sempre explorando as camadas mais pobres. Os objetivos da Coluna eram percorrer grande parte do território brasileiro (principalmente o interior), incentivando a população a se rebelar e derrubar o governo do presidente Arthur Bernardes.

Foi entre 5 e 12 de fevereiro de 1926, que o movimento comandado por Luís Carlos Prestes, Miguel Costa e Juarez Távora, passou por 18 municípios da Paraíba. E foi em Piancó, que o padre conservador Aristides Ferreira da Cruz teria incitado a população a lutar contra os rebeldes. Segundo o historiador José Octávio de Arruda Melo, uma batalha foi travada e o padre acabou sendo sacrificado com outros 12 companheiros.

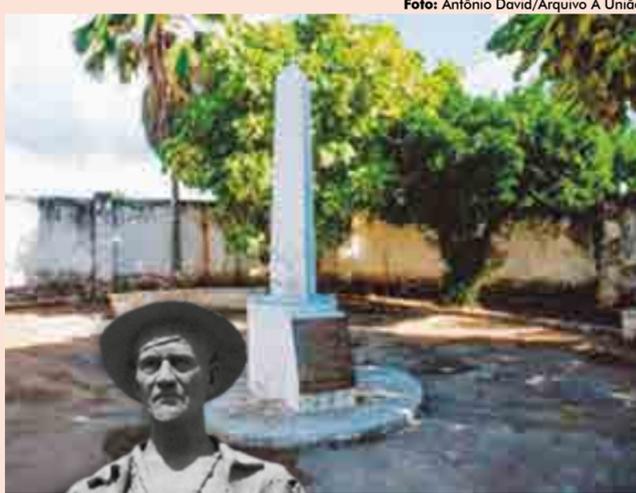
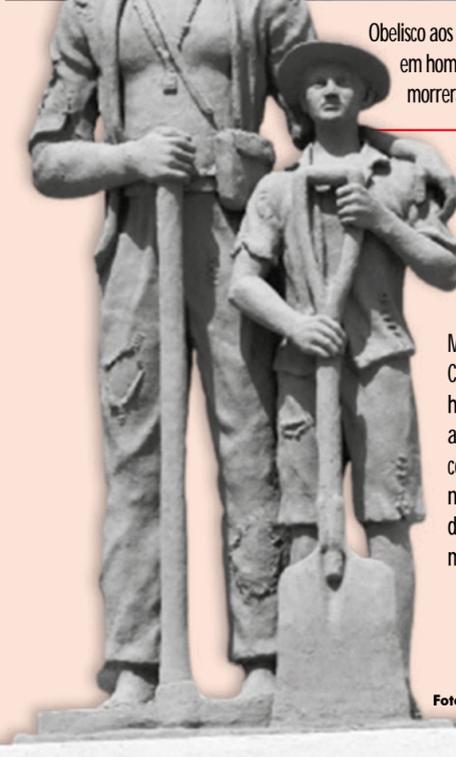


Foto: Antônio David/Arquivo A União

Obelisco aos mártires de Piancó (acima) em homenagem aos que lutaram e morreram contra a Coluna Prestes



Monumento Cossaco de Piancó homenagem às pessoas que contribuíram na construção e desenvolvimento do município

Foto: Divulgação

História

Contam os historiadores que nos últimos decênios do século XVII, a região do Rio Piancó foi desbravada por bandeirantes paulistas e baianos, vindos do São Francisco e do Piauí. Chegando na localidade, eles dividiram as terras entre si. Os indígenas da região - Cariris - se uniram e resistiram numa luta que se estendeu por duas décadas, mas acabaram sendo rendidos. Documentos registram que sobraram nove aldeias cariris, entre elas a de Nossa Senhora do Rosário, que se tornou a sede do município de Coremas e a de São José do Panati, que deu origem a Piancó.

Mas foi o capitão-mor, Manoel de Araújo Carvalho, quem primeiro criou fazendas de gado e construiu casas no vale do rio, no ano de 1748. Por esta razão, a ele se atribui a fundação de Piancó. Em seguida, no ano de 1800, Francisco Dias Gomes, proprietário de uma fazenda de gado, cedeu parte de suas terras para que fosse construída uma igreja dedicada a Santo Agostinho. A construção ficou conhecida como o marco da oficialização da fundação de Piancó. Sua emancipação política foi conquistada em 11 de novembro de 1871, recebendo a denominação de Vila Constitucional de Santo Antonio de Piancó.



Projeto resgata obra inédita de Belchior com poesias musicadas

Financiamento coletivo busca recursos para lançar álbum com gravações do músico cearense cantando poesias do escritor Cruz e Sousa

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Com o desaparecimento de Belchior (1946-2017), no ano de 2007, abandonando a carreira artística, a família e a própria sociedade, o músico cearense certamente buscava, no seu autoexílio, uma chance de ter momentos de paz e anonimato que não experimentava desde a década de 1970. Todavia, a estratégia acabou por torná-lo uma figura ainda mais mítica, e sua morte só a fez aumentar. Com um movimento de completa ruptura com a estrutura que o tornara famoso, a história de Belchior ganha ares heróicos que influenciam na interpretação de sua própria obra, que vai além de seus 17 álbuns gravados.

Todo fragmento artístico que remeta à memória e ao legado de Belchior adquire hoje um véu de preciosidade. Valendo-se dessa característica, um projeto de financiamento coletivo na internet procura levantar recursos para lançar, neste ano, uma obra póstuma e inédita do músico de Sobral (CE). Dois anos antes de Belchior sumir pelo Sul do país e pelo Uruguai, ele realizou uma turnê por dez cidades de Santa Catarina, cantando alguns de seus sucessos, intercalados com letras que havia musicado a partir dos poemas do florianopolitano Cruz e Sousa (1861-1898). O único registro fonográfico das oito versões do mestre do simbolismo que foram musicadas por Belchior está presente em um CD master, no qual ele gravou sua voz conjuntamente com o som de um teclado, para orientar os músicos que o acompanhariam durante a turnê.

O projeto *Belchior Canta Cruz e Sousa*, que até o momento já arrecadou um quarto dos R\$ 88 mil previstos, busca custear o processo de isolamento da voz do cantor e, então, criar arranjos próprios que serão coordenados pelo maestro que produziu oito discos do cearense, João Mourão. Caso atinja a meta que se encerra no final deste mês, o álbum deve chegar ao mercado em 26 de outubro, quando Belchior completaria 75 anos.

Quem está à frente dessa empreitada é o professor emérito da Univer-



Foto: Clovis Cranchi/Estadão Conteúdo

Na biblioteca particular que mantinha em casa, na região central de São Paulo, nos anos 1980: o músico cearense sabia de cor vários dos sonetos de Augusto dos Anjos

sidade Federal de Santa Catarina e grande amigo de Belchior, José Gomes Neto. O acadêmico mossoroense conheceu Belchior 12 anos antes do lançamento de *Alucinação*, considerado um dos mais revolucionários da história da MPB. Chegou ao conhecimento de Belchior, através de matérias jornalísticas em São Paulo, que Gomes utilizava em suas aulas a letra de 'Na hora do almoço', que Belchior havia apresentado em um festival de 1962. "A partir daí, os encontros passaram a ser cada vez mais frequentes. Entre um show e outro, uma temporada e outra, ele costumava ir para Florianópolis para fugir de São Paulo", lembra o professor.

O trabalho realizado em sala de aula causava certa estranheza no meio acadêmico, devido ao uso de uma letra de música. "Evidentemente que essa turma não podia prever que Bob Dylan haveria de ganhar o Prêmio Nobel de literatura", ironiza José Gomes. Foi exatamente esse trabalho que levou ambos a decidir realizar uma completa revisão filológica da obra de Belchior, independente de seu suporte musical. "Belchior sempre sonhou em ser escritor. Na verdade, ele optou pela música porque ele poderia escrever e se divertir, ter relacionamento direto com o público em uma resposta imediata", defende o amigo, autor de *Cancioneiro Belchior*, publicado em 2019.

Belchior mantinha na casa de José Gomes todo seu material de pintura e desenho, além de bicos de pena com os quais ele praticava várias de suas obsessões, como a caligrafia. Com essa habilidade, ele criou ilustrações para a tradução de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e também

do LP no qual ele musicou 33 poemas do Carlos Drummond de Andrade.

"Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro, / ó ser humilde entre os humildes seres, / embriagado, tonto de prazeres, / o mundo para ti foi negro e duro", canta Belchior do poema "Vida obscura", trecho divulgado do álbum *Belchior Canta Cruz e Sousa*. Conhecido como o Dante Negro, o filho dos escravizados alforriados fascinava o músico. "Cruz e Sousa tem uma poética absolutamente refinada. Ele não foi apenas o introdutor do Simbolismo no Brasil: era a tradução universal dos parâmetros estéticos do Simbolismo mundial", explica Gomes.

A obra de Cruz e Sousa não é algo estranho ao trabalho que Belchior realizava na música, pelo contrário. Com formação em filosofia clássica, latim, caligrafia e teologia, o violão e o coloquialismo da MPB eram, na verdade, algo incomum entre os interesses primordiais de Belchior. "Vida, vento, vela / leva-me daqui", que ele canta em 'Mucuripe', demonstra seu gosto por aliterações, assonâncias, repetições tão presentes na obra de Cruz e Sousa. Belchior sempre buscava contextualizar essas referências com imagens de expressão nordestina. É dessa forma que ele relaciona as canções 'Blackbird' e 'She's leaving home', dos Beatles, com o poema 'O Corvo', de Edgar Allan Poe, e ainda 'Like a rolling stone', de Bob Dylan, e 'Assum preto', de Luiz Gonzaga.

Já o verso "Sentado à beira do caminho", da música 'Tudo outra vez', evoca o poema 'Ma Bohème (fantasia)', de Rimbaud. Outra música repleta de referências é 'Conheço meu lugar', que faz menção a García Lor-

ca, poeta espanhol assassinado pelo regime franquista, através do verso "Botas de sangue nas roupas de Lorca". Rimbaud e o seu poema 'Canção da torre mais alta' também foram citados por Belchior em uma de suas canções, 'Os profissionais', de 1988. "Por delicadeza, eu perdi minha vida", escreveu Rimbaud. Belchior acrescentou um "também": "Por delicadeza, eu também perdi minha vida". A poesia falada de Belchior entrou em sua obra justamente para dar um maior espaço para as letras, em detrimento a música. "Eu sou um compositor da nova geração que está interessado em conteúdo", costumava afirmar o artista. "É claro que minhas melodias são melodias fáceis, redundantes, e a minha letra é mais importante que a música, assim como as letras do Chico são mais importantes que a música, e a melodia do Pixinguinha é mais importante que a letra".

Belchior e o poeta do 'Eu'

Podemos achar facilmente no YouTube um trecho no qual Belchior declama 'A Um Carneiro Morto', de Augusto dos Anjos (1884-1914): "Misericordiosíssimo carneiro/ Esquartejado, a maldição de Pio/ Décimo caia em teu algoz sombrio/ E em todo aquele que for seu herdeiro!", entoa com verve o cantor enquanto a banda realiza solos apoteóticos de baterias, metais e cordas. Não é fortuita a menção ao poeta do *Eu*. Fazia parte dos seus planos musicar uma série de poemas do paraibano.

Segundo o professor José Gomes Neto, Belchior sabia de cor vários sonetos de Augusto dos Anjos, que o músico considerava um dos melhores

poetas dentro da área parnasiana.

"Se você observar, a lírica de Belchior contempla muitas referências, muitas citações e alusões ao Augusto dos Anjos", explica o professor. "Nós havíamos selecionado com muita facilidade os sonetos. Alguns desses já haviam sido objeto de referência musical em letras gravadas por Belchior antes. Pensávamos em divulgar o trabalho do poeta que nós amávamos em um suporte musical, o que iria facilitar a leitura do trabalho do Augusto por parte da turma nova, sobretudo porque estávamos a juntar a arte literária com a arte musical. Eram dois suportes a serviço da divulgação do grande Augusto dos Anjos".

O trabalho não era fácil. "A mesma dificuldade que a gente ficou em ler e interpretar o trabalho de Augusto dos Anjos, nós encontramos - até de maneira talvez mais fulcral - na poética de Cruz e Sousa, que era um poeta simbolista, portanto, fugia do realismo do Augusto dos Anjos, jogando o leitor para um universo onírico, interpretativo e metafórico de difícil absorção ou tradução", aponta José Gomes.



Através do QR Code acima, acesse o projeto na plataforma 'Benfeitória'

Fotos: Acervo Pessoal/José Gomes



Da esq. para dir.: professor José Gomes Neto em caricatura feita por Belchior; o cantor e compositor cearense (D) ao lado de José Gomes (E); registro da turnê por SC com a banda Radar, quando Belchior apresentou canções com letra de Cruz e Sousa pela primeira vez

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Júlio Verne e a Terra oca

Uma das histórias de Júlio Verne que mais gosto é *Viagem ao Centro da Terra*. Li pela primeira vez ainda criança numa edição de bolso, com ilustrações. A aventura misteriosa se passa no século 19 e, como as demais obras do escritor francês, é marcada por muita fantasia e exaltação à inventividade do “cérebro científico”. O cientista Otto Lidenbrock decifra um manuscrito escrito pelo alquimista Arne Saknussemm, que contém as instruções de como chegar ao interior da Terra.



Dinossauros na visão da adaptação para o cinema de 1959 da obra 'Viagem ao Centro da Terra'

Ao lado do seu sobrinho Axel, Otto faz uma expedição cheia de contratempos e perigosos desafios. A chegada ao interior da Terra resultará numa descoberta científica de grande importância: os dinossauros, os homens “pré-históricos” e outras espécies que julgávamos extintas ainda vivem no interior do planeta.

Júlio Verne não é pioneiro na ideia sobre vida no interior da Terra, apesar dos méritos de a ter transformado em ficção de científica. No século 17, o astrônomo Edmund Halley defendeu a tese de que o interior da Terra seria habitado por seres vivos e que a aurora boreal aconteceria devido à emissão de gases produzidas por eles.

A ideia de uma Terra oca, povoada por seres vivos, seria sofisticada com o tempo. Alguns místicos e ocultistas acreditam na existência de uma cidade subterrânea chamada Agartha, com seres de inteligência e tecnologia avançadas e oriun-

dos de outros planetas. Nas tradições religiosas orientais, como o budismo e o hinduísmo, existem referências à Shambala, uma espécie de paraíso, onde encontramos a mais alta virtude moral, a paz e a verdadeira felicidade e que teria influenciado a crença em Agartha.

São muitas as histórias sobre vida e civilizações no interior da Terra. Robert Todd Carroll, o céptico norte-americano, conta que no século 19 o místico Cyrus Red Tee teve a visão de uma mulher que

vivia nas profundezas do planeta e que desde então passou a panfletar essas ideias, levando-o à criação de uma espécie de “culto da Terra oca”.

Outros relatos são, a meu ver, ainda mais curiosos. Marshall B. Gardner defendeu uma teoria sobre a Terra oca numa publicação de jornal. Segundo ele, no centro da Terra há um sol de 960 km de diâmetro. Além disso, nos polos terrestres poderíamos encontrar grandes buracos com aproximadamente 1.600 km de largura. Até hoje, porém, nunca foram descobertos. A crença na Terra oca também chegou à Alemanha nazista. Existe uma lenda que Hitler e sua camarilha escaparam através de um dos buracos polares.

Para finalizar, não posso esquecer a contribuição paraibana para a “teoria da Terra oca”. Existe uma lenda sobre um túnel feito pelos antigos sumérios que ligaria a cidade de Sumé (no Cariri paraibano) à mítica cidade do El Dourado no Peru.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Se eu chorar... não se espante!

O ser humano tende a transferir para a arte o próprio sentido de vida, isso se torna uma necessidade espontânea da própria saúde mental e física, de forma a recuperar-se de falhas existências e de recomençar a construção de novos desafios a serem conquistados. Este movimento é ilimitado e aponta à repetição como uma pulsão de recordar-se de angústias que estão na existência. A tendência ao retorno se faz até que o mal-estar tenha sido suspenso e é maior a sua força estática tanto maior seja a resistência de não “saber” superá-lo.

Nesse sistema cíclico, o psicanalista francês Lacan (1901-1981) afirmou que a repetição é o que pode permitir a reescritura de “algo que não se sabe” e, nesse sentido, algo que falta. É um “não dito” e que não habita o espaço de um “Mesmo” possuidor de significado. Na teoria psicanalista de Sigmund Freud (1856-1939), essa “coisa” que se perdeu é constitutiva do sujeito do inconsciente. Diante desse “não dito”, a filosofia da linguagem introduz a necessidade de verificar que o que retorna é sempre novo. As teorias de interpretação da obra de arte permitem a cada observador vê a obra artística como algo que é Outro, pois tem a própria dimensão de “falta”. Essa transferência/estrutura possibilita dar contornos ao mal-estar indizível.

A obra de arte instaura esse encontro entre falta e estrutura, também extrai da realidade as possibilidades que podem ser exploradas ao “novo” e com vários pontos de vista sobre o real, que podem coexistir de acordo com a percepção de cada um. Nesse contexto, a obra de arte rompe com a racionalidade e conduz a sensibilidade do observador construir a própria interpretação do “eu exterior”. O filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) afirmou que a obra de arte é toda aquela que desperta um conjunto de reflexões a partir de vários sujeitos, e que não será mais monopolizada por um único sujeito, e nem pela razão.

Diante dos conflitos das falhas existenciais e psíquicas, a dignidade de existir se constrói a partir da necessidade de um novo significado de invulnerabilidade, a fim de criar ações em suportar-se e mais humanizadas aos relacionamentos, porque é possível unir o tipo de relação que se tem consigo mesmo a própria estética existencial, e permitir-se ser uma obra de arte humana num bem-estar a si



Chaplin: “Um dia sem rir é um dia desperdiçado”

e ao Outro. Nesse conflito, a identidade-fragmentada desse indivíduo separa dele mesmo. Isso o conduz a experimentar os próprios limites de errâncias, que estão na subjetivação. Esse indivíduo se constitui pelas ações com os modos de ser e com as possibilidades de desejos de si para si mesmo, de forma a desaparecer diante de si. Diante dessa angústia... o suporte-se conduz a necessidade de arte ser uma condição vital de existência, e a partir da obra de arte é possível aproximar-se da própria dignidade. Esse indivíduo estético é constituído de sublimação e na liberdade de construir a própria vida como pertencimento numa obra de arte, de forma a harmonizar a relação consigo mesmo e com os outros. Essa atitude se torna um valor estético de beleza existencial.

Concluo com este poema ‘Sangrando’, de Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991):

*Quando eu soltar a minha voz
Por favor, entenda
Que palavra por palavra
Eis aqui uma pessoa se entregando*

*Coração na boca
Peito aberto
Vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida
Que eu estou cantando*

*Quando eu abrir a minha garganta
Essa força tanta*

*Tudo que você ouvir
Esteja certo
Que estarei vivendo*

*Veja o brilho dos meus olhos
E o tremor nas minhas mãos
E o meu corpo tão suado
Transbordando toda a raça e emoção*

*E se eu chorar
E o sal molhar o meu sorriso
Não se espante, cante
Que o teu canto é minha força
Pra cantar*

*Quando eu soltar a minha voz
Por favor, entenda
É apenas o meu jeito de viver
O que é amar*

■ Sinta-se convidado a audição do 325º Domingo Sinfônico, deste dia 4, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças e a vida do pianista polonês Arthur Rubinstein (1887-1982). Em 1894, aos sete anos de idade, Rubinstein teve a sua estreia com peças de Mozart (1756-1791), Schubert (1797-1828) e Mendelssohn (1809-1847). Em 1900, aos treze anos, ele fez sua primeira apresentação com a Filarmônica de Berlim. Em 1906, aos 19 anos de idade, ele estreou em Nova York e iniciou suas apresentações pelas cidades norte-americanas, também pela Áustria, Itália e Rússia. No ano de 1912, fez sua estreia em Londres. De 1916 até 1917, ele fez suas primeiras excursões na Espanha e na América do Sul. Em 1921, Rubinstein voltou às turnês norte-americanas, e, em 1937, visitou os Estados Unidos e se fixou em Califórnia. Durante a Guerra Fria entre EUA e Rússia, em 1964, já naturalizado norte-americano, Rubinstein deu um concerto antológico em Moscou com um programa de Chopin (1810-1849). Ele sempre esteve ativo ao apoio às instituições de caridade e realizava concertos para arrecadar doações financeiras. Em 1961, Rubinstein realizou recitais para arrecadar uma grande quantidade de dinheiro para os Fundos de Emergência para Músicos e para a Associação Nacional para a Saúde Mental. Ele aposentou-se do palco aos 89 anos em 1976, o seu último concerto foi em Londres. Arthur Rubinstein faleceu enquanto dormia na sua casa em Genebra, Suíça.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Ney, 80 anos

Ney Matogrosso fará 80 anos no dia 1º de agosto. No palco, ele mostra a vitalidade. Quando esteve no Teatro A Pedra do Reino, em João Pessoa, com o show *Bloco na Rua*, Ney levantou a plateia com sua performance. Um pavão que surge em Ney, misterioso da canção de Ednardo, e firma-se como um grande pássaro, a transformação mais acertada de uma artista.

De cara lavada e raramente aparecendo em *lives*, o artista conversou com a Rádio Vanguarda do Vale (Ipaatinga, Minas) e eu grudei meus olhos na luz do celular.

De cara, o entrevistador perguntou como ele se mantinha inteiro chegando aos 80. Ney disse que sempre come pouco, faz ginástica diariamente e não tem nenhuma restrição alimentar. Eu sempre soube que comer pouco é sinônimo de saúde.

Eu nem sabia que Ney queria ser ator, revelou ele ao repórter, mas ninguém melhor que ele para estar em cena. Ney fez teatro e musicais. “Tinha uma peça que eu tinha que sair três vezes de cena para voltar na pele de outras personagens”, disse o artista.

Ney disse que a primeira apresentação com os Secos & Molhados, em 1972, já foi “um bochicho”. No início de tudo, cantando na banda, Ney tinha 31 anos.

Quando assunto foi maquiagem, Ney comentou que diziam a ele que o artista não podia andar na rua e ele não queria isso. Começou a se apresentar sempre assim. Contou que nos clubes de grã-finos de São Paulo, no auge da ditadura, sentia certa rejeição. O artista entendeu que estava provocando uma mudança. “Eu estava exercitando a minha liberdade e vocês exercitem a de vocês”, disse ele repetindo o que dizia na época à imprensa.

Quando cantou Cartola, não o fez maquiado.

Em Brasília, Ney ajudou crianças portadores de várias doenças. Um trabalho que engrandeceu ainda mais sua generosidade. Chegou a conduzir crianças em cadeiras de rodas ao zoológico e vários lugares. “Foi a única vez que eu gostei de trabalhar”, disse ele, que também ajudou bastante as pessoas que tem Hanseníase.

Ney Matogrosso canta tão bem, com uma voz de um homem que se aproxima da voz feminina. Toda vez que o artista canta a música passa a ser dele. Não há um Ney Matogrosso *standard*. Ney recria uma canção quando canta. Ezra Pound talvez dissesse sobre o Ney: é um reinventor. Um mestre sem discípulos.

A novidade é que o jornalista Julio Maria, um dos aplaudidos críticos de música do país, ancorado no mar das páginas de *O Estado de S. Paulo*, é quem assina a nova biografia de Ney Matogrosso, que sairá no dia 27 deste mês, pela Civilização Brasileira.

Ney Matogrosso - A Biografia, será um presente para os fãs. Mais um livro sobre um artista ainda vivo e em atividade, e sobre o qual se pesquisará muito mais. São 512 páginas. Biografias, como sabemos, mesmo quando excelentes, são sempre provisórias.

Com mais de 50 anos de carreira, 27 álbuns de estúdio, milhões de discos vendidos, Ney Matogrosso assinou a semana passada com a gravadora Sony Music e vai lançar mais um álbum de estúdio, *Nu Com a Minha Música*, que chegará em agosto.

Ainda na *live*, Ney fala da canção ‘Poema’, que Cazuza escreveu para sua avó quando ele tinha 17 anos. “A Lucinha me ligou dizendo que tinha achado dentro de um livro. É uma das músicas que as pessoas mais conhecem do repertório. Quem botou a melodia foi Frejat”.

Indagado se Cazuza foi o grande amor, ele disse com “o grande não” que teve muitos amores. O que é o amor para Ney? “O amor é que move, o que nos mantém coeso, amor é catalisador de tudo de bom. A paixão é estranha, o amor é diferente, a paixão prova equívocos”.

Ney de Souza Pereira é Ney Matogrosso.

Kapetadas

1 – Em terra de cegos, quem diz que não viu nada é rei.

2 – Ney é epifania, é tecnologia, é bem mais.

3 – Som na caixa: “Pela beleza do que aconteceu há minutos atrás”, de Cazuza.

Foto: Divulgação



Ney Matogrosso na estreia do show 'Bloco na Rua', no Tom Brasil (SP)

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Mesmo sem “câmera russa”, nosso cinema corre perigo

Peço vênia aos quantos me assistem nas domingueiras de cinema, para tocar num assunto deveras grave, quando retornaremos às questões sobre a Sétima Arte, já que a cinematografia é o que importa nesta coluna.

Não dá para acreditar no que estamos vendo nos dias de hoje. Fui do tempo de uma Universidade do livre pensamento, onde e quando se faziam discussões e se construíam ideologias educacionais superiores e sérias, sem qualquer cerceamento de liberdade ou ranço político-partidário, como os que assistimos atualmente por parte do seu comando central. Outrora, uma coisa era uma coisa; outra coisa era outra coisa. Não se misturavam. É como se diz: “Cada um no seu quadrado”. Ao que acrescento: com suas devidas responsabilidades.

Vendo ultimamente a matéria publicada em **A União** sobre o vexame sofrido por uma das entidades mais sérias e importantes da UFPB, a Associação dos Docentes (AdufPB), que há mais de 40 anos existe no recinto da Universidade, e que cresceu ganhando ampla representatividade junto à classe docente, dentro e fora da Paraíba, vem de ser agora ameaçada de expulsão do seu próprio campus. Sem querer adentrar os méritos judiciais (pró e contra) da questão, não dá para se aceitar essa afronta ora perpetrada pelo atual reitorado de tão importante Centro de Educação Superior. E só não se basta tentar camuflar atitudes sectárias afirmando: “Enquanto reitor, tenho um único partido: a UFPB”. Engodo! Por trás disso há o tal “chefão”...

A rigor, e lembrando bem, já não mais existe o uso de uma “câmera russa” de cinema a servir de pretexto às medidas de repressão externa sobre a instituição, fase triste ocorrida durante os tempos nebulosos da ditadura. Mas continua existindo, sim, o que é deveras mais significativo e ne-

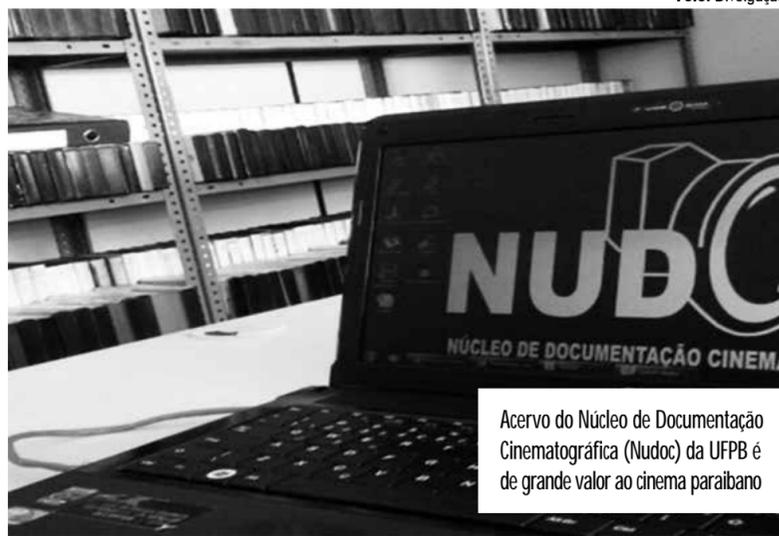


Foto: Divulgação

Acervo do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da UFPB é de grande valor ao cinema paraibano

cessário a uma boa Universidade Pública, sobretudo em cinema, que haverá de ser a mente criativa daqueles que buscam as aspirações libertárias (não no seu sentido estrito, anarquista, mas da real liberdade de expressão) tão imperiosas às artes, em todos os seus segmentos.

E agora lembro de uma conversa que tivemos com o saudoso reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, em seu gabinete, junto com o seu vice-reitor e professor Serafim, ao assinar a nossa portaria em setembro de 1979, para que criássemos o Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc). Dizia Lynaldo da necessidade de ser aquele núcleo um organismo vivo, dinâmico, sem restrições ao pensamento cultural, político ou religioso. O mesmo princípio que adotara também para a criação do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (Nuppo), à mesma época. Todos eles vinculados à Coordenadoria de Extensão Cultural da Pró-reitora para Assuntos Comunitários da UFPB. Lynaldo sempre foi um homem de atitudes, de atos

também empíricos. Liberava as ações de seus comandados num simples pedaço de papel, de onde quer que estivesse. Um prático gestor, daí o gigantismo da UFPB com seus sete campi criados por ele. Mesmo sob os despojos dos tempos de chumbo.

Fico então a imaginar o que será, daqui pra frente, do atilamento criativo na Universidade Federal da Paraíba. Sobretudo, em razão de posições progressistas de seus docentes e discentes, tão necessárias e próprias às artes no âmbito acadêmico. Razão essa que nos leva a advertir: o Nudoc que se cuide! Porque, neste momento, organismos como ele podem ser ameaçados com restrições indevidas, até por serem setores estruturais diretamente subordinados às “Cortes”. Ao contrário de valorosas entidades livres, de importância para o ensino na instituição, como é caso da AdufPB.

Agora, pelo jeito que anda a “carruagem” desse atual governo, coisa boa não há mesmo de se esperar. – Mais “coisas de cinema”, acesse: www.alexasantos.com.br



APC já se articula para novas eleições

A Academia Paraibana de Cinema (APC), através de sua diretoria, já iniciou os contatos com seus integrantes, visando as novas eleições na entidade. A informação é da própria presidente da APC, a atriz Zezita Matos, cuja gestão iniciou em 2018, sendo concluída este ano, na conformação do que prescreve os Estatutos da entidade.

Em razão da atual pandemia, estudos estão sendo realizados para uma nova modalidade eleitoral. “A votação de forma virtual, por exemplo, seria possível a ser realizada”, sugere o vice-titular e professor João de Lima.

Prêmio Rodrigo 2021 faz homenagem ao Patrimônio Cultural do Nordeste

Com inscrições abertas até 15 de agosto, a 34ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade faz homenagem ao Patrimônio Cultural do Nordeste. Promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o concurso nacional vai premiar com o valor de R\$ 20 mil dez ações de excelência na preservação e salvaguarda do Patrimônio Cultural, além de reconhecer duas iniciativas com menção honrosa.

Na última edição do prêmio, o Nordeste venceu com seis ações entre as 12 que foram reconhecidas com o Prêmio Rodrigo. O edital é aberto a ações que contribuam com a preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro de todas as regiões e nas suas variadas manifestações.

Poderão concorrer à premiação de R\$ 20 mil ações desenvolvidas no âmbito do poder público, cooperativas e associações formalizadas, redes e coletivos não formalizados, pessoas físicas, mi-

croempreendedor individual e microempresa. Fundações e empresas privadas poderão ser indicadas a menção honrosa, segmento no qual não há remuneração em espécie.

Para participar, os proponentes deverão acessar o formulário de inscrição, disponível no site do Iphan, até o dia 15 de agosto. As ações serão avaliadas, inicialmente, nas comissões estaduais, compostas por representantes das diferentes áreas culturais de cada estado e presididas pelos superintendentes. Iniciativas vencedoras na etapa estadual serão analisadas pela Comissão Nacional de Avaliação, formada pela presidência do Iphan e por 20 jurados que atuam nas áreas de preservação ou salvaguarda do Patrimônio Cultural.

O resultado da etapa regional está previsto para final de outubro. Já as dez ações vencedoras em nível nacional e as duas menções honrosas serão divulgadas em dezembro.

O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade 2021 ho-



Foto: Acervo Iphan

No patrimônio imaterial, o frevo é um dos bens culturais reconhecidos no Brasil

menageia o Patrimônio Cultural do Nordeste. A região possui inúmeros bens tombados reconhecidos pelo Iphan nos primeiros anos de atuação do Instituto. Formado por uma grande diversidade de elementos, se destacam os bens reconhecidos como Patrimônio Mundial pela Unesco: os centros históricos de Olinda (PE), São Luís (MA) e Salvador (BA), além da Praça de São Francisco, em São Cristóvão (SE).



Através do QR Code acima, acesse o formulário de inscrição no site do Iphan

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Irani e Aroaldo

Faz bem Aroaldo Sorrentino Maia em reunir seus registros de memórias no volume *A rosa no batente* (João Pessoa: Ideia, 2021), coligindo textos que publicou em **A União** e em *O Combate*, nas décadas de 1980 e 90.

Ano passado já fizera o mesmo, lançando a coletânea *Grafites*, no tentamen, quem sabe, de organizar uma produção dispersa que poderia ficar sepultada sob a poeira dos vetustos arquivos de jornais, se é que existem, de fato, esses vetustos arquivos de jornais. Nunca foi hábito de nossa cultura zelar pela memória. Por isto mesmo, o crítico Franklin de Oliveira escreveu seu indispensável livro *A morte da memória nacional*, em edição da Civilização Brasileira, de 1967. Se no primeiro intento, Aroaldo distende mais seu olhar acerca do universo factual da vida cotidiana, aqui, procura seguir, em especial, o fluxo das memórias de quem viveu certas experiências com fatos, coisas e seres da vida cultural e antropológica. Através de seu olhar, atento à singularidade dos fenômenos e das pessoas, dos hábitos e das crenças, atitudes e comportamentos, pode-se captar o espírito de época e se ter, registrados, já em fonte perene, a atmosfera histórica e o ethos de uma cidade. A infância, os amigos, os lazeres, as cerimônias, a paisagem, os sentimentos, enfim, todo um espectro bastante variado de motivações alicerça os fios condutores da palavra jornalística que se transmuta em verbo literário. Os livros, a leitura e a memória, que permeiam os deslocamentos de algumas reflexões, apontam para a figura do leitor dedicado. As epígrafes de Drummond, Caio Fernando Abreu, Borges, George Sand, Cervantes, Gabriel García Márquez e Proust constituem sinais evidentes de que o autor, na sua simplicidade e despreensão, também sabe dos prazeres e da ventura de conviver, em intimidade espiritual, com gente dessa estirpe rara e preciosa. Livros como *A rosa no batente*, na sua perspectiva de documentar o vivido pelo filtro mágico da recordação, portanto de incidências líricas, podem abrir outros ângulos de visão para o passado. Os textos, que oscilam estilisticamente entre o artigo, a crônica, o testemunho, a simples evocação, cristalizando aspectos relevantes de um determinado período histórico e cultural, podem se converter em fontes de pesquisa para estudos vários que objetivem o conhecimento do imaginário social.

Penso, aqui, em muitos daqueles que, aqui na Paraíba, passaram a vida dialogando com a realidade nas páginas dos jornais e, em momento oportuno, tiveram a lucidez de coletar, em livro, esses dispersos do dia a dia. Creio que Aroaldo Sorrentino Maia, natural de Sapé e há muito tempo radicado em João Pessoa, deve se chegar à casa dessa tradição e lá encontrar figuras, como Aurélio de Albuquerque, Higinio Brito, Epitácio Soares, Antônio Freire, Hortênsio Ribeiro, Chico Pereira, Domingos Azevedo, Ernani Sátyro, Celso Mariz, Osias Gomes, Severino Ramos, Carlos Romero, Wellington Aguiar e tantos que já se foram, embora permaneçam na utilidade sociológica e literária de suas páginas.

Irani Medeiros é figura conhecida nos meios intelectuais e boêmios da cidade. *Augusto dos Anjos: uma pequena biografia* (Itabuna/BA: 2021) é seu mais recente lançamento, no quadro de uma obra que vem desenvolvendo ao longo de sua vida, distribuída entre a poesia, com diversos títulos publicados, a pesquisa da cultura popular em torno de nomes como Leandro Gomes de Barros, Fabião das Queimadas e Pinto do Monteiro, entre outros, assim como pequenos ensaios biográficos.

Augusto já tem alguns biógrafos. R. Magalhães Júnior decerto é o mais completo, embora não se devam esquecer as contribuições de Francisco de Assis Barbosa, Humberto Nóbrega, Ademar Vidal, Orris Soares, De Castro e Silva, Antônio Houaiss, Fernando Melo e muitos dos verbetes biobibliográficos de enciclopédias, dicionários e antologias que registram a presença incontornável do poeta. Sem grandes pretensões, focado no escopo eminentemente didático e propedêutico, tomando, tudo leva a crer, o jovem estudante como destinatário especial, Irani Medeiros revisa certas informações, sintetiza certos episódios, define certas situações fundamentais da vida do poeta, destacando o papel da família, principalmente do pai; os momentos da juventude, os dias na Faculdade de Direito do Recife, a figura do professor; a ida para Leopoldina e a morte do poeta. Integra também o opúsculo uma pequena antologia, iniciada pelo soneto *Saudades*, o primeiro a ser publicado por Augusto dos Anjos, no *Almanaque da Paraíba*, de 1900. Reforçam o valor desta seleta mínima sonetos, como *Vozes da morte*, *A árvore da serra*, *Debaixo do tamarindo*, *Vandalismo*, *Ricordanza della mia gioventú*, *O lamento das coisas* e *O último número*, sem dúvida, alguns dos mais bem realizados da poética anjelina. Cronologia, sugestões para a sala de aula, iconografia e referências bibliográficas completam o pequeno volume que esse sertanejo de Pombal preparou com o objetivo de auxiliar aqueles que almejam conhecer a vida e a lírica daquele poeta “que ficou sozinho / Cantando sobre os ossos do caminho / A poesia de tudo quanto é morto”.

Livro sem pretensão de altos fôlegos exegéticos. Quase um sumário. Apenas um pequenino portal para a vastidão vocabular e para o firmamento metafórico que sedimentam a geografia encantatória da poesia deste que é, incontestavelmente, um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Filme sobre B.B. King pode ser visto de forma gratuita hoje

Documentário 'Black, White and Blues' conta como o músico venceu a sua maior batalha com três acordes e algumas notas

Julio Maria
Agência Estado

Um dos últimos bluesmen legítimos conhecidos mundialmente, B.B. King se foi em 2015, aos 89 anos, depois de trilhar uma impressionante trajetória. Hoje, só o também guitarrista Buddy Guy, 84 anos, pode lotar casas de shows longe de casa. Homem negro saído da região racista de Indianola, Mississippi, perdeu pai e mãe muito cedo, trabalhou nas lavouras de algodão para sobreviver, viveu sozinho dos nove aos 14 anos, tocou nas ruas, apanhou por entrar em banheiros de brancos, ousou arranhar as cordas do violão de um reverendo deixado sobre a cama da casa em que vivia, migrou para fazer suas primeiras gravações em Memphis e se tornou uma lenda em vida. B.B. King veio muitas vezes ao Brasil e, ao menos em dez delas, se apresentou na casa de shows Bourbon Street Music Club, em Moema, se tornando o padrinho do estabelecimento. Generoso com jovens estudantes, paciente com jornalistas, recebeu muitos deles em suas vindas e deixou relatos cada vez mais importantes para se entender o legado do blues, a cultura afro-americana mais decisiva e onipresente na formação de todas as outras culturas populares ocidentais de massa, a partir do início do século 20.

B.B. King, em sua visita de 2004, falou também ao produtor e diretor de cinema e TV Ricardo Nauenberg. O conteúdo com o áudio das entrevistas foi editado, juntamente com imagens de um show e cenas de arquivo das épocas narradas pelo músico, e transformado em um documentário. Dezesete anos depois da vinda do guitarrista, o filme *Black, White and Blues* pode ser visto de forma gratuita na plataforma neste domingo na ZYX (www.zyx.solutions).



Foto: Divulgação

Validação do músico nos EUA só aconteceu depois de os brancos ingleses mencionarem a sua importância: "Se você é um músico de blues e é negro, é como se você fosse negro duas vezes", disse King

Depois, ele permanece disponível ao preço de R\$ 10.

As músicas que surgem ao fundo da narração não são de B.B. King, algo que pode causar alguma estranheza inicial, e o guitarrista só aparece falando mesmo, em close, ao final do documentário. Mas, apesar de ele já ter contado muitas das histórias ao lado de David Ritz em sua ótima autobiografia *Corpo e Alma do Blues*, lançada no Brasil em 1999, o conteúdo é de enorme impacto ao ser narrado pelo próprio músico.

Ele fala de sua infância com bom humor, apesar dos tons que poderiam deixá-la trágica. Conta que, antes da morte da mãe, seu primeiro contato com um instrumento se deu na casa dos pais. Eles recebiam para jantares de domingo o reverendo Archie Fear, que sempre chegava com o mesmo violão que usava nas celebrações batistas que conduzia na igreja local. Quando a mesa estava posta, Fear deixava o instrumento na cama do quarto e B.B. King, então chamado pela família pelo nome de batismo, Riley,

mexia em suas cordas. Até o dia em que foi surpreendido. "Ele me ensinou três acordes. Acordes que uso até hoje." Era a sequência básica do blues, sobre a qual repousaria seus solos pelos próximos 80 anos.

B.B. King seguiu indo para a escola após a partida da mãe, mas trabalhou bastante para a mesma família. "Eu ia para a escola depois de ordenhar 20 vacas por dia." Depois de aprender a dirigir um trator, ainda em Indianola, se tornou um popstar. "Um motorista de trator era como uma estrela na época", conta, sorrindo. Foi

quando passou a ganhar 22 dólares por semana, o que não era pouco, mas que logo seria menos do que passaria a receber tocando nas ruas para o espanto de passantes negros e brancos. "Isso me fez ter outro plano de vida."

Alguns traços da personalidade do guitarrista ficam evidentes em sua narrativa. Ao contrário do que se idealizou sobre sua imagem, B.B. King nunca foi um militante racial de liderar massas. Ele conta ter tido sempre mais simpatias pelo humanismo de Martin Luther King do que

pelo belicismo de Malcom X e revela ter feito muitos shows para "arrecadar dinheiro para tirar pessoas da cadeia." Seu engajamento era sua própria existência. Mesmo sem discursar nos palcos, sua aura pacifista desarmava os meninos brancos de cabelos compridos ao ponto de fazê-los todos lotarem um clube de blues em São Francisco.

Ao chegar para a apresentação e avistar a fila na porta, ele disse ao empresário: "Acho que estamos no lugar errado". Mas não, era ali mesmo. Os jovens brancos norte-americanos, depois de ouvirem os ingleses do Who, dos Rolling Stones e dos Beatles falando de B.B. King, e ainda Eric Clapton, Jeff Beck, John Mayall, Animals, Jimmy Page e todos querendo ser B.B. King por ao menos alguns compassos, correram para saber quem era B.B. King. A história não deixa de ser triste: a validação do músico nos Estados Unidos só acontece depois de os brancos ingleses dizerem que ele prestava. A validação dos negros não bastava.

Anos antes da noite em São Francisco, na qual B.B. King chorou copiosamente depois de ser apresentado com reverências reais no início do show, ele foi vaiado violentamente na mesma situação. Aquilo o destruiu. Além de ser negro, era um bluesman. E assim, ele conclui: "Se você é um músico de blues e é negro, é como se você fosse negro duas vezes".



Através do QR Code acima, acesse a plataforma de 'streaming' ZYX

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Se todas as pessoas lessem poesia...

Um poema pode nos tirar do "sério", nos tornar eternamente adolescentes, amorosos, comprometidos com rosas e cruzeiros do mundo.

Um poema é como uma noção de um possível Deus: é pai e mãe. Um poema desconstrói nossos tensos orgulhos e prepotências.

Quando frequentava praças, ruas, calçadas, parques e todos os ares do Rio de Janeiro, aprendi que o coração político comporta a filosofia, que a beleza de um filme em preto e branco revela tantos tons quanto todas as cores.

Aprendi que o 'Anônimo do século 17' - que toquei em meu show com Cleodato Porto, 'Puxa-puxa' ou 'Música contemporânea da cidade de João Pessoa' - é redescoberto quando um "rapper" passa pelo porto do Recife e acena em direção ao tudo.

Em tudo isso, há poesia. Sei que o belo anônimo não é apenas um.



Se todos ouvissem Victor Jara cantando "Te recuerdo, Amanda..." "La calle mojada, corriendo a la fabrica donde trabajaba



Foto: Divulgação

Manuel"... O sangue das vítimas da ditadura de Pinochet nunca sairá da memória.

Se todos lessem Carlos Drummond... Se todos olhassem a aurora como se fosse mensagem de deuses... Se todos tocassem a mão do irmão como se fosse a da mãe, do filho, do pai... Se todos lessem e fizessem poesia... Penso isso ao ter tirado da gaveta o papel que achei no chão do quarto em Cruz das Armas, que imprime com um trecho em prosa de Mário Quintana:

"Eu acho que todos deveriam fazer versos. Ainda que sejam maus. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte

poética é sempre um esforço de autossuperação e, assim, o refinamento do estilo acaba trazendo a melhoria da alma. E, mesmo para os simples leitores de poemas, que são todos eles uns poetas inéditos, a poesia é a única novidade possível. Pois tudo já está nas enciclopédias, que só repetem estupidamente, como robôs, o que lhes foi incutido".

Lembrando Christian
Filho da atriz Ruth Escobar

(foto), Christian, passou uma semana em João Pessoa, foi aos Estados Unidos, voltou ao Brasil e morreu em Belo Horizonte. Não houve tempo de fazer transplante de fígado.

Tenho saudades, sim, de Christian Escobar - de seus poucos, mas ótimos poemas -, mas não ando à procura do possível tempo perdido e usei algumas recentes horas da madrugada para ler Victor Hugo: *Os trabalhadores do mar*. O personagem Gilliat me fascinou tanto quanto o anônimo do século 21, com o nariz e os lábios feridos, usando uma boina talvez francesa, em noite do Centro Histórico.

Geleia geral

Imagem: Divulgação



■ ■ ■ Autor de "Te recuerdo, Amanda", o chileno Victor Jara - assassinado pela ditadura de Pinochet - foi influenciado por Violeta Parra e o poeta Pablo Neruda (ilustração).
■ ■ ■ Há 60 anos. Em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou à Presidência sete meses depois de assumir. Justificativas para a atitude: "forças ocultas".
■ ■ ■ "Not so much impassive. / Just imagine! / Immense illumination... / I'm an imaginary imagination... / Not yet

immaculate... / Imagine me / in immoderate / imminence... / Impassioned?... / Not so much impassive. / Just imagine! / Immense, / imperishable illumination?..."
■ ■ ■ A quase canção (acima) de minha autoria é dedicada a todos os que procuram na ausência de preconceitos uma maneira enfrentar os desafios poéticos e ideológicos da próxima década.
■ ■ ■ Terminada a pandemia, Ney Matogrosso fará turnê nacional.



Foto: Pablo Valadares

Seis paraibanos ocupam cargos influentes no Congresso Nacional

PB está em quarto lugar no número de funções de destaque nos espaços estratégicos do Senado e da Câmara dos Deputados

Jorge Rezende
jorgerezende.imprensa@gmail.com

Dos quinze parlamentares (três senadores e 12 deputados) que compõem a bancada paraibana no Congresso Nacional, seis deles estão na lista dos chamados "cargos influentes" no Poder Legislativo federal brasileiro, que congrega o Senado Federal e a Câmara dos Deputados em Brasília, no Distrito Federal.

De acordo com um perfil geral elaborado pelo Congresso Nacional para apontar os "cargos influentes" nas duas Casas, existem 114 cargos considerados mais importantes na estru-

tura do Poder Legislativo federal. Lembrando que, no total, são 513 deputados federais e 81 senadores cumprindo mandatos em Brasília. No ranking dos cargos de influência, a Paraíba, com uma bancada considerada pequena, é destaque. Dentre as 27 unidades da federação, a Paraíba está em quarto lugar no número de cargos de influência ocupados, num total de sete (esse número acontece porque, dos seis parlamentares paraibanos da lista, o deputado Federal Hugo Motta, do Republicanos, acumula o comando de dois desses cargos de destaques).

A Paraíba só fica atrás de outros três estados: Pernam-



Foto: Agência Câmara

Hugo Motta acumula cargos apontados como de influência na Câmara, no DF

buco, com onze cargos de influência; São Paulo, com nove cargos; e Bahia, com oito parlamentares. "Cabe ressaltar que a influência não se restringe à ocupação desses cargos, mas

consideramos o critério institucional como norteador", explica o documento divulgado pelo Congresso Nacional.

A Região Nordeste lidera na ocupação de cargos com influência no Legislativo federal. Os estados de Pernambuco, Bahia, Paraíba, Alagoas, Ceará e Maranhão estão entre os dez com mais cargos, somando 47 parlamentares. São Paulo é o segundo, com nove nomes na lista. Conforme o perfil geral divulgado, são considerados influentes os presidentes, vice-presidentes e secretários das Casas legislativas, líderes partidários e de bloco, do governo e da oposição, e os presidentes

das comissões temáticas permanentes, tanto na Câmara dos Deputados, quanto no Senado Federal, que, com apoio dos seus pares, foram indicados e eleitos para exercer as funções.

Também são considerados decisivos os senadores e os deputados que compõem as mesas diretoras no Congresso Nacional, as comissões mistas, os vice-líderes do governo e vice-líderes partidários, os vice-presidentes de comissões temáticas e coordenadores de frentes parlamentares, além das comissões mistas permanentes sobre Mudanças Climáticas; a de Controle e Atividades de Inteligência; e a Comissão

do Senado do Futuro (que foi excluída do grupo para evitar duplicidade e garantir representatividade na avaliação).

"Excepcionalmente, pelo caráter temporário da composição, também não foram considerados a Comissão Mista de Orçamento, seu relator e sub-relatores e os coordenadores de bancadas estaduais, que exercem influência no Legislativo", explica o levantamento do Congresso, ressaltando: "Destacamos que esses parlamentares têm papel importante para internalizar, pautar, negociar e decidir sobre as demandas específicas e gerais que surgem na sociedade".

Estado tem representação na mesa diretora do Senado

A bancada de senadores paraibanos em Brasília é integrada por Veneziano Vital do Rêgo (MDB), Daniella Ribeiro (Progressistas) e Nilda Gondim (MDB). Os dois primeiros estão na lista dos cargos influentes do Congresso Nacional. Veneziano é o primeiro-vice-presidente da mesa diretora e Daniella lidera a bancada do Partido Progressistas.

A mesa diretora do Senado Federal é composta por onze cargos, entre titulares e suplentes, sendo o presidente

e dois vice-presidentes; quatro secretários e igual número de suplentes. A mesa diretora da Câmara dos Deputados também tem o mesmo número de integrantes e a formação do que ocorre no Senado. Porém, a Paraíba não registra nenhum representante.

O primeiro-vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rêgo, também é o presidente do MDB na Paraíba. Antes de chegar ao Senado Federal, foi vereador e depois foi prefeito de Campina Grande

por dois mandatos. Também foi deputado federal.

Já a senadora Daniella Ribeiro, líder da bancada do Progressistas no Senado, já foi vereadora, deputada estadual e está em seu primeiro mandato no Senado. De família com tradição política na Paraíba, sempre foi filiada ao Progressistas.

Os líderes são representantes de partidos ou blocos. Eles têm preferência no uso da palavra durante a discussão de matéria e podem orien-

tar os votos, além de indicar os membros das comissões. Assim como o presidente da República pode indicar um líder do governo, que fará as orientações conforme o governo, há o contraponto: o líder da oposição que é indicado pelo bloco parlamentar ou pela

representação partidária com maior número de representantes no Senado Federal e que faça oposição ao governo.

Ambos com as mesmas prerrogativas, podendo designar líder e vice-líderes, orientar votações e participar do Colégio de Líderes, sem prejuízo da

atuação específica dos partidos e blocos. A maioria é integrada por bloco parlamentar ou representação partidária que represente a maioria absoluta da Casa, e a minoria será aquela integrada pelo maior bloco parlamentar ou representação partidária que se lhe opuser.



Fotos: Agência Senado

Veneziano Vital do Rêgo é o primeiro-vice-presidente do Senado e Daniella Ribeiro lidera a bancada do Progressistas

Quatro lideranças na Câmara são de deputados da Paraíba

Na Câmara dos Deputados são 27 líderes partidários e quatro deputados federais paraibanos respondem por lideranças. Assim como no Senado, na Câmara os líderes são representantes de partidos ou blocos, que também têm preferência no uso da palavra durante a discussão em plenário e podem encaminhar os votos, além de indicar os membros das comissões. A diferença é que eles podem participar dos trabalhos de qualquer comissão permanente de que não seja membro, mas sem direito a voto.

O deputado federal Hugo Motta acumula duas lideranças. Além de liderar a bancada do seu partido, o Republicanos, ele também é o líder do maior bloco parlamentar na Câmara, que é composto por 15 partidos: PSL, PL, Progressistas, PSD, MDB, PSDB,

Republicanos, DEM, Solidariedade, Pros, PTB, Podemos, PSC, Avante e Patriota.

Médico, Hugo Motta está em seu terceiro mandato de deputado federal. Já foi vice-líder do seu partido e presidiu a Comissão de Fiscalização Financeira e Controle (CFFC).

Outro com cargo influente no Congresso Nacional é o deputado federal Aguinaldo Ribeiro (Progressistas). Administrador, ele é líder da bancada da maioria. Está em seu terceiro mandato. Na Câmara dos Deputados, já foi líder de partido e também líder do governo do ex-presidente Michel Temer (MDB). No Poder Executivo Federal, Aguinaldo foi ministro das Cidades do governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT).

O deputado federal Wellington Roberto é outro

destaque paraibano no Congresso. Ele responde pela liderança do Partido Liberal. Empresário, ele está no quinto mandato. Foi líder do partido e vice-líder de bloco partidário. Também foi eleito suplente de senador e assumiu o cargo em 1998.

Por fim, o líder do Democratas é o deputado federal Efraim Filho. Advogado, ele está no quarto mandato. Também já foi líder e vice-líder da legenda. Presidiu a Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado.

Mesmo ocupando espaço considerável nos cargos influentes do Congresso Nacional, a Paraíba não tem, atualmente, nenhum representante presidindo alguma das 13 comissões permanentes do Senado ou das 25 comissões na Câmara dos Deputados.



Fotos: Câmara dos Deputados

Aguinaldo Ribeiro é líder do bloco da maioria; Wellington Roberto lidera o PL; e Efraim Filho comanda o Democratas

Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA FM 105,5

TODA SEGUNDA - FEIRA AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba

Aponte a câmera

Cota de 15% no Legislativo divide lideranças femininas

Proposta está em debate na Câmara e provocou um embate entre entidades da sociedade civil e líderes feministas no Congresso

Cássia Miranda
Agência Estado

A reserva de 15% das vagas no Legislativo para mulheres - proposta na reforma eleitoral em debate na Câmara dos Deputados - provocou um embate entre entidades da sociedade civil e lideranças feministas no Congresso, destaca o Estadão. Movimentos que atuam para fortalecer a participação política das mulheres apontam o risco de retrocesso na representação feminina caso o texto seja aprovado. A reivindicação é pela ampliação dessa cota para pelo menos 30%.

O mínimo de 15% das cadeiras nas Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas e na Câmara dos Deputados para mulheres está previsto no parecer da relatora da reforma eleitoral na Câmara, deputada Renata Abreu (Podemos-SP).

A ideia da relatora é ampliar progressivamente esse piso de 15%, que seria válido já nas eleições de 2022, para 17%, em 2024, e 20% em 2026. "Apresento o texto nas próximas semanas, antes do receso parlamentar (em julho)", afirmou Renata, que também é presidente do Podemos.

A Frente pelo Avanço dos Direitos Políticos das Mulheres, formada por 135 entidades políticas, associações, ONGs, grupos de pesquisa e movimentos sociais, lançou um manifesto definindo a reserva mínima de 15% "como retrocesso por já ser a média atual". "Uma legislação de cota de assento só é aceitável se partir de 30%", disse Flávia Biroli, professora do Instituto de Ciência Política da UnB, reiterando os argumentos da Frente.

Nas eleições do ano passado, 900 municípios - do total de 5.570 - não elegeram nenhuma vereadora, embora as mulheres sejam 52% do eleitorado. Apesar do número elevado de cidades sem representação feminina, as mulheres ocupam atualmente 16% das cadeiras nas Câmaras Municipais; 15,2% nas Assembleias e 15% na Câmara dos Deputados.

A reserva de vagas para mulheres é comum em outros países. A experiência mundial, porém, adota cotas entre 30%

e 40% para garantir uma "minoridade crítica", ou seja, capaz de interferir de fato no rumo das decisões.

De acordo com as normas hoje em vigor no Brasil, os partidos são obrigados a destinar 5% do Fundo Partidário (espécie de "mesada" de verba pública para custear as despesas gerais das legendas) para incentivar a atuação das mulheres, além de 30% dos recursos do Fundo Eleitoral (previsto somente em ano de eleições) para candidatas mulheres. No ano passado, por exemplo, foram destinados R\$ 2 bilhões aos partidos.

Nas eleições de 2018, as primeiras a valer já com a regra dos 30% do Fundo Eleitoral, foram 9.204 candidatas na disputa por cargos, mas apenas 290 foram eleitas no Executivo e Legislativo. Apesar de o Brasil estar entre os países mais desiguais no ranking internacional (mais informações nesta página), o resultado das eleições de 2018 representa um avanço de 52,6% em relação a 2014.

Essa evolução foi resultado direto da reserva de 30% para as campanhas femininas, avalia a cientista política Michelle Ferrati. Segundo ela, que também é diretora do Instituto Alziras, organização sem fins lucrativos voltada a ampliar e fortalecer a presença de mulheres na política e na gestão pública, à medida que se sugere criar um percentual de reserva de cadeiras inferior a 30%, abre-se caminho para o questionamento em relação aos recursos para campanhas políticas. "Os pequenos avanços conquistados mais recentemente em termos de ampliação da participação das mulheres em sua diversidade na política brasileira se devem ao acesso a mais recursos para as campanhas, tornando-as mais competitivas. Então, qualquer perspectiva de retrocesso a essa conquista tão recente, de 2018, é absolutamente preocupante", disse Michelle.

Na avaliação de Flávia, o debate em torno da reserva de cadeiras é uma reação dos partidos à cota de 30% de financiamento para as candidaturas femininas. "Estamos vendo uma situação de reação ao pouco que se avançou no incremento da nossa legislação de cotas".



Foto: Pablo Valadares/Câmara dos Deputados

A bancada feminina na Câmara dos Deputados defende a ampliação da cota de 30% para as mulheres dentro da proposta de reforma eleitoral

+ Reserva de vagas não é consenso em bancada

"É claro que eu e a bancada feminina queremos o mínimo de 30%, mas é muito difícil aprovar essa proposta numa casa com 470 homens", afirmou a relatora Renata Abreu. "Ou vamos avançando progressivamente ou não vamos aprovar nada." De acordo com Renata, é impossível falar em retrocesso se hoje não existe, efetivamente, nenhuma cadeira reservada. "O que os homens mais querem aqui (na Câmara) é falar em mínimo de 30%. Isso só vai levar à rejeição de qualquer proposta de reserva", insistiu a relatora, destacando que a cota seria aplicada por estado, permitindo avanços regionais também. Hoje, por exemplo, o Nordeste não alcança os 15%.

Independentemente do percentual, a reserva de vagas em si não é consenso absoluto na bancada feminina. Para a deputada Adriana Ventura (Novo-SP), que faz parte da comissão especial que debate a reforma eleitoral, a

reserva de assentos é uma afronta à soberania do voto. "A questão não é reservar cadeira, mas, sim, como a gente incentiva de forma prática as mulheres a participarem da política", afirmou Adriana.

Paridade de gênero

O Brasil está nas últimas posições na América Latina na paridade de gênero na política, ficando à frente somente do Paraguai - no Haiti, não havia um Parlamento funcionando em 1º de janeiro. Na comparação mundial, o país fica ao lado de nações como Arábia Saudita e Azerbaijão. Em junho, o Brasil passou a ocupar a 140ª posição do ranking da União Interparlamentar que avalia a participação política de mulheres em 192 países.

"Do ponto de vista da importância das mulheres na sociedade brasileira, esses indicadores são vexatórios para o peso que o Brasil ocupa na geopolítica mundial", comentou a cientista política Flávia Biroli.

A busca pela paridade interna ainda é um desafio para os partidos políticos. Dados divulgados nesta semana pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostram que até maio, apesar de representarem 51,8% da população brasileira e mais de 52,8% do eleitorado total do país, as mulheres compõem uma fatia de 45,7% do total de filiados a partidos no Brasil. Em relação às candidaturas, segundo Flávia, os partidos políticos, com algumas exceções, "não apresentam uma prática de compromisso com a igualdade de gênero, com a participação política das mulheres e das pessoas negras".

Em termos proporcionais, as siglas com a maior representação feminina são o Partido da Mulher Brasileira (PMB), com 55,3% de filiadas, seguido pelo Republicanos, com 52,2%. Desses, apenas o segundo integra a lista dos dez maiores partidos em relação ao número de filiados no país.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Anotações para a história do rádio em Itabaiana

A tecnologia de transmissão de som por ondas de rádio chegou a Itabaiana por volta de 1948. Decidiram batizar nossa primeira estação de rádio com o nome de Rádio Clube de Itabaiana, certamente inspirado na congênere pernambucana, única emissora que se podia sintonizar naquela época. O estúdio funcionava na Rua da Lama, centro da cidade.

Transcorria a era de ouro do rádio, com seus ídolos, seus programas de auditório e as radionovelas. Na pequena Itabaiana de então, notabilizaram-se os cantores e apresentadores. Fez época o programa "Surge um talento", apresentado por Irapuan, tendo como locutor de resistência o Ismar, espécie de Lombardi do rádio itabaianense, anunciando os "reclames" comerciais nos intervalos do programa. Os astros cantores eram liderados pelo fiscal de menores Antonio Ananias, "o garganta de prata", o "sabiá da mata" dos versos de Zé da Luz no poema "Boa noite Paraíba".

A Rádio Clube de Itabaiana durou pouco, mas fez história. No palco do seu auditório apresentaram-se tanto orquestras como "Marimba Mexicana", como o pastoril da famosa Rubina e seu palhaço bedegueba Pedro Cristóvão, igualmente

lembrados pelo poeta Zé da Luz em suas reminiscências itabaianenses.

O escritor Erasmo Souto era adolescente e já impostava a voz de locutor, testando seu talento na porta das "Lojas Pernambucanas" e outras casas comerciais. Também foi locutor da Rádio Clube de Itabaiana. Hoje está radicado em Natal, bancário aposentado que nunca esqueceu sua vida de matuto em Itabaiana. Tanto que já escreveu vários livros contando com irreverência casos de figuras folclóricas, tipo "Lula de Nevinha", "Ferro Velho", "Tonico Lero-Lero", "Mário da Gelada", "Zé Bodinho", Cabo Totô, Índio, Machinho, Mané Salu e tantos outros. O primeiro livro de Erasmo saiu em 1980: "Um paraíba falando para o mundo". Depois publicou "Paraíba & Pernambuco - um casal muito maluco".

Nesse último livro, Erasmo Souto conta o caso de Cardoso. Um dia disseram que ele cantava bem e o rapaz acreditou, passando a fazer parte de todos os programas de calouros da Rádio Clube de Itabaiana, para agonia dos músicos do conjunto "Os Vagabundos do Ritmo" que acompanhava os candidatos a artista. É que Cardoso, além de disritmado, trocava as letras das músicas. Um dia chegou ao programa e anunciou:

- Senhoras e senhores, é um prazer cantar para "vocezes". Vou cantar, de Aderlindo Moreira, "Deusa do asfalto". - E castigou:

Um dia
Sonhei com um "poiquim" risonho
E coloquei o meu sonho
Num "senegal" bem alto
Não devia, num "comício" me condeno,
Sendo de "gorro" e moreno
Mamar na deusa do asfalto...

O "cantor das massas", como era chamado pelo apresentador, sofreu uma vaia daquelas. Superando os gritos e assovios, Cardoso aumentava o berreiro. O pessoal foi saindo, alguns atirando tampas de garrafa e até copos, a vaia comendo no centro. Ficou apenas um deficiente físico por nome "Vinte-e-nove-trinta". Quando Cardoso resolveu parar, dirigiu-se ao rapaz:

- Muito bem, "Vinte-e-nove..." Apesar de aleijado, tem sensibilidade musical. Ficou pra me ouvir até o fim...
- Sei lá dessa "cunvelsa"! Quero saber é quem roubou minha muleta!

Pesquisa procura entender competição entre espécies

Na UFPB, simulação em computador testa as variáveis que podem alterar a biodiversidade na natureza

Renato Félix
Especial para A União

A natureza não é linear. As relações entre as espécies são mais complexas do que um simples “o mais forte devora o mais fraco”. Para entender como diferentes variáveis alteram a presença das espécies na biodiversidade, uma pesquisa na Universidade Federal da Paraíba realiza simulações em computador, e criando cenários diferentes para traçar hipóteses sobre os resultados. O estudo é liderado por Dionísio Bazeia, doutor em Física pela Universidade de São Paulo (USP) e citado como um dos 100 mil cientistas mais influentes do mundo, segundo a revista científica estadunidense Plos Biology.

“Environment driven oscillation in an off-lattice May-Leonard model” (tradução literal: “Oscilação conduzida pelo ambiente em um modelo May-Leonard na ausência de rede”) é o título de um artigo publicado no jornal científico Scientific Reports, publicado pela Nature Research. É uma colaboração internacional envolvendo pesquisadores da UFPB (Bazeia), Universidade Estadual de Maringá (M.J.B. Ferreira e Breno F. de Oliveira), no Paraná, e o Centre of Energy Research (Attila Szolnoki), da Hungria. “Rede” ou “ausência de rede”, no caso, são duas situações distintas onde essas espécies convivem

O projeto é financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB), através do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex). “Com esse financiamento, por exemplo, a gente comprou um computador bastante moderno onde as simulações são feitas”, diz Bazeia. O projeto envolve a colaboração científica de muitas pessoas em várias subáreas da física. “Eu coordeno um grupo

de 42 professores do Brasil e do exterior”.

“O trabalho é em uma área multidisciplinar chamada biodiversidade. É uma interface entre física e biologia, com forte componente em simulação em computador de modelos onde grupos de espécies vivas convivem em evolução permanente”, explica o pesquisador.

O modelo May-Leonard é um sistema de equações diferenciais que modelam a competição neutra entre três espécies. Ou seja: a simulação “cria” três espécies com suas especificidades de alimentação, reprodução e movimentação, e “põe para rodar” para ver o que acontece. A biodiversidade se manterá, com as três espécies coexistindo ou vai haver um desequilíbrio e alguma delas desaparecerá?

“No modelo de May-Leonard o predador mata a presa e deixa um vazio no lugar da presa. Existe outro modelo também comum, de Lotka-Volterra, no qual o predador mata a presa e reproduz ao mesmo tempo”, conta.

“A dominância cíclica de espécies concorrentes é uma hipótese de trabalho intensamente usada para explicar a biodiversidade em certos sistemas vivos, onde o princípio de seleção evolucionária daria um único vencedor de outra forma”, diz a introdução do artigo. Essa dominância cíclica é uma constante em nosso mundo e é possível traçar paralelos em situações surpreendentes, mas bem do dia a dia.

O futebol, por exemplo. No Campeonato Brasileiro de 2020, o Flamengo sagrou-se o melhor dos 20 clubes. Todos jogaram contra todos duas vezes, o que, em tese, elimina qualquer contestação de quem termina com mais pontos é o melhor. No entanto, o São Paulo venceu o Flamen-

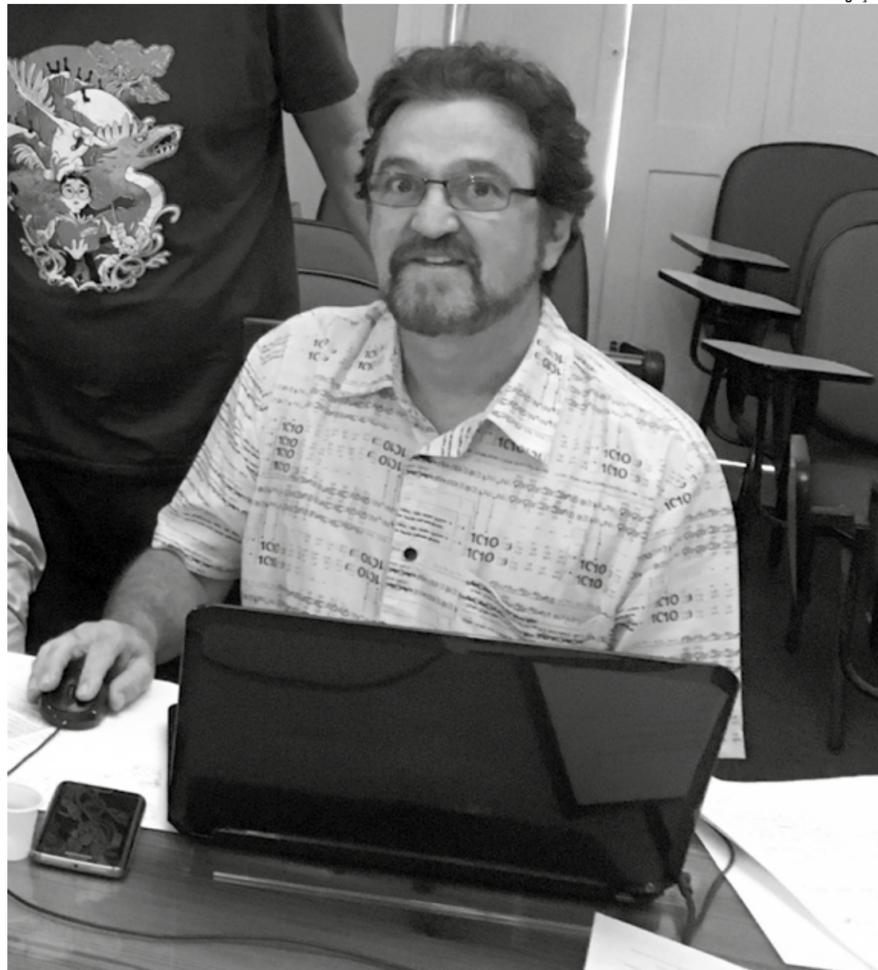


Foto: Divulgação

go nas duas vezes em que se enfrentaram: 4 x 1 no Rio de Janeiro e 2 x 1 em São Paulo. Então, como os cariocas foram os melhores do campeonato, se os paulista foram melhores quando se enfrentaram?

Acontece que o São Paulo venceu o Flamengo, mas perdeu para outros clubes os quais os cariocas derrotaram. É cíclico, a tal dominância cíclica de espécies concorrentes. “É a magia do futebol é essa”, diz o pesquisador. “Não seria muito chato se o mais forte vencesse sempre, todo ano?”. Outra analogia fácil de ser entendida é o jogo de pedra-papel-tesoura, onde o primeiro vence o segundo, o segundo vence o ter-

ceiro, mas o terceiro vence o primeiro. Cada membro é um “predador” de outro membro e, ao mesmo tempo, uma “presa” do terceiro.

Os resultados, os modelos de comportamento obtidos a partir das variáveis que os pesquisadores foram incluindo na simulação, podem servir de pauta para outras pesquisas in loco no âmbito da biologia. “De acordo com a hipótese de seleção darwiniana, apenas o competidor mais viável deve sobreviver como resultado de um processo de seleção. Mas testemunhamos uma incrível diversidade de espécies na natureza, que implora por explicações alternativas na ecologia

e em outros sistemas competitivos complexos”, pondera o artigo. “A presença de uma dominância cíclica entre os concorrentes é uma pista elegante e muito simples para resolver essa contradição”.

Assim como no exemplo metafórico do futebol, esse tipo de interação pode ser encontrado em comunidades microbianas e vegetais, recifes de corais, lagartos, salmões e mesmo em interações humanas, onde o desequilíbrio pode arruinar o ambiente. “Se no seu trabalho há aquele colega muito chato, ele pode desestabilizar todo o ambiente, não é verdade?”, pergunta Bazeia.

Estudo é liderado por Dionísio Bazeia, doutor em Física pela Universidade de São Paulo (USP), e envolve a colaboração científica de pesquisadores em várias subáreas da física

Projeto

é financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB), através do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex)

Coors que se “atacam” e alteração do equilíbrio de forças em um ecossistema

No sistema, as espécies A, B e C são marcadas por cores (vermelha, azul, amarela). A predominância de uma cor sobre outra (ou o branco, que é o vazio) é o resultado visual imediato das variáveis que os pesquisa-

dores vão alterando a cada rodada do experimento. As espécies competidoras frequentemente acabam formando espirais giratórias. “Mas como esses padrões em espiral mudam quando variamos o ambiente externo

que afeta a vitalidade geral dos indivíduos?”, é a pergunta que o artigo faz em sua introdução.

A ideia é procurar saber como o controle de uma ou mais variáveis pode alterar o equilíbrio de forças em um

ecossistema. O que pode ajudar até a contrabalancear uma biodiversidade desequilibrada. “Estudamos um modelo em que o estado geral do ambiente é modelado por meio de um único parâmetro que determina a capacidade

de suporte local do sistema”, diz o artigo. “Dessa forma, podemos variar as condições de vida de todos os competidores de maneira uniforme e monitorar como essas mudanças influenciam o resultado evolutivo resultante”.

Pesquisador é considerado um dos 100 mil mais influentes do mundo

Dionísio Bazeia nasceu na cidade de Neves Paulista, que fica no noroeste do estado de São Paulo (a 469 km da capital). “Filho de pais pobres, fui influenciado pelo meu irmão Basílio Baseia, que também financiou meus estudos e custeou minha vida durante minha graduação, parte em Araraquara e parte em João Pessoa, para onde vim há muitos anos atrás”, conta.

O apoio da família foi fundamental para que seguisse na área científica, até chegar ao reconhecimento internacional.

A relação da Plos Biology dos 100 mil cientistas mais influentes do mundo foi publicada em outubro de 2020 e cita, além de Bazeia, outros seis pesquisadores da UFPB.

São eles: Damião Pergentino de Souza, do Programa de Pós-graduação em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos; Edison Roberto Cabral da Silva, do Programa de Pós-graduação em Engenharia Elétrica; José Maria Barbosa Filho, do Programa de Pós-graduação em Produtos Naturais e Sintéticos

Bioativos; Knut Bakke, do Programa de Pós-graduação em Física; Maria de Fátima Agra, do Programa de Pós-graduação em Biotecnologia; e Valdir Barbosa Bezerra, do Programa de Pós-graduação em Física.

“Isso é muito importante para a Paraíba e para a UFPB”, diz Dionísio Bazeia. “Para se ter uma ideia, esses 100 mil são apenas 2% dos cientistas do mundo”. Esse reconhecimento é importante num cenário em que a ciência vem enfrentando desafios an-

tes inimagináveis, como o negacionismo. “A gente achava que se desse mais informação para as pessoas, elas ficariam mais fortes, mais difíceis de serem enganadas”.

Para ele, o celular acabou mostrando o contrário: um número grande de pessoas se mostrou vulnerável a fake news e teorias da conspiração, “escolhendo” no que acreditar, em vez de confiar em pesquisas sérias e cuidadosas. “Tem essa contrainformação”, diz Bazeia. “Fruto da desinformação e da falta de educa-

ção, no sentido da educação formal. Se você tem uma boa educação no Ensino Fundamental e Médio, é mais difícil de acreditar em fake news”.

Para ele, publicações como a lista da Plos Biology e outras de divulgação científica, que jogam luz sobre a importância dos cientistas e pesquisadores são fundamentais, até para que o público conheça melhor a ciência que se faz próximo a ele. “A lista mostra que na universidade a gente faz pesquisa de qualidade internacional”.



1

1

Por meio da plaquete *A História da sua Vida - Odilon de Lima Fernandes*, homenageei este grande jurista paraibano. Para tanto, contei com a colaboração da secretária Simone Rodrigues Alves e com a revisão da tradutora Clarissa Rosas Dias. A imagem da capa é a tela da pintora Marcella Bisetto.

2

Moacyr Arcoverde, Ângela Paulo Neto, Rejane Laroca, Stelo Queiroga, Cida Lima, Carmem Eleonora Soares, Luciana Sitônio, Durval Rabelo, Sheilla Martins, Denise Wolf, Gilvandro Rodrigues, Ana Amália Queiroga, Karenina Bronzeado, Eliane Dutra Fernandes e Stelo Queiroga são os aniversariantes da semana.

3

A empresária e corretora de imóveis Giuliana Martins esteve, recentemente, num dos locais mais belos e emblemáticos de nossa Paraíba: a cidade de Cabaceiras, conhecida como a Roliúde Nordestina. Ao lado do marido, Brayner Júnior, vivenciou momentos de puro deleite. Éita Paraíba arretada!

4

Marcella Pereira Aquino, a graciosa e competente sobrinha da ex-reitora do Unipê, a professora Ana Flávia Medeiros da Fonseca, está "bombando" com seu novo clipe, "Ganhar o teu sorriso".

5

Na capital francesa, as minhas netas Catarina e Maria Luísa passam alguns dias de férias e posam em frente ao Arco do Triunfo, com a querida mãe, Adriana Palmeira Rodrigues.

6

Campina Grande, a terra que festeja uma das maiores e melhores festas juninas do mundo, é uma das representantes brasileiras ao título de Cidade Criativa da Unesco. Se conseguir a façanha, a Rainha da Borborema pode se tornar a primeira cidade no Brasil a conquistar este título na categoria de mídia.

7

A obra da dupla de compositores Antônio Barros e Cecéu foi reconhecida oficialmente como Patrimônio Cultural e Imaterial da Paraíba, através da Lei 11.900, de autoria da deputada Estela Bezerra, e sancionada pelo governador João Azevêdo.

8

Já em fase de leitura final, antes de serem encaminhados à diagramação, os esboços biográficos de Patronos e Patronesses da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras – ACCAL Litorânea. A obra, que busca resgatar perfis de paraibanos(as) ilustres, deverá ser lançada por ocasião da posse dos acadêmicos(as), a ocorrer ainda neste semestre que se inicia. Esta colunista já fez o perfil do seu patrono, que é o músico Jackson do Pandeiro.

9

A empresa Itapemirim, que durante longas décadas transportou passageiros por vias terrestres, entra forte no mercado com a Itapemirim Transportes Aéreos. A nova empresa, na contramão das companhias atuais, promete a volta do glamour das viagens aéreas.

10

O Dr. Hérnia, empresa que, em nossa capital, tem como representante a doutora em fisioterapia Márcia Almeida (foto), utiliza técnicas aprendidas nas melhores universidades do mundo e que evita cirurgias em mais de 95% dos casos.



Foto: Freepik

Fraudes em compras virtuais fazem 16 milhões de vítimas

Serviços de proteção ao consumidor estimam que seis em cada dez brasileiros já sofreram algum golpe na internet

Carol Cassoli
Especial para A União

Devido ao aumento do tempo de permanência on-line durante a pandemia, o número de fraudes em compras na internet aumentou. No último ano, de acordo com pesquisa organizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), 59% das pessoas que navegam em rede foram vítimas de fraudes financeiras. O índice elevado chama a atenção da Delegacia de Polícia Civil da Paraíba (DPC-PB) que alerta para os indícios que podem ser apresentados durante um golpe.

A realização de inúmeras funções por meio da internet é o cenário perfeito para os criminosos que fizeram 16,7 milhões de brasileiros vítimas de golpes nos últimos doze meses. Os dados foram gerados na pesquisa coordenada pela CNDL, em parceria com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e o Sebrae, e mostram que as fraudes financeiras também cresceram fora do universo digital. Segundo a estimativa, de dez brasileiros, seis já sofreram algum golpe.

Parte do cálculo apresentado pela CNDL, o designer gráfico Thiago Rodrigues e sua mãe, Thaina Rodrigues Silva já foram enganados no ambiente virtual enquanto compravam produtos para revenda em um site de São Paulo. "Eu estava trabalhando com peças íntimas, vi um anúncio com uma caixa de produtos bem abaixo do preço do mercado e me interessei", disse Thaina, que é autônoma. Ela relata que, durante a negociação, o anunciante não gerou um boleto para pagamento, mas exigiu um depósito para liberar a mercadoria divulgada no site, que foi excluído da internet após a efetuação do depósito com parte do valor solicitado.

Sem contato com o falso vendedor, Thaina e Thiago ficaram sem o dinheiro e nunca receberam

Thiago Rodrigues lamenta golpe que sofreu na internet após tentar comprar produtos para revender em João Pessoa

a mercadoria para a qual destinaram R\$ 700 da renda mensal.

Golpes são variados

Segundo o delegado Aneilton Castro, da Delegacia de Defraudações de João Pessoa, a situação pela qual Thaina passou é uma das mais comuns e, junto com boletos falsos e golpes de WhatsApp, compõe a base das fraudes financeiras da atualidade. "Para os boletos falsos, por exemplo, é importante observar se a cobrança gerada é verdadeira e possui todos os elementos que um boleto autenticado tem. Também é importante observar se é, de fato, a empresa credora que está realizando a cobrança", alerta o delegado.

Ainda conforme Aneilton Castro é necessário que ambas as partes estejam atentas, pois, tanto os compradores podem sofrer com transações on-line quanto os comerciantes podem ser lesados por pessoas imbuídas de má fé. "Sempre falamos do golpista vendedor, mas não é incomum encontrarmos o golpista comprador também", alerta o delegado. O delegado destaca que, geralmente, os estelionatários só se apresentam de maneira virtual, através de intermediários que podem ou não fazer parte do esquema. "Depois de tudo o que aconteceu, a gente descobriu que a pessoa cujo nome estava no site era, na verdade, um laranja do golpista e ela nem sabia o que estava acontecendo", detalha Thiago, acrescentando que ficou inseguro em realizar transações pela internet depois do golpe.



Polícia dá orientações

Com relação ao mesmo estudo da CNDL, realizado em 2019, o aumento no número de fraudes financeiras no Brasil foi de 28%. Pensando em evitar que este percentual cresça ainda mais, o delegado Aneilton Castro ressalta que, na Paraíba, grande parte das fraudes acontecem no setor alimentício; com golpes de clientes contra restaurantes que fazem uso do recurso de entrega (delivery) por aplicativo.

O titular da Delegacia de Defraudações sugere que as pessoas estejam atentas à segurança de seus dados e utilizem, por exemplo, cartões virtuais gerados para compras específicas. "Eu decidi tomar algumas decisões para me sentir mais seguro e muitos bancos dão a opção de você gerar um cartão virtual e desativar quando quiser. Quando vou fazer compras on-line, faço uso deste cartão e, em seguida, o desativo e fico tranquilo", conta Thiago Rodrigues. Ativar as notificações das transações pelas quais seus cartões passam é outra dica.

O delegado lembra que, se uma pessoa for lesada, o primeiro passo é se munir de provas, tais quais cópias (prints) de telas de celular e computador, para reunir a maior quantidade de informações possível e registrar a ocorrência o quanto antes. "Aqui em João Pessoa temos 24 horas a Central de Polícia, onde o cidadão pode fazer o registro da ocorrência ou até mesmo na Delegacia On-line". Aneilton Castro explica que é importante acionar a Procuradoria de Proteção e Defesa do Consumidor e, caso o prejuízo seja superior a vinte salários mínimos, o evento passa a ser investigado pela Delegacia de Defraudações.

Foto: Marcus Antonius

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Rememorando o nascimento do Plano Real, há 27 anos

Nesta semana que passou, mais precisamente no dia 01 de julho, há 27 anos nascia o Plano Real. Um plano econômico para estabilizar a economia e de forma mais direta o processo inflacionário brasileiro. Recordando como vivíamos à época, no ano anterior ao surgimento do plano, em 1993, o aumento nos preços quase atingiu 2.500% ao ano. Era uma situação extremamente difícil para nosso país.

O Plano Real nasceu no governo de Itamar Franco, em 1994, coordenado pelo então ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. Ele foi desenvolvido por um time de economistas da mais alta qualificação, formado por Pêrsio Arida, Edmar Bacha, André Lara Resende, Gustavo Franco e Pedro Malan.

À época, nós brasileiros havíamos convivido com sete planos econômicos e quatro moedas diferentes. Tivemos o Cruzado Brasileiro (1986-1989), Cruzado Novo (1989-1990), Terceiro Cruzado (1990-1993) e Cruzeiro Real (1993-1994). Nenhum deles foi capaz de conter a inflação, a recessão e os danosos efeitos causados à nossa economia. Passamos por períodos de extrema

turbulência econômica e as várias tentativas de acertos redundaram em erros que nos deixavam cada vez mais debilitados para vencermos a crise em que havíamos mergulhado. A duras penas e a um elevado custo econômico e social, fomos extraindo as lições aprendidas.

Quando o Plano Real entrou em vigor, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), no mês anterior, foi de 47,43%. Após a adoção do Plano, em julho daquele mesmo ano, a inflação caiu para 6,84%. No ano seguinte, a inflação foi de 22%. Três anos depois, em 1998, celebramos a marca de 1,65% ao ano, uma das menores já registradas.

O Real não só atingiu os seus objetivos de controlar a inflação e estabilizar a economia, como também inspirou o nome de batismo da nossa moeda, a nona da série histórica brasileira. Pela ordem, tivemos primeiro os réis, depois o cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro (novamente), cruzeiro, cruzeiro novo, cruzeiro (pela terceira vez) e cruzeiro real.

Ainda tivemos uma fase de transição entre este último e o Real. Usamos a URV, sigla para unidade real de valor, que era um indexador

temporário de preços para a população ir se acostumando com a nova moeda. Cinco anos depois, o Banco Central conseguiu implementar a política de metas para a inflação brasileira, e em seguida, a Lei de Responsabilidade Fiscal, limitando os gastos do Governo, para não se gastar mais do que se arrecada.

Nestes 27 anos, tivemos uma inflação de cerca de 570%. Para se comprar hoje o que se comprava com R\$ 1, naquela época, precisamos de R\$ 6,70. Fazendo a conta ao contrário, aquele R\$ 1 de julho de 1994 equivale hoje a cerca de R\$ 0,15. Neste intervalo de tempo, tivemos oscilações entre períodos prósperos e de crises, mas no geral, podemos dizer que o Plano Real foi exitoso, pois combater a inflação que era uma das maiores necessidades daquela época.

É importante lembrar alguns avanços importantes e para exemplificar, o país passou de devedor a credor do Fundo Monetário Internacional (FMI). Verificamos uma redução das desigualdades sociais e a economia brasileira celebrou uma elevação em seu grau de investimentos segundo a avaliação das principais agências internacionais de

classificação de risco, como a Standard & Poor's e Moody's. Celebramos também um período de melhoria na qualidade de vida das famílias brasileiras.

Trazendo todo este aprendizado para os dias atuais, neste momento em que nosso Brasil e o resto do mundo anseiam por planos bem sucedidos para superação desta crise provocada pela pandemia da covid-19, podemos buscar inspiração no Plano Real. Claro que as causas das crises, da época e de hoje, são diferentes, e as soluções também precisam ser diferentes, mas uma coisa pode ser igual: precisamos valorizar o trabalho em equipe, aglutinando conhecimentos e expertises de bons pensadores e formuladores econômicos, para elaboração de um plano consistente e dialogado, definindo competências e unindo forças entre governos, setor produtivo e sociedade civil organizada.

O Plano Real representa para nós brasileiros, uma experiência exitosa e inspiradora. Que a capacidade dos formuladores da época se reproduza nos formuladores atuais, e em futuro próximo, possamos celebrar mais um "case de sucesso" na história econômica do Brasil.



Foto: Marcus Antonius

Pandemia retira renda de famílias paraibanas

Crise sanitária, com graves consequências na economia, vem forçando mudanças na vida de boa parte da população

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

Albenair França, 42 anos, mora na comunidade Rabo da Gata, no bairro Muçumagro em João Pessoa. Mora de favor. A casa simples em que vive com o marido, é da sogra, com quem também divide o espaço. Após perder o emprego ainda no início da pandemia, em abril de 2020, e ver o mesmo acontecer com seu marido, ela precisou vender seus móveis, se desfazer do orgulho e entregar a casa alugada no bairro de Paratibe. Perdeu também o convívio com sua filha, de 21 anos, que precisou ir morar na casa do pai,

ex-marido de Albenair.

A história de Bena, como é chamada carinhosamente pelas pessoas da comunidade, é a de milhares de paraibanas e paraibanos que sentiram no bolso os reflexos da pandemia na economia do país. Até a covid-19, Albenair trabalhava como empregada doméstica em uma casa. Os patrões foram demitidos de seus empregos e a consequência disso foi a sua própria demissão.

“Meu esposo perdeu o emprego. A minha filha, que trabalhava numa ‘feijoada’, que me ajudava financeiramente, também foi demitida. A gente achava que com dois, três meses, isso ia acabar, como dengue, outras doenças e estamos sendo afetados até hoje. Eu digo sempre que a covid foi como um

furacão, devastador. Nunca tinha passado por isso. Passei a ter depressão depois disso”, relatou.

Sem emprego, sem renda, Bena começou a fazer faxinas nas casas de pessoas conhecidas em troca de um pouco de dinheiro e até por comida. O dinheiro conseguido por meio dos “bicos” é usado na compra de itens pessoais e alimentos. “Com o meu dinheiro, que ganho aqui ou ali lavando uma roupa, fazendo uma faxina, a gente usa para bancar o básico do básico. A gente além de ganhar pouco, tem que comprar tudo muito caro. Eu vou com 100 reais para o supermercado e volto com duas sacolas nem tão pesadas”, comentou.

A situação de Albenair é muito parecida com a de Vanderleia Pereira Bernardino, de 29 anos. A jovem mora em uma pequena casa no bairro São José, em João Pessoa. Ela era funcionária de uma lanchonete que funcionava dentro de uma universidade particular. Veio a pandemia, as faculdades fecharam e a lanchonete fechou junto. Vanderleia conta que o patrão ainda tentou “segurar” os

empregados, mas não conseguiu e precisou demitir todos.

Sem emprego e com uma filha de nove anos para criar, ela resolveu juntar o pouco de dinheiro que tinha e montou uma lanchonete na porta de casa. “Eu já trabalhava com lanche, só que para os outros, como eu já sabia fazer, fui fazendo em casa e abri o meu próprio negócio. Faz um ano. Tem dado pra me manter, tem uns extras por fora também, mas estou conseguindo o básico”, explicou.

Programas sociais ajudam

Situação mais difícil ainda é a de quem não conseguiu se virar durante a pandemia. Walterlucia Maria Ferreira tem 40 anos e dez filhos. Oito moram com ela numa casa muito pobre no Muçumagro. Lúcia, como é conhecida na comunidade, trabalhava fazendo unhas e sobrancelhas. Com a pandemia, não tem conseguido nada, principalmente pelo receio que as pessoas têm na pandemia de receber desconhecidos em casa. Separada e com oito bocas para alimentar, Lúcia tem

Custo alto

Além da dificuldade para conseguir emprego, o preço elevado de itens básicos tem piorado a situação de diversas famílias no Estado

sobrevivido das ajudas dos programas de estado e da solidariedade das pessoas que dividem o pouco que tem.

“A minha vida é muito difícil, estou dependendo somente da ajuda das pessoas porque não consigo mais trabalho. Sobrevivemos aqui com as ‘bolas’, os alimentos que o governo dá, e também com a ajuda das pessoas. Não dá pra dizer que a gente vive, a gente sobrevive como dá”, lamentou Lúcia.

Sem emprego e sem renda fixa, Albenair França e a filha precisaram morar em casas separadas

Foto: Roberto Guedes



+ Classe média perde 20% dos rendimentos

O estrago feito pela pandemia na renda das famílias não está visível somente nos bolsões de pobreza de João Pessoa. A queda de poder de compra está presente também na classe média, que empobreceu no período, e é vigente em todos os estados do país. Paulo Monte, professor e coordenador do Grupo de Estudos em Trabalho (GET) do Departamento de Economia da UFPB, analisa que, de acordo com um dado de janeiro deste ano, a pandemia representou uma perda de renda média de 20% no orçamento das famílias brasileiras.

“No auge da pandemia, a massa salarial de todos os trabalhadores no Brasil reduziu cerca de 20%, como se toda renda proveniente do trabalho

reduzisse esse valor. Impactou todos os trabalhadores, fossem eles informais ou formais, de carteira assinada. Essa redução da massa salarial ocasionou um aumento na taxa de desemprego e na taxa de inatividade”, detalhou Paulo Monte.

Dados da Pnad Contínua do primeiro trimestre de 2021, o mais recente divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), num recorte feito por estados, mostram que a Paraíba apresentou um recuo de 11,8% no rendimento médio real mensal, fechando os três primeiros meses com a estatística em R\$ 1.8118.

O número, porém, ganha novos contornos quando confrontado com histórias de vida, como a de Albenair

França, que perdeu o emprego pelo fato do desemprego dos patrões. O empobrecimento, sobretudo nas classes média e média alta, gera um reflexo imediato na renda das camadas mais pobres da sociedade, gerando desemprego que, para os três primeiros meses de 2021, foi aferido em 15% na Paraíba.

Neste cenário, casos como o de Vanderleia, em que as pessoas são obrigadas a buscar trabalho em seu próprio negócio para conseguir alguma renda de subsistência, inflacionam a taxa de informalidade. A Paraíba, no primeiro trimestre deste ano, apresentou a oitava maior taxa de informalidade entre os estados do Brasil, com 51,3% do total de pessoas com alguma ocupação no Estado.

Esperança em dias melhores

Vidas abaladas pela pandemia, números que traduzem a dificuldade de quem já tocava a vida com pouco. A crise sanitária, que pressionou o sistema de saúde do país, infectou milhões e matou mais de 500 mil brasileiros, deixou sequelas, não somente aos sobreviventes da covid-19, mas no ‘ganha pão’ da população.

A tragédia mundial ainda impactou nos preços globais dos alimentos que, em maio, subiram pelo 12º mês consecutivo, quase 40% na comparação anual, segundo a agência das Nações Unidas (ONU) para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Os organismos in-

ternacionais alertam que a fome deve aumentar em consequência disso. Reflexos que chegam à mesa do paraibano.

Proporcional ao impacto da pandemia, somente a inexplicável força de ter fé na vida que mantém na população a esperança de dias melhores. “Eu tenho fé de que isso vai passar, eu preciso ter fé de que vai passar. Eu já perdi muita coisa na minha vida. Perdi um filho adolescente, com 17 anos, em 2018. Perdi meu emprego, fiquei sem renda pela primeira vez na vida em 2020. Ter fé para mim não é uma escolha”, concluiu a dona de casa Albenair França.

Na pandemia, crianças têm regressão de comportamento

Pesquisa indica que pequenos entre 0 e 3 anos foram atingidos emocional e cognitivamente pelo isolamento

Júlia Marques
Agência Estado

De repente, o mundo de Benício, de 2 anos e meio, mudou. As visitas às casas de parentes e de outros bebês deram lugar a um só passeio: ir com a mãe ao supermercado, de carro. O menino parou de falar e voltou a usar mamadeira, enquanto os pais, com medo do vírus e do desemprego, tentavam lidar com um mundo assustador. Como Benício, não foi pequeno o número de crianças que, na pandemia, voltaram a ter comportamentos de quando eram mais novas: chorar mais, falar menos, fazer xixi na roupa.

Regressões no comportamento são sinais de que a criança está sob estresse e é uma forma que encontram de pedir aconchego. Estudo da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) indicou que 27% das crianças de 0 a 3 anos voltaram a ter comportamentos de quando eram mais novas. A pesquisa, divulgada este mês, indica que regressões geralmente são transitórias, mas devem ser observadas com cuidado pelas famílias. “Notei que ele deixou de tentar falar. Começou a só apontar”, conta a mãe de Benício, a arte educadora Heloisa Trigo, de 41 anos. Com a regressão na fala, o menino também “voltou algumas casas” na alimentação: se recusou a comer alimentos sólidos e reativou a mamadeira.

Impactos emocionais

A pesquisa da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal ouviu 1.036 famílias de todas as classes sociais. Embora a ciência já saiba que as crianças pequenas são menos atingidas de forma grave pela covid-19, pesquisadores em todo o mundo ainda tentam estimar os

impactos emocionais e cognitivos do longo tempo de isolamento decorrente da pandemia e do estresse dentro das famílias. “Parte das regressões está relacionada a não conseguir manter o ambiente dentro de casa em função de variáveis externas que transbordam”, explica Mariana Luz, CEO da FMCSV.

“Foram muitos lutos, a ameaça do desemprego, de não conseguir prover o sustento. Depois a falta de esperança, sem ver uma luz no fim do túnel”, lembra Heloisa. O marido perdeu parentes e o emprego. Trabalhando de casa, Heloisa se sobrecarregou com rituais de limpeza que não acabavam mais para tentar se defender do vírus. “Benício também sinalizou que estava difícil para ele.” De volta à escola, na zona oeste de São Paulo, o menino voltou a comer, começa a se arriscar mais na fala e a mãe vê avanços.

Na casa de Tatiane Zanolho, de 36 anos, o vírus assustou o casal de dentistas, que teve medo de voltar ao consultório. Com duas crianças pequenas e sem ajuda de parentes ou babá, as tarefas se avolumavam. Murilo, hoje com 4 anos, respondeu com uma gagueira que nunca havia manifestado, piora na dermatite e um “choro interminável”, nas palavras da mãe. “No começo não sentia tanto, mas fomos ficando cansados.”

Crianças voltaram a ter comportamento de quando eram mais novas, como chorar mais e usar a mamadeira



Foto: Pixabay

Não há motivos para se desesperar

Embora aflijam os pais, as regressões não devem ser vistas com desespero nem são sinais de que a criança terá defasagens no desenvolvimento. Muito mais do que adultos, crianças novas têm maior plasticidade cerebral - ou seja, se recuperam rapidamente quando são estimuladas e se sentem seguras.

As mães dos “bebês da pandemia” comprovam que as mudanças não demoram. “Em uma semana virou outra criança”, diz a dentista Vanessa Junqueira, de 41 anos, sobre a ida do filho Rhian, de 1 ano e 4 meses, à escola após o isolamento.

O menino passou os 11 primeiros meses de vida sem contato externo. Qualquer um que não fosse mãe ou pai parecia um monstro para ele e Rhian não parava de chorar. “Só queria ficar comigo o tempo todo, muito apegado. Agora, está bem mais sociável”, lembra a mãe. De volta ao Colégio Rio Branco, em Cotia, Murilo também melhorou o choro e o sono.

Para Lino de Macedo, psicólogo e integrante do Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância, regressões ou atrasos no desenvolvimento devem ser observados pela família. O acolhimento com afeto e estímulos positivos, como as brincadeiras, cria segurança e favorece o desenvolvimento. “Em boa parte dos casos, um pai mais próximo, amoroso, paciente e receptivo ajuda.” Se as regressões são duradouras ou há atrasos na fala, as famílias devem procurar um especialista, que pode ser o pediatra da criança.

DICAS PARA LIDAR COM A SITUAÇÃO

■ **Acolher.** Regressões no comportamento são comuns em situações de estresse e uma forma de expressão das crianças. Os pais devem observar e acolher a criança. Também devem entender que a regressão tem a ver com o contexto.

■ **Estar junto.** O contato dos adultos com as crianças deve ser aprofundado. Embora os pais estejam mais

tempo em casa, nem sempre isso significa proximidade e acolhimento.

■ **Brincar.** As brincadeiras podem começar desde o primeiro ano de vida, com atividades como cantar.

■ **Bater papo.** A conversa com a criança deve ser estimulada, mesmo que ela ainda não entenda tudo ou saiba falar.

Aprendizagem

Famílias buscam superar dificuldades

Victoria Netto
Agência Estado

Samuel, de 7 anos, aprende rápido, é curioso e pergunta muito. Antes da pandemia, ganhou medalha de “aluno destaque” na Educação Infantil, quando morava na Serra do Mundeu, zona rural do Ceará. Mas quando a pandemia interrompeu as aulas presenciais, em março de 2020, ele estacionou. Analfabeta, a agricultora Zenilda Freire Barbosa, de 47 anos, mãe do menino, não conseguia ajudar nas lições que chegavam da escola no ensino a distância. “Eu não sei ler para ensinar o meu filho e aqui não tem quem ensine”, conta.

Para que o menino seguisse estudando, a agricultora decidiu enviar Samuel à casa da irmã, tia dele, na região de Pajeú, zona mais urbana de Araripe. Lá, é ensi-

nado pela prima, que já terminou o Ensino Médio.

Segundo a professora Maria D’Deus, que leciona para a turma de Samuel, o caso do menino não é exceção. A maioria dos estudantes da escola tem pais agricultores que são analfabetos ou semianalfabetos. “Tem sido um processo bem difícil alfabetizar na pandemia, muitas vezes eu mando áudio para os pais não desistirem”, conta.

A pedagoga lembra que o primeiro problema foi chegar até as famílias. “Por ser uma zona rural, só conhecíamos as crianças. Depois, o desafio foi entregar as atividades, que voltavam em branco”, diz. “Foi quando percebemos que os pais eram analfabetos por completo ou sabiam ler muito pouco.” No Brasil, cerca de 11 milhões de pessoas não foram alfabetizadas.

Em 2019, a taxa de analfabetismo era de 6,6%, de

acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação. A escola fica a 22 quilômetros de Araripe, já na divisa, a 15 quilômetros do município de Bodocó, em Pernambuco.

“A criança, no meio período, vai para a roça ajudar a capinar com um tempinho pequeno para fazer as atividades. Quando chega uma pandemia como essa, o aluno não tem quem explique, aí escreve que não fez (a atividade) porque não sabe”, diz a coordenadora da escola, Clotildes Nunes.

As crianças entre seis e dez anos que vivem em áreas rurais das regiões Norte e Nordeste do país foram as mais atingidas pela exclusão escolar no Brasil durante a pandemia em 2020, segundo o último relatório da Unicef em parceria com o Cenpec, o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e

Ação Comunitária. Conforme o documento, o cenário ocorre devido à precariedade das condições de vida nessas regiões, em especial nas áreas isoladas.

Só em 2020, das 5,1 milhões de crianças brasileiras que ficaram sem acesso à educação, mais de 2 milhões (41%) tinham entre 6 e 10 anos, faixa etária mais afetada pela pandemia, segundo levantamento da Unicef.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



EDITAL DE 1º e 2º LEILÕES PÚBLICOS DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA DE IMÓVEL E DE INTIMAÇÕES

COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUPANÇA E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO, sociedade cooperativa, CNPJ nº 35.571.249/0001-31, com sede em João Pessoa - PB, na Av. Marechal Deodoro da Fonseca, nº 410, Torre, nesta Capital, que com base na ATA SUBSIDIÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL, EXTRAORDINÁRIA CONJUNTA, realizada em 02/12/2019, tendo sido registrada na Junta Comercial do estado da Paraíba em 29/06/2020, sob nº 20204029406, incorporou a COOPERATIVA DE CRÉDITO DE CAMPINA GRANDE - SICREDI CENTRO PARAIBANA, torna público que realizará LEILÕES PÚBLICOS para a venda do imóvel abaixo discriminado, serem conhecidos pelo LEILÃO OFICIAL MIGUEL ALEXANDRINO MONTEIRO NETO, inscrito na Junta Comercial do Estado da Paraíba, sob a portaria de nº 012/2015, selo nº 012, e firmado sob o amparo do art. 27, da Lei nº 9.514/97, que institui a alienação fiduciária de coisa imóvel, esclarecendo que o 2º Leilão ocorrerá no primeiro o maior lance oferecido for inferior ao valor do imóvel, conforme abaixo indicado. No 2º Leilão será aceito o maior lance oferecido, desde que igual ou superior ao valor da dívida, das despesas, dos prêmios de seguro, dos encargos legais, inclusive tributos e comissão do leiloeiro, conforme previsto nos parágrafos 2º e 3º do dispositivo legal acima citado.

LOCAL: Sede da COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUPANÇA E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO.

ENDEREÇO: Av. Marechal Deodoro da Fonseca, 410, Torre, João Pessoa - PB

O 1º Leilão será realizado em 15 de julho de 2021 às 09h:30min, pelo lance mínimo de R\$ 103.373,82 (cento e três mil e trezentos e setenta e três reais e oitenta e dois centavos);

O 2º Leilão será realizado em 30 de julho de 2021 às 09h:30min, pelo lance mínimo de R\$ 117.670,69 (cento e dezessete mil e seiscentos e setenta reais e sessenta e nove centavos).

CONTRATO Nº B90231536-4 da **EMITENTE(S)**: A empresa **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ ME**, cadastrada no CNPJ nº 01.068.190/0001-41, com sede na Rua Bahia, nº 283, no Bairro Liberdade, na cidade de Campina Grande - PB, representada pelo sócio, o Sr. **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ**, inscrito no CPF nº 713.719.744-20, doravante(s) denominado(s) **COOPERADO(S) EMITENTE(S)** como **AVALISTA(S)**: o Sr. **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ**, inscrito no CPF nº 713.719.744-20 e cédula de identidade nº 1.415.787 - 2ª Via, expedida pela SSGS - PB, como **INTERVENIENTE(S) GARANTIDOR(E)**: o Sr. **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ**, inscrito no CPF nº 713.719.744-20 e cédula de identidade nº 1.415.787 - 2ª Via, expedida pela SSGS - PB, e ainda como **AUTORIA XUXÓRIA**, a Sra. **NADJA ALEIXO SILVA**, inscrita no CPF nº 929.690.384-04 e cédula de identidade nº 1.425.776, expedida pela SSP/PB.

IMÓVEL(S):

Imóvel localizado à rua Bahia, nº 295, Liberdade, nesta cidade, com as seguintes medidas e limites: frente 5,00 metros com a rua onde está situada, lado esquerdo, 28,00 metros com a casa nº 299, pertencente a Adelaide O. Corneia Amorim, lado direito, 28,00 metros com a casa nº 287, pertencente a Luiz F. Duarte Oliveira e fundos 5,00 metros com pequenos quartos situados à Rua Sorocaba, nº 688 pertencente a Viviane Ramos Pereira. **DECLARANTE REGISTRADO NO CARTÓRIO DO 1º Serviço Notarial e Registral Ivandro Cunha Lima da Cidade de Campina Grande-PB, sob nº R.S. 54.142, matrícula 54.142, em 16/06/2021, cadastrado na Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB, com inscrição imobiliária nº 1.1001.040.01.0046.0001 e Sequencial nº 10997360.**

VALOR TOTAL (DOIS) BEMINS): R\$ 103.373,82 (cento e três mil e trezentos e setenta e três reais e oitenta e dois centavos);

VALOR DA DÍVIDA E DESPESAS): R\$ 117.670,69 (cento e dezessete mil e seiscentos e setenta reais e sessenta e nove centavos).

Obs: Informamos que o saldo da dívida e despesas, serão atualizados e corrigidos tanto no dia da realização do 1º leilão quanto no dia da realização do 2º leilão.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO (Advertências especiais):

1) O valor do lance deverá ser quitado no ato do leilão e em uma única parcela, em moeda nacional e/ou comprovado de efetivação da Transferência Eletrônica de Documentos (TED);
2) A comissão do leiloeiro, paga à vista, será de 5% (cinco) por cento sobre o valor da arrematação, e correrá por conta do arrematante (art. 24 do Decreto nº 1.415.787 - 2ª Via, expedida pela SSGS - PB);
3) Eventuais ônus existentes sobre o bem levado a leilão deverão ser verificados pelos interessados junto aos órgãos competentes;
4) Será de inteira responsabilidade do arrematante o pagamento das despesas relativas à escritura de compra e venda e respectivo registro, ITBI e demais encargos da transmissão, além de taxas em atraso de condomínio, manutida (SPU), energia elétrica, água, etc.

Condições Gerais:

O(s) referido(s) imóvel(s) será(ão) arrematado(s) nas condições e estado de conservação em que se encontrar(em). As medidas e confrontações constantes no presente edital deverão ser consideradas meramente enunciativas. Para todos os efeitos, considera-se a venda realizada por intermédio dos leilões previstos neste edital como sendo “ad corpus”, não cabendo qualquer reclamação posterior em relação a medidas, confrontações e demais peculiaridades do imóvel, cabendo aos interessados visitarem o(s) bens antes de ofertarem lances no leilão, inclusive no que se refere às edificações existentes no local. O(s) imóvel(s) ocupado(s), caberá ao arrematante promover as medidas (extrajudiciais e/ou judiciais - nos termos da Lei 9.514/97), bem como arcar com as custas e despesas para a desocupação do(s) bens. Cabe aos interessados verificar, junto ao Município e demais órgãos competentes, eventuais restrições quanto ao uso do imóvel levado a leilão, inclusive, mas não somente, restrições ambientais. Arrematante não poderá alegar, sob qualquer forma ou pretexto, o desconhecimento das condições do presente Edital de Leilão.

Intimação: Por intermédio do presente edital, ficam devidamente intimados, da data, local e condições dos leilões, **CONTRATO Nº B90231536-4** da **EMITENTE(S)**: A empresa **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ ME**, cadastrada no CNPJ nº 01.068.190/0001-41, com sede na Rua Bahia, nº 283, no Bairro Liberdade, na cidade de Campina Grande - PB, representada pelo sócio, o Sr. **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ**, inscrito no CPF nº 713.719.744-20, doravante(s) denominado(s) **COOPERADO(S) EMITENTE(S)** como **AVALISTA(S)**: o Sr. **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ**, inscrito no CPF nº 713.719.744-20 e cédula de identidade nº 1.415.787 - 2ª Via, expedida pela SSGS - PB, como **INTERVENIENTE(S) GARANTIDOR(E)**: o Sr. **AURIMENDES NEVES DE QUEIROZ**, inscrito no CPF nº 713.719.744-20 e cédula de identidade nº 1.415.787 - 2ª Via, expedida pela SSGS - PB, e ainda como **AUTORIA XUXÓRIA**, a Sra. **NADJA ALEIXO SILVA**, inscrita no CPF nº 929.690.384-04 e cédula de identidade nº 1.425.776, expedida pela SSP/PB.

Informações: Com o leiloeiro, por intermédio do e-mail leiloesmonteiro@gmail.com, site <http://www.leiloesmonteiro.com.br> ou pelo telefone (83) 98721-8002 | (83) 99685-6653 e através da Cooperativa de Crédito, Poupança e Investimento Sicredi Evolução pelo fone (83) 2107 - 3600.

João Pessoa - PB, 02 de julho de 2021.

COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUPANÇA E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO

Juliana Cavalcanti
 julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Os maiores corpos hídricos de João Pessoa abrigam as três principais nascentes de água do município. Elas estão localizadas em rios importantes para a capital paraibana: Cuiá, Cabelo e Jaguaribe, e suas origens estão nos bairros do Grotão, Mangabeira e Ernani Sátiro, respectivamente. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Semam) estima a existência de mais de 200 corpos hídricos com potencial para serem classificados como nascentes no município.

Também conhecidas como olho d'água, mina d'água ou cabeceira, as nascentes são fontes de água que surgem em determinados locais da superfície do solo. Elas correspondem ao local onde se inicia um curso de água (rio, ribeirão, córrego), seja grande ou pequeno.

Segundo o biólogo e técnico da Semam, Cláudio Almeida, a maioria das nascentes em solo pessoense está em estado bom ou regular, mas a poluição tem causado mais preocupação a cada ano.

“Temos muito lançamento de efluentes não tratados e de esgoto em determinados pontos. Também temos áreas realmente problemáticas”, descreve o estudioso.

Aquelas localizadas na Zona Sul da cidade estão em melhor estado de conservação. A próxima ao bairro do Distrito Industrial, no entanto, é caracterizada em “situação péssima”. Um exemplo é a nascente do Rio Mussuré, que se encontra com o Rio Mumbaba e, em seguida, com o Gramame. Nesta área, existe um crescimento anormal de aningas, plantas aquáticas presentes em águas em estado de degradação.

O indicativo de poluição vem das fábricas da região e das comunidades ao redor, que lançam sujeira no rio. “Existem várias nascentes com corpos hídricos ainda com vegetação, como é o caso do Rio Mussuré. Só que essa vegetação é sinônimo de poluição. Essas plantas crescem de maneira anormal, estão sombreando a tal ponto a água que ocorrem problemas com as plantas que fazem fotossíntese. Não tem sol e a temperatura não é a ideal. A aninga altera o funcionamento do sistema ecológico pelo seu crescimento desordenado”, acrescenta o técnico da Semam.

Áreas contaminadas

A aninga é um tipo de planta nativa do Litoral brasileiro e da Amazônia que existe em pouca quantidade na Mata do Buraquinho e caracteriza a poluição da água onde habita, já que ela se prolifera em áreas contaminadas. Ela domina o espaço de tal forma que as espécies abaixo dela não conseguem sobreviver de maneira adequada. “Ela recolhe todos os nutrientes. Então, só ela cresce. Vai depurando a água, que depois vai ter uma qualidade melhor do que se ela não tivesse. Ela compete com a vida de outras, mas faz a sua função, absorvendo muita matéria orgânica e poluentes”, analisa Cláudio Almeida.

Por isso, em determinadas épocas, a nascente do Rio Mussuré, bem como todos os locais por onde



Fotos: Marcus Antonius

Também conhecidas como olho d'água, mina d'água ou cabeceira, as nascentes são fontes de água que surgem em determinados locais da superfície do solo

Nascentes de água: onde começa a vida

Degradação ambiental ameaça fontes que, em maior ou menor volume, dão origem aos cursos de água. Na capital, há mais de 200 potenciais nascentes

/// A aninga altera o funcionamento do sistema ecológico pelo seu crescimento desordenado. A presença dela é indicativo de poluição ///

Sete

bacias hidrográficas estão localizadas em João Pessoa

ele passa no mesmo bairro, apresentam mau cheiro. Além disso, ocorre uma alta quantidade de nitrogênio e fósforo produzidos na água e outros produtos, a depender do que é lançado pelas fábricas. “Acessando por dentro da comunidade, a água que desce é de cor diferenciada: azul ou vermelha, porque no Distrito algumas empresas têm problema de lançamento de efluentes e ainda lançam dentro do riacho sem tratamento. A qualidade da água é ruim”, comenta o biólogo.

Durante as chuvas aumenta a diluição e as águas podem não apresentar mau cheiro e a cor fica um pouco mais clara. Porém, no verão, estão mais concentradas e o cheiro é ainda mais forte. O Distrito Mecânico também apresenta nascentes em situação ruim, cuja água tem

cor mais escura por causa da deposição da matéria orgânica. Alguns peixes ainda sobrevivem à poluição, mas não com uma grande diversidade de espécies.

Já as regiões com maior biodiversidade, em especial múltiplas espécies de plantas - sem aningas - estão em melhores condições. Um exemplo está localizado na Área de Preservação Permanente no Parque do Sol, onde uma nascente de um rio afluente do Gramame já foi analisada e se encontra em estado bom pra uso. “Basta apenas um pouco de tratamento básico porque essa água é potável. É uma das boas nascentes que nós temos”, declarou o pesquisador da Secretaria.

Embora ainda exista lixo na mata, a água é visivelmente mais limpa. Inclusive, a umidade no local e a

grande quantidade de espécies que fazem a recuperação dos trechos ao longo do tempo são indicadoras de qualidade. Portanto, a área é considerada conservada.

Ao todo, a capital paraibana tem sete bacias hidrográficas denominadas pelos seus rios principais: Jacarapé, Aratu, Gramame, Sanhauá, Marés, Jaguaribe e Cuiá. A maior é a do Rio Jaguaribe, mas é a dos rios Gramame e Marés que abastece a maior área do município.

A Semam avalia a existência de vários pontos na bacia do Jaguaribe em situação péssima ou ruim, com sua nascente, inclusive, soterrada, quase não podendo ser visualizada. “A ocupação irregular das margens e a ausência de vegetação acarretam baixo estado de conservação”, finalizou Cláudio Almeida.

Impactos ambientais

As mais de 200 potenciais nascentes em João Pessoa foram classificadas pela Semam levando em consideração as características da vegetação, solo e topografia. “São locais que apresentam características naturais que podem indicar nascentes, mas é preciso ir a campo para constatar a existência dessa nascente ou não”, esclarece o diretor de Estudos e Pesquisas Ambientais do órgão, Sérgio Chaves.

Segundo ele, os corpos hídricos de João Pessoa são considerados recursos naturais primordiais à manutenção de serviços ecossistêmicos, promoção de qualidade de vida e conservação da biodiversidade urbana. No entanto, nas duas últimas décadas, houve um crescimento de aproximadamente 38% da população e uma expansão imobiliária na Região Metropolitana. Esses fatores aumentaram a pressão dos impactos ambientais negativos sobre os recursos hídricos e florestais do município.

Por isso, ele ressalta que a educação ambiental das comunidades ribeirinhas é fundamental para a cidade e, principalmente, para aqueles que vivem no entorno destes locais. Ele observa que periodicamente são realizadas atividades e campanhas educativas com a população das áreas próximas, como mutirão de limpeza, educação ambiental nas escolas públicas, entre outras ações preventivas.

Monitoramento

O órgão já mapeou e classificou dezenas de nascentes pessoenses e, conforme o diretor, dependendo do rio ou trecho específico do corpo hídrico, o estado atual da maioria destas áreas recebe um nível de classificação. Esta última informação foi registrada no “Relatório Técnico – Mapeamento e Monitoramento das Nascentes e Corpos Hídricos de João Pessoa”. O documento foi elaborado por engenheiros ambientais, arquitetos, geógrafos e biólogos da Diretoria de Estudos e Pesquisas (Diep) da Semam, que mapearam e monitoraram as nascentes dos rios, identificando o estado de conservação no entorno, as condições da água, impactos ambientais negativos (desmatamento, resíduos sólidos domésticos deixados nas nascentes, ocupação irregular entre outros).

O levantamento inclui informações das principais nascentes de rios e serve para nortear a política ambiental pessoense dos próximos anos. Segundo o geógrafo e especialista em geoprocessamento do órgão, Arinaldo Neves, o documento irá basear a preservação e recuperação ambiental, bem como os processos de licenciamento, fiscalização, arborização urbana, educação ambiental com a população das áreas das nascentes, entre outras atividades futuras.

“As nascentes brotam como se fosse um olho d'água. Classificamos como potenciais nascentes justamente porque pegamos o relevo, vimos onde é a área abaciada, como se fosse um anfiteatro. São áreas que têm potenciais para nascentes e, juntando o relevo, mais a vegetação, podem ter as chamadas áreas de cabeceiras. Nem todas foram verificadas ainda”, observou.



Mapeamento realizado em João Pessoa identificou cerca de 200 potenciais nascentes, que foram classificadas de acordo com as condições de conservação



Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Nos últimos anos, a Paraíba vem exportando jogadores para os grandes times do país e até do exterior. Quase todos eles, deixam o Estado ainda muito jovem, e muitos sequer passam pelos times da terra. Dois exemplos desse problema são o atacante Matheus Cunha, que joga na Alemanha, e o goleiro Santos, do Athletico Paranaense. Ambos foram convocados para a seleção olímpica, que vai representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio, este mês.

É muito raro um grande time da Paraíba dar uma oportunidade aos atletas formados na base do clube. Os elencos são formados por jogadores que vêm de outros estados, e que não têm nenhuma identificação com os clubes, nem com o Estado. São atletas profissionais, que apenas cumprem suas obrigações, sem vestir a camisa do clube do coração. Não há nenhuma ligação emocional entre os atletas e os clubes. Alguns até de nível técnico duvidoso e inferior a alguns paraibanos.

A falta de investimento dos grandes clubes da Paraíba nas categorias de base explica porque nossos times quase não têm em seus elencos jogadores da terra, e explica também, porque não revelam grandes jogadores e os vendem, para gerar assim recursos para o clube. Isto já está sendo feito em todo o país e tornou-se muito comum ver os grandes clubes do futebol brasileiro revelando bons atletas e ganhando rios de dinheiro, com a venda deles para o futebol europeu. Aliás, isso deixou de ser um privilégio apenas dos clubes do eixo Rio-São Paulo. O investimento nas categorias de base já é uma realidade em clubes de todas as regiões do país, inclusive do Nordeste, exemplo do Bahia, Vitória, dentre outros.

Na Paraíba, a coisa ainda está engatinhando, e apenas dois clubes trabalham com uma gestão profissional nas categorias de base. São eles o CSP de João Pessoa e a Perilima, de Campina Grande. O CSP foi o pioneiro e hoje tem jogadores revelados pelo clube em Portugal, na Grécia e em outros países europeus, além dos melhores clubes do país. Atualmente, o Tigre tem atletas revelados no clube nas séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro. O presidente e proprietário, Josivaldo Alves, diz que o segredo para revelar talentos é ter uma boa estrutura e persistência com os jovens atletas.

“O que acontece com os chamados grandes clubes do Estado, é que eles têm as categorias de base, mas não investem o quanto é necessário. Outro problema é que os jogadores estreiam no profissional e basta o primeiro erro, sofrem pressão e são descartados logo. Eles preferem chamar atletas mais calejados de outros estados. É preciso insistir, porque todos no começo vacilam muito até atingir o ideal, e falta paciência a alguns dirigentes para colher os frutos”, afirmou o empresário, que disse oferecer toda uma estrutura técnica, física e de saúde aos garotos, além de uma alimentação voltada para o desenvolvimento atlético da garotada.

Paraíba produz talentos, mas investe pouco no FUTEBOL DE BASE

Estado segue exportando vários jogadores para grandes times do país, mas alguns nem passam por times profissionais, como Santos e Matheus Cunha



O Centro Sportivo Paraibano (CSP) é pioneiro no processo de lapidação dos garotos e muitos deles já fazem sucesso no Brasil e no mundo



A Desportiva Perilima é hoje um dos clubes que mais investe no futebol de base

A Perilima passou a fazer um trabalho voltado unicamente para revelar atletas, recentemente, há uns dois anos, quando o clube foi comprado pelo empresário Jailton Oliveira. Ele já está

começando a colher alguns frutos, mas o trabalho é a longo prazo, para se tornar um clube formador de talentos.

O presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti,

“Nós temos hoje cerca de 30 atletas da base que moram na Maravilha do Contorno. São atletas que vêm de outras cidades e que não podem ir e vir para os treinos”

disse que o Belo não pode ainda ser considerado um clube formador de talentos, mas, já começou um bom trabalho de base, que já rendeu alguns frutos.

“Nós temos hoje cerca de 30 atletas da base que moram na Maravilha do Contorno. São atletas que vêm

de outras cidades e que não podem ir e vir para os treinos. Nós estamos com uma política de valorizar a prata da casa. Há pouco tempo, nós vendemos um jogador formado aqui, o volante Djevan. Revelamos e vendemos também o zagueiro Walber, e atualmente temos no time principal alguns garotos que saíram de nossas categorias de base. Um deles, inclusive, está como titular no momento, o zagueiro Gabriel Yano.

Assim como disse Josivaldo Alves, o principal problema que impede o Botafogo e outras grandes equipes do Estado de se tornarem clubes formadores de talentos é a falta de recursos para investir em uma série de coisas.

“O problema é que para ser realmente um clube formador de talentos, a despesa é muito alta e o clube no momento, mal tem patrocinadores para o time profissional, e a situação piorou bastante, após a pandemia. Se fosse transformar o Botafogo em um time formador, teríamos despesas odontológicas, médicas, nutricionais, mais preparadores físicos e técnicos, nutricionista, vigilantes para garantir a segurança da garotada e uma escola para que eles não abandonassem os estudos. E isso foge totalmente de nossa realidade no momento, mas é um desejo nosso para o futuro”, disse o dirigente do Belo.

Craques paraibanos

Não é de hoje que craques paraibanos brilham no futebol nacional e internacional, sem nunca terem jogado profissionalmente pelos grandes clubes paraibanos. Quem não se lembra do sucesso de Mazinho, de Santa Rita, tetracampeão mundial pela Seleção Brasileira, que brilhou também no futebol espanhol. O que dizer do lateral esquerdo Júnior, de Cabedelo, que no Flamengo ganhou títulos nacionais e internacionais. Ele também chegou a Seleção Brasileira e brilhou nos campos da Itália. Marcelinho Paraíba foi destaque em clubes brasileiros e um dos maiores jogadores do Campeonato Alemão, vestindo a camisa do Herta Berlin.

Atualmente, a Paraíba tem Hulk, de Campina Grande, que brilhou em Portugal, na Rússia e na China. Ele também chegou à Seleção Brasileira e disputou a Copa do Mundo de 2014. Matheus Cunha é atualmente um dos principais goleadores do futebol alemão e faz parte da Seleção Brasileira Olímpica. Ainda temos o goleiro Santos, que hoje é titular do Athletico Paranaense, e também foi convocado para defender o Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio, que começam este mês. O atacante pessoense Tiquinho, que foi revelado pelo CSP, fez muito sucesso no Porto de Portugal, passou pela China e hoje está no Olympiacos, da Grécia. Ele jogou ao lado do meia Otávio, também de João Pessoa, que ainda está no clube português. O lateral Douglas Santos foi campeão olímpico em 2016, passou pelo Atlético Mineiro, e hoje está no Zenit, da Rússia.

Entre famosos e menos conhecidos, a Paraíba atualmente tem oito atletas disputando a Série A do Campeonato Brasileiro, que reúne os melhores 20 clubes do país. Eles estão espalhados pelas regiões Nordeste, Sul e Sudeste do país. No Bahia, está o lateral direito Nino Paraíba. Esse é um caso raro, porque chegou a jogar profissionalmente por clubes paraibanos. No Sudeste, outro lateral vem fazendo sucesso, no Bragantino de São Paulo. Trata-se do campinense Aderlan. Em Minas Gerais, Hulk joga no Atlético e Carlos Alberto Gomes no América Mineiro, ambos atacantes. O meia Manduca, de João Pessoa, está no Corinthians. Na região Sul, o lateral direito Victor Ferraz veste a camisa do Grêmio, do Rio Grande do Sul, e o goleiro Santos defende o Athletico Paranaense.

PAÍS DO FUTEBOL

No Brasil, 55%
dos jogadores
ganham o
salário
mínimo

Apenas 12% têm ganho superior a R\$ 5 mil e 33% chegam a receber R\$ 5 mil. Mais de 360 mil atletas são registrados

Foto: Divulgação/Benfica



O zagueiro Luizão chegou a jogar no Benfica e sob o comando de Jorge Jesus

Toni Assis
Especial para a AÉ

Prestes a completar 36 anos, Luiz Ricardo Bernardes, o Luizão, rodou o Brasil tendo como objetivo tornar-se jogador de futebol. Zagueiro de bons recursos técnicos, atuou em clubes de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Rio Grande do Sul, Roraima e Tocantins. Cansado dos baixos salários, e de muitas vezes não receber sequer o combinado, ele abandonou o futebol em definitivo em 2018. Com três filhos, o ex-defensor trabalha agora como motorista de frete na capital paulista.

O histórico de Luizão representa a dura realidade da maioria dos jogadores que se aventura atrás de uma bola. Uma pesquisa divulgada pela plataforma Cupomvalido.com.br, que reuniu dados da CBF, Statista e Ernst & Young sobre o esporte, mostra que mais da metade dos atletas que atuam no Brasil tem de se virar com um salário mínimo.

Baseado em vencimentos com carteira de trabalho assinada, o levantamento indica que 55% dos jogadores recebem a remuneração de R\$ 1.100, não considerando, por exemplo, os direitos de imagem. Entre os jogadores que faturam até R\$ 5.000 o percentual cai para 33%. Somente 12% têm remuneração superior a R\$ 5.001.

De acordo com o Estudo, o Brasil possui 7.020 clubes registrados, sendo que 874

agregações são profissionais ativas. A região Sudeste é a que aloja a maior parte desses times (39%) e a que paga melhor também (média de R\$ 15 mil). Já os vencimentos mais baixos estão concentrados no Nordeste (em torno de R\$ 1.000). O país possui mais de 360 mil atletas registrados, sendo que 25% são profissionais.

De zagueiro a motorista

Atrás do sonho de obter salários de primeiro escalão, Luizão acabou se tornando um andarilho da bola. Essa busca tinha um objetivo claro: despontar nos campos, vislumbrar bons contratos e levar uma vida confortável e glamourosa, a exemplo dos grandes nomes do futebol.

"Tive boas condições de trabalho em Goiás. No Estado de São Paulo, o Noroeste e o Mogi Mirim também ofereceram boa estrutura. Mas nos outros clubes em que passei, só tive problemas: Inter de Limeira, Inter de Santa Maria, Uberaba, Tombense, entre outros. Aí você vai ficando mais velho e não tem mais paciência. Quando o dirigente vem com aquela conversa de que só vai poder pagar depois, já sei onde isso vai terminar. E, no meu caso, tenho família para sustentar", comentou o ex-zagueiro ao Estadão.

Nesse período em que rodou o Brasil, Luizão disse que os salários giravam em torno de R\$ 2 mil. "Às vezes um pouco mais, às vezes um pouco menos". Desde que

decidiu encerrar o ciclo no futebol, a sua vida mudou. E a troca dos campos pelo trânsito de São Paulo foi a opção escolhida para pagar as contas. Com a rotina atual de motorista de uma empresa de fretes, Luizão acorda antes mesmo de o dia clarear.

Às 4 horas ele já está de pé. O expediente tem início às 6h e normalmente acaba após o horário de almoço. Dependendo do volume de serviço, o dia de trabalho ainda pode se alongar. O ex-zagueiro dirige de 100 a 150 quilômetros por dia e atende as regiões Norte, Sul, Leste e Oeste da metrópole paulistana.

Mas o fato de ter pendurado as chuteiras não afastou Luizão dos campos. Bastante requisitado para jogar na várzea, ele reforça o orçamento familiar atuando aos sábados e domingos. "Dá uma média de R\$ 700 a R\$ 800 por jogo. Mas, com a pandemia, todos os campeonatos foram suspensos e acabei ficando sem esse dinheiro", lamentou.

Tem muita gente que entra no futebol e acha que vai ficar milionário. Não tem compromisso. Muitos dirigentes contraem as dívidas em nome dos clubes, não pagam, e vão embora.

O estudo indica que cerca de R\$ 52 bilhões são movimentados no futebol aqui no Brasil. De acordo com a pesquisa, 80% do valor total dos salários está concentrada em apenas 7% dos atletas.

Para Walter Dal Zotto, presidente do Juventude, a chave para tentar iniciar uma mudança passa, em primeiro lugar, por uma reformulação estrutural no futebol brasileiro. Isso tem relação direta com um calendário que permita aos times estar em atividade o ano inteiro. "A minha ideia é estruturar e melhorar o ca-

Foto: Gabriel Tadiotto / EC Juventude



Walter Dal Zotto, do Juventude, defende uma reformulação estrutural no futebol

Salários

Num comparativo a esse cenário de penúria para a maioria dos jogadores que atua no Brasil, Neymar é um objetivo quase inalcançável para quem corre atrás da bola. Principal nome brasileiro em atividade no planeta, o atacante revelado pelo Santos embolsa R\$ 405 milhões ao ano. Se for considerado os rendimentos com publicidade e patrocínio, as cifras alcançam R\$ 501 milhões.

Ampliar o número de divisões. Teríamos de estruturar mais divisões no Campeonato Brasileiro porque existem clubes de camisa pesada na Série D que não conseguem subir", afirmou.

O dirigente defende ainda que uma pequena reestruturação de recursos financeiros poderia dar mais condições para os clubes menores se manterem. "Tem muito dinheiro na Série A. Um percentual

mínimo desses recursos poderia ser canalizado para as Séries C e D e outras divisões. Assim, teríamos competições organizadas o ano inteiro para essas equipes. E com calendário já definido, elas poderiam investir mais, conseguir patrocinadores", comentou.

Para Junior Chavare, gerente de futebol do Bahia, a melhora salarial dos jogadores que atuam em times mais modestos tem de estar diretamente ligada à estabilidade dos clubes. "Só com equipes competitivas e com a questão financeira em dia é que a remuneração dos atletas pode melhorar. Nas condições em que se trabalha atualmente, é difícil exigir algo a mais. Hoje o que deveria ser obrigação, pagar em dia, é muitas vezes uma exceção. Infelizmente a gente sabe que isso não acontece", comentou o dirigente.

Inadimplência

Para Rinaldo Martorelli, presidente do Sindicato dos Jogadores de São Paulo, a mudança também passa necessariamente pela responsabilidade dos dirigentes que comandam os clubes. "Tem muita gente que entra no futebol e acha que vai ficar milionário. Não tem compromisso. Muitos dirigentes contraem as dívidas em nome dos clubes, não pagam, e vão embora. É uma sequência de coisas. Há uma mentalidade muito mais voltada ao descumprimento, ao inadimplen-

to, do que o contrário. Isso acontece porque não há punição pessoal", afirmou o dirigente.

Esses desmandos, na opinião de Martorelli, têm como consequência o enfraquecimento dos clubes e os baixos salários pagos aos jogadores. "Os caras não têm condição de bancar salário e aceitam qualquer coisa porque não vão pagar mesmo e não têm responsabilidade."

Para Marco Aurélio Cunha, ex-diretor da CBF e atualmente executivo de futebol do Avaí, além da concorrência ser muito grande no meio do futebol, o mercado é seletivo. "O gargalo é muito fino. Vamos imaginar que entre as Séries A, B e C tenham 60 times com cada clube dispo de 30 jogadores em seu plantel. Por alto teremos 1.800 atletas em todas as três divisões. Nessa fatia, você vai ter uns 600 jogadores com vencimentos muito bons. O resto vai ganhar entre R\$ 1.000,00 e R\$ 5.000,00 mesmo."

Outro fator que precisa ser levado em conta, segundo Cunha, é o tempo útil de atividade. "Em um banco você entra e pode se aposentar. No futebol, você vai se doar até os 35 anos e, se ganhar de 2 a 5 salários mínimos, vai ser aquilo ali mesmo. E muitos não pensam no pós-carreira. Os ricos não se preparam, imagine os pobres. O futebol de grandes salários é uma ilusão", comentou Cunha.

Foto: Divulgação/CBF



Marcos Aurélio, do Avaí, vê a concorrência grande e mercado muito seletivo

Vigilantes na pandemia, torcedores monitoram atletas em aglomerações

Gabigol, Ramires, Patrick de Paula, Marrony, Arboleda, Cazares, Sassá, entre outros, já foram flagrados e denunciados

João Prata
Agência Estado

Desde o ano passado, quando as aglomerações foram proibidas por causa da pandemia, sempre surge o nome de um jogador de futebol pego pela torcida descumprindo as regras de isolamento social. Os casos mais recentes são de Patrick de Paula e Lucas Lima, ambos do Palmeiras. Mas Felipe Melo, Ramires, Gabigol, Arboleda, David Neres, Cazares, Sassá, Marrony e Dylan são outros destaques negativos em tempos de quarentena por causa da covid-19.

Os torcedores têm ajudado os clubes a dar esses flagratos. Além de monitorar os atletas pelas redes sociais, eles recebem as denúncias e depois cobram pela punição. Após pressão de uma das torcidas, o Palmeiras rescindiu com Ramires, por exemplo. A organizada também pediu pela saída de Lucas Lima.

O meio-campista foi encontra-

passado. Os dois foram cercados pelos torcedores e criticados pela postura. Na sequência, a torcida criou o "Disque Denúncia - A Festa Acabou". A mesma iniciativa também foi feita por outras torcidas, como a do Botafogo e Paysandu. Os torcedores também descumprem o isolamento, principalmente quando seu time ganha campeonatos. Mesmo assim, estão entregando para a diretoria quem faz o mesmo do elenco.

Como qualquer tipo de aglomeração está proibida no Brasil por causa dos protocolos da pandemia, todos os atletas pegos podem responder por crime contra a saúde pública. O atacante Gabigol, do Flamengo, fez um acordo com a Justiça de São Paulo e pagou R\$ 110 mil em troca da extinção do processo. Em março, ele foi detido dentro de um cassino clandestino com mais 150 pessoas. Tentou driblar a batida policial, mas não conseguiu.

Arboleda, do São Paulo, e David Neres, do Ajax, foram pegos em uma balada clandestina na Zona Leste de São Paulo em março. Uma ação de fiscalização policial fechou o local que funcionava ilegalmente e estava com mais de 100 pessoas. Todos, inclusive os jogadores, foram levados para uma delegacia e prestaram depoimento. Eles foram liberados pela manhã, mas podem ser acusados de crimes contra a saúde pública. A boate pode ser multada em R\$ 200 mil.

O São Paulo puniu Arboleda com afastamento e desconto no salário. O clube ainda informou à época que ele seria monitorado com testes frequentes para diagnóstico de covid-19. Detalhe que o zagueiro é reincidente: em outubro do ano passado, ele foi flagrado em uma balada e multado pela diretoria.

O que diz a lei

O advogado João Guimarães, especialista em direito desportivo, informa ao Estadão que os clubes podem usar do inciso II do Artigo 35 da Lei Pelé para aplicar a punição ao jogador. Nele diz que uma das obrigações do jogador é "preservar as condições físicas que lhes permitam participar das competições desportivas". A punição varia de acordo com o clube.

"Ele até pode ser demitido por justa causa, mas é mais difícil que isso ocorra, pois o clube desvaloriza seu próprio ativo. O que pode acontecer é um jogador que está no clube por empréstimo ser devolvido ao clube de origem", acrescenta.



Foto: Reprodução/Instagram Galoucura

A principal torcida organizada do Atlético Mineiro encontrou o atacante Marrony em uma balada clandestina, no ano passado, em Belo Horizonte

Foi o que aconteceu com Sassá, por exemplo. O presidente do Coritiba, Samir Namur, rescindiu o contrato do atacante por justa causa. A decisão aconteceu após fotos do jogador em uma festa terem sido vazadas nas redes sociais. O atleta pertence ao Cruzeiro e em janeiro foi emprestado ao Marítimo, de Portugal. Outro que teve o contrato rescindido foi Ramires, do Palmeiras.

"O comportamento de um atleta fora do ambiente de trabalho, ou seja, praticado no seu período de

folga, como regra geral não se relaciona com as obrigações laborais que ele tem com o clube. Contudo, sempre podem existir exceções à regra e a situação pela qual toda sociedade passa neste momento é uma delas, já que a todos os cidadãos é cobrado um senso de responsabilidade durante a pandemia, visando evitar a proliferação do vírus", afirmou o advogado Eduardo Carlezzo, especialista em direito desportivo.

A lista de jogadores flagrados

em aglomeração é extensa desde o início da pandemia. Além dos citados, Cazares furo a quarentena quando ainda estava no Atlético-MG para jogar bola com os amigos, o volante Felipe Melo deu uma festa de aniversário para vários convidados em sua casa quando as competições estavam paralisadas. Moisés, do Internacional, também deu festa em casa. Em março, quando 14 jogadores do Corinthians tinham testado positivo, Jô e Otero postaram nas redes sociais vídeos em um resort.

Foto: Divulgação/Alex Painers



Os jogadores Arboleda, do São Paulo, e David Neres, do Ajax, foram pegos em balada clandestina na Zona Leste de São Paulo, em março

Sousa enfrenta o Central de olho na liderança do Grupo 3

Vice-campeão paraibano joga às 16 horas, no Marizão, com o objetivo de se manter no G4 do Brasileiro da Série D

Foto: Jeffersonmaoel/Sousa

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após empatar com o Treze, em Campina Grande, o Sousa volta a campo, neste domingo, para enfrentar o Central de Caruaru, às 16 horas, no estádio Marizão, em Sousa. O Dinossauro é a grande surpresa do grupo 3, com 7 pontos, e na quarta colocação. Já o Central vem de uma derrota para o Campinense, em casa, e está fora da zona de classificação, na quinta posição, com quatro pontos. O árbitro deste jogo será Edielson da Silva Azevedo, do Amapá, auxiliado pelos paraibanos Kildenn Tadeu Moraes de Lucena e Rafael Guedes de Lima.

O técnico Warley não terá problemas para escalar o Dinossauro para este jogo. A única dúvida era Almir, que estava com uma contusão, mas já foi liberado pelo departamento médico e deverá ser escalado. O treinador está esperançoso, após os dois bons resultados conquistados contra o Campinense e o Treze.

“Nós ficamos muito satisfeitos com o desempenho da equipe nesses dois jogos. Não é fácil jogar contra os maiores, e conseguimos quatro pontos em dois jogos, sendo um deles na casa do adversário. Acho que o time está no caminho certo e nossa intenção é aproveitar bastantes os dois jogos que teremos em casa, para pontuar e continuar na zona de classificação. Para isso, es-

tou mantendo a base do time que empatou com o Treze em Campina Grande”, disse o técnico.

Central

Para o Central, esse jogo é de muita importância. A equipe quer recuperar os pontos perdidos em casa para o Campinense e precisa da vitória para entrar na zona de classificação. Para tal, o técnico Júnior Baiano terá à disposição novos jogadores. O volante Josa, o lateral esquerdo Sidcley e o meia Kellyton foram contratados recentemente e poderão fazer a sua estreia. O atacante Muller Fernandes, ex-Botafogo, também poderá estreiar. Ele foi contratado há algum tempo, mas se contundiu em um treino e passou um bom tempo no departamento médico, tratando uma lesão de grau 3 na coxa direita.

O técnico Júnior Baiano, que vinha pedindo reforços, está animado para esta partida e acha que a Patativa do Agreste pode sair de Sousa com uma vitória. “O time foi irreconhecível contra o Campinense e nós falamos que precisávamos de reforços para reverter este quadro. Graças a Deus, a diretoria fez um esforço e conseguiu contratar alguns atletas que serão muito úteis à equipe, de agora por diante. Eu espero uma outra postura do time na Paraíba, pois sabemos que o Sousa, jogando em seu estádio é muito difícil de ser batido”, disse o treinador.



Jogadores do Sousa comemoram gol na vitória sobre o Campinense, no Marizão. Hoje, a equipe volta a jogar em casa e diante do Central, de Caruaru

Brasileiro da Série A

Fla-Flu é destaque da rodada hoje em São Paulo

A nona rodada do Campeonato Brasileiro será encerrada neste domingo com a realização de sete jogos e destaque para mais um Fla-Flu, este longe do Rio de Janeiro, em função do Maracanã está apenas liberado para a Copa América, e sim na Arena Neo Química, às 16 horas, em São Paulo, onde o Corinthians faz os seus jogos, em Itaquera. As duas equipes se enfrentaram na final do Campeonato Carioca em duas partidas nos dias 15 e 22 de

maio. Na primeira houve um empate de 1 a 1 e na segunda, o Flamengo fez 3 a 1 e ficou com mais um título estadual, o terceiro consecutivo. Na Taça Guanabara, fase de classificação, o Flu ganhou de 1 a 0. No Brasileirão, as duas equipes vêm de resultados bem diferentes. O tricolor, jogando em Volta Redonda, perdeu de goleada para o Atlético-PR por 4 a 1, já o Flamengo se reabilitou da derrota para o Juventude e venceu o Cuiabá por 2 a 0.

No mesmo horário vão jogar Sport e Palmeiras, na Ilha do Retiro. A equipe de Pernambuco faz campanha ruim e está próxima da zona de rebaixamento. O Verdão está em terceiro lugar. Mas a rodada do Campeonato Brasileiro da Série A neste domingo começa bem mais cedo. Chapecoense e Bahia, jogam a partir das 11 horas, na Arena Condá, em Santa Catarina.

As duas equipes vêm de derrotas na rodada anterior. O Bahia per-

deu em casa de 4 a 3 para o América Mineiro enquanto que a Chapecoense foi derrotada pelo Fortaleza, no Castelão, por 3 a 2. No horário das 18h15 estão programadas mais três partidas: São Paulo x Bragantino, Ceará x Juventude e Cuiabá x Atlético-MG. Desses jogos, o São Paulo e o Cuiabá ainda não sabem o que é vencer na Série A e o mesmo se aplica ao Grêmio que joga as 20h30, em casa, diante do Atlético de Goiás, e está na lanterna.

BRASILEIRÃO

■ Jogos de hoje

11h
Chapecoense x Bahia
16h
Flamengo x Fluminense
Sport x Palmeiras
18h15
São Paulo x Bragantino
Ceará x Juventude
Cuiabá x Atlético-MG
20h30
Grêmio x Atlético-GO

■ Série B

11h
Guarani x Brusque

■ Série C

11h
São José-RS x Mirassol
16h
Altos x Floresta
Criciúma x Paraná

O clássico já aconteceu três vezes este ano com uma vitória para cada um e um empate pelo Campeonato Carioca. Hoje, vão duelar longe do Maracanã



Foto: Meilson Santana/Fluminense

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - JOÃO PESSOA - PARAÍBA
Avenida João Celso da Silva, 221
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999



Fotos: Walter Ulisses

Personalidades e homenagens pela cidade

Memória de grandes ídolos segue viva em logradouros e prédios da capital batizada como João Pessoa

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

A riqueza da Paraíba é possível mensurar em diversas áreas. Tanto na gastronomia, quando na produção cultural, ou na política, e ainda no potencial turístico. A terra deu origem a grandes personalidades, o estado encontra uma das formas de reconhecimento, a homenagem a algumas dessas figuras, por exemplo, batizando logradouros da capital paraibana. A iniciativa possibilita a manutenção na memória da população da história e das contribuições dessas pessoas à cultura local – que muitas vezes alcançaram níveis regionais, nacionais e até internacionais de reconhecimento.

Em João Pessoa, é possível identificar alguns nomes conhecidos da cultura paraibana pelos caminhos da cidade, como o poeta Augusto dos Anjos, que nomeia uma rua no bairro de Tambiá e também uma galeria no Centro; o escritor e jornalista Assis Chateaubriand, que dá seu nome a uma praça no bairro do Treze de Maio; o músico erudito Abdon Milanez, que nomeia uma praça no bairro do Castelo Branco; o jornalista Aristides Lobo nomeia uma rua e uma praça no Centro da capital; assim como Jackson do Pandeiro empresta seu nome também para uma rua no bairro Cidade dos Colibris; o escritor, poeta e político José Américo de Almeida nomeia não só uma avenida, como também um bairro de João Pessoa.

O escritor José Lins do Rêgo se configura como um dos romancistas regionalistas mais importantes e reconhecidos da literatura brasileira. Em 1983, ele foi homenageado em João Pessoa a partir da nomeação do Espaço Cultural José Lins do Rêgo, sede da Fundação de mesmo nome.

O lugar é ponto de encontro na capital e possui uma estrutura com teatros, cinema, planetário, galeria de arte, auditórios, um museu em homenagem ao escritor com itens de seu acervo pessoal, dentre outras coisas. Ainda ligado ao Espaço Cultural, um de seus teatros recebe o nome de outra figura importante para a cultura paraibana. O Teatro Paulo Pontes homenageia o dramaturgo brasileiro, nascido em Campina Grande sob o nome de Vicente de Paula Holanda Pontes – que ficou mais conhecido como Paulo Pontes.

Romancista, poeta, filósofo, professor, político e ainda acumulando tantas outras funções, Pedro Américo dá o nome a uma das principais praças da capital paraibana.

A Praça Pedro Américo fica localizada no bairro do Centro, abrigando o Teatro Santa Roza, que foi inaugurado em 1889. Além do famoso teatro, nas imediações da praça estão o Primeiro Comando da Polícia Militar e a Agência dos Correios Central de João Pessoa.

No bairro de Paratibe, próximo ao Valentina Figueiredo, existe uma rua chamada Severino Dias de Oliveira. Natural de Itabaiana, Severino viria a ser mais conhecido por Sivuca, instrumentista, maestro, compositor, orquestrador e cantor brasileiro que compôs para os mais variados ritmos, como choro, frevo, jazz, forró, baião, blues e música clássica, por exemplo.

Expoentes da cultura, política, jornalismo e outras áreas são homenageados em obras que permeiam o nosso cotidiano



Foto: Marcus Antonius

No Centro da capital, a galeria Augusto dos Anjos possui busto e nome do poeta paraibano que empresta seu prestígio ao corredor literário

Resumir biografias em algo material

O mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), George Henrique de Vasconcelos Gomes, de 29 anos, ressalta que é difícil resumir as contribuições dessas figuras. “Dos nomes citados acima, há dois músicos, um teatrólogo, um pintor, um poeta, um médico, um publicitário/jornalista, dois literatos e dois juristas. Todos, de uma forma ou de outra, tiveram grandes contribuições para a Cultura brasileira no tocante à Paraíba”, disse.

“Paulo Pontes, filho de Campina Grande, foi radialista, teatrólogo e dramaturgo, também atuante na televisão. Augusto nos presenteou com suas poesias e reflexões sobre a vida, o fim da vida e de seu tempo, assim como seus “quase” contemporâneos Josés: o Lins e o Américo, ambos grandes escritores, ambos representantes da literatura



Foto: Marcus Antonius

Praça Aristides Lobo é uma das que lembra nomes de políticos de projeção

regionalista, do modernismo brasileiro dos anos 20 e 30. Pedro Américo nos presenteou com suas belíssimas obras de arte que ilustraram gerações de livros e continuam cantando muito sobre a história do Brasil, fascinando gerações. Sivuca com seu acordeom e Jackson com seu pandeiro, levaram o nome e a música da Paraíba ao mundo inteiro. Chatô é basicamente o “pai” da televisão brasilei-

ra, o maior comunicador do Brasil”, destacou George. “Por fim, tratando de um aspecto cultural, mas também ligado ao campo político, lembro que Aristides Lobo foi republicano, abolicionista e um dos autores da Constituição brasileira de 1891 e Abdon Felinto Milanez, médico, engenheiro e músico, autor de óperas e o compositor do Hino da Paraíba em 1905”, completou o historiador.

COMO FUNCIONA A HOMENAGEM?

Segundo George Henrique, é necessário entender que a iniciativa de criar esse espaço de memória parte da intencionalidade de um grupo ou de grupos específicos. “Nem todos os cidadãos e cidadãs são lembrados em vida por suas ações. Porém, alguns ou algumas, por reconhecimento coletivo, se destacam por determinadas ações e aí é onde se origina a “homenagem” aos seus feitos. Pessoalmente, acredito que as realizações individuais e coletivas têm espaço para homenagem”, afirmou ele.

A escolha de uma personalidade para ser homenageada é uma responsabilidade municipal diretamente relacionada à câmara dos vereadores da cidade. A câmara tem o poder de escolher qualquer logradouro ou outros espaços públicos para nomear.

“Porém, há leis federais que limitam esta escolha, por exemplo, nomes ligados à escravidão ou ao período do regime militar de 1964 são proibidos por razões óbvias: a violação dos direitos humanos”, observou o historiador. Nomes militares, inclusive, são uma homenagem recorrente e em maior número quando em comparação com as figuras culturais, por exemplo. “Os nomes homenageados em lugares como praças, ruas, logradouros e outros espaços públicos dependem muito do contexto, da época e lugar no qual estão inseridos e ao mesmo tempo, depende de quem homenageia e os porquês disto. Como a História do Brasil Republicano em suas origens e nos anos posteriores a 1889 teve uma grande participação dos militares na vida política do Brasil, há uma grande presença deles em homenagem às ruas e praças”, destacou George. Professor do Departamento de História da UFPB, Angelo Pessoa relembra que as nomeações públicas municipais passam pela câmara dos vereadores, mas que existem outros prédios e formas de nomeá-los. Como o caso do Espaço Cultural, por exemplo, que é uma obra estadual e o nome foi escolhido da gestão vigente na época. “O governo estadual constrói uma obra, um ginásio de esportes e, nomeia, com o nome de um administrador público. Ou nomeia uma rodovia estadual idem com o nome de alguma personalidade. Às vezes, inclusive, até prédios particulares obedecem o critério do proprietário e construtor. Nos prédios públicos a gente vai encontrar, por exemplo, prédios da administração pública que muitas vezes são nomeados em função de personalidades que esperasse que sejam ligados àquele segmento da administração”, concluiu ele. Nota-se, portanto, que as homenagens podem acontecer de formas distintas, por contribuições coletivas ou mais individuais. No entanto, independente das vias de escolha, o importante é exaltar a memória de figuras que auxiliaram no desenvolvimento da cultura local e expandiram o nome da Paraíba para além dos limites estaduais. Manter a história viva no imaginário das novas gerações é fortalecer as raízes locais e garantir que o legado de personalidades de cada época continue engrandecido.

Foto: Marcus Antonius



Zé Lins teve expandido o seu engenho e, hoje, está no Espaço Cultural

Nilo Tavares

Nascido em Alagoas, com coração em Campina

José Alves
 zaveira2@gmail.com

Torcedor vigoroso do Treze Futebol Clube, aclamado "Galo da Borborema", o jornalista, poeta e boêmio, Nilo Tavares, nasceu em 1913, em Maceió (Alagoas). Ainda muito pequeno, foi levado pelos pais, o jornalista e poeta Fernandes Tavares e Clotilde Pereira Tavares, para morar em Recife, onde viveu parte de sua vida até a década de 1940. Com apenas o ensino primário (atualmente ensino fundamental I), Nilo Tavares foi um autodidata e, aos 27 anos, fazia versos e escrevia para jornais.

Naquela época, ele conheceu Cleuzia Santa Cruz Quirino, com quem se casou, em 1946 e foi morar em Campina Grande, onde fixou residência até o ano de 1997. Logo após o falecimento de sua amada esposa, Tavares foi levado por sua filha, a escritora Clotilde Tavares, para viver os últimos anos de sua vida na casa dela, em Natal (Rio Grande do Norte), onde faleceu aos 86 anos, em 1999.

Segundo sua filha, a escritora Clotilde Tavares, seu pai foi morar em Campina Grande, primeiro porque sua mãe era paraibana e, segundo, porque Campina já era uma cidade desenvolvida e envolvente que mesmo naquela época já atraía muita gente. "Se vivo fosse, ele teria 108 anos. Como filha mais velha, eu o trouxe para morar em minha casa depois que mamãe faleceu. Ele já estava bem velhinho e esclerosado", revelou.

"Papai tinha apenas o curso primário. Era autodidata que é a pessoa que tem a capacidade de aprender algo sem ter um professor ou mestre lhe ensinando ou ministrando aulas. Tudo que fazia, era motivo de orgulho. E, desde jovem, fez todo tipo de coisa: foi gráfico, escreveu para jornais e fez versos de encomenda".

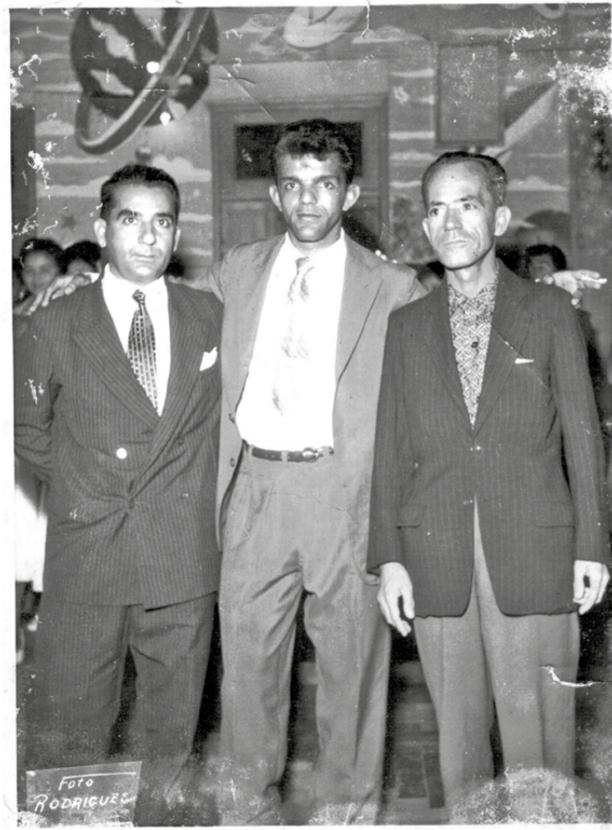
Ele chegou a ser secretário da Prefeitura de Angelim, em Pernambuco e logo após seu

casamento, já em Campina Grande, trabalhou como tipógrafo na Livraria Pedrosa, e depois iniciou a carreira de redator nas Rádios Borborema e Cariri, e posteriormente, no Diário da Borborema.

Em seguida, ocupou a cadeira número 27 do Clube Literário de Campina Grande, cadeira cujo patrono era Emílio de Menezes e militou intensamente nos meios esportivos locais, não apenas como comentarista esportivo de rádio e jornal, mas também como admirador e eventual membro de diretoria do Paulistano Esporte Clube e do Treze Futebol Clube.

Em Campina Grande, Nilo Tavares foi admirado como jornalista e poeta. Bastante conhecido nas "rodas sociais" da cidade, ele, colecionou ao longo de sua vida várias amizades, além de registros importantes. O Clube que ele amava, o Treze, teve algumas publicações a respeito de sua história escritas por Tavares. As mais importantes, sem dúvida, foram a de 1952 e 1975. A primeira foi relativa ao 27º aniversário do Galo.

A publicação em formato de revista obteve tanto sucesso que se transformou num modelo inspirador para todas as outras publicações congêneres, surgidas no Estado da Paraíba. O "Boletim Comemorativo do 27º aniversário de Fundação do Treze Futebol Clube", foi editado pelos desportistas e jornalistas Severino Marinho Leite e Nilo Tavares. Foram inscritas 32 páginas, incluindo estatísticas e fotografias do clube.



Ao lado do jogador Dida, do Flamengo, Nilo Tavares (direita) foi comentarista esportivo e apaixonado por futebol

Foto: cgrethos.blogspot.com

Trezeano

Torcedor do Treze, Nilo teve grandes contribuições para a história do clube

Um homem de letras, esportes e charadas

Ainda em Campina Grande, por três vezes Tavares se candidatou à Câmara de Vereadores, nos anos de 1951 pelo PSB, e em 1963 e em 1968 pelo MDB, mas não obteve êxito. Na terceira tentativa, aproveitando as pichações de "vote nulo", mandou pichar um "i" por cima do "u", ficando "Vote Nilo". Foi quando obteve mais votos.

No final da década de 1950 tornou-se secretário executivo da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, onde permaneceu vários anos, até ser convidado para o cargo de secretário da recém-criada Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da Universidade Federal da Paraíba, tendo permanecido nesta função até 1970. Em seguida, assumiu o cargo de chefe de gabinete do Reitor Antônio Lucena, na Universidade Regional do Nordeste (URNE), atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e permaneceu nesta posição durante três reitorados sucessivos: Antônio Lucena, Luís Almeida e José Figueiredo.

Segundo sua filha, Clotilde Tavares, seu pai teve seis irmãos, todos eles, cultos e dedicados às letras: Stélio, Nabuco e Cláudio, e as mulheres Amelina, Cândida e Luísa. "Uma das coisas de que eu mais gostava, ainda adolescente, era ouvir o relato das aventuras dele quando rapaz jovem, em Recife, aprontando palhaçadas nos bairros da Torre e Madalena, onde morou. Através do meu pai vinha toda aquela vida das décadas de 1930 e 1940, da boemia, da poesia e dos encontros no bar Savoy, com ele nos contando as histórias da revolução de 1930", lembrou.

Em agosto de 2009, a escritora Clo-

tilde Tavares, fez um extenso relato sobre os sentimentos e saudades que sentia pelo seu pai. Na ocasião, ela disse sentir muito orgulho do que ele ainda hoje representa. "Houve uma época de rebeldia na minha juventude em que eu detestava ser conhecida como 'a filha de Nilo Tavares', na Campina Grande meio provinciana da década de 1960. Mas isso passou. Adulta, sempre me orgulhei disso, principalmente em um dia em que ele, em Natal, cidade em que eu morava e onde pouca gente o conhecia, me disse cheio de orgulho: Eu adoro quando me chamam 'o pai de Clotilde'". Esse texto também foi publicado no livro dela, *Coração Parahybano* e no *Jornal A União*, no dia dos pais de 9 de agosto de 2009.

Ela também contou que seu pai se aposentou por invalidez no ano de 1980, após sofrer um acidente vascular cerebral. A partir daí, ele se dedicou ao seu passatempo predileto, o charadismo, tendo sido um dos membros mais ativos da Tertúlia Nordestina (Ternor). Ele também publicou em edição independente as coletâneas de versos intituladas "Minha Vizinha Ivete" e "Sonetos de Natal e Outros Poemas".

No dia 25 de março de 1983 Nilo Tavares assumiu a cadeira número 25 da Academia de Letras de Campina Grande, cadeira cujo patrono era o compositor Rosil Cavalcanti. E foi membro de numerosas associações, entre elas o Rotary Club de Campina Grande e Associação Campinense de Imprensa.

"Quando Mamãe faleceu, em dezembro de 1997, levei-o para minha casa em

Natal. Durante quase um ano e meio, até sua morte em maio de 1999, desfrutei do privilégio de tê-lo junto a mim, já velhinho, esclerosado, esquecido das coisas. Seus súbitos lampejos de consciência, que por vezes perduravam alguns dias, lhe faziam recitar sonetos e mais sonetos e contar histórias antigas. Eu entrava no quarto à noite, pé ante pé, para ver se ele estava bem e o encontrava susurrando. "O que é, papai? Está falando o quê?" "Estou recitando", dizia ele. Todas essas lembranças foram publicadas no blog de Clotilde.

A escritora também contou que as vezes seu pai a confundia com sua própria mãe, de quem ela herdou a aparência física e o nome. Eu dizia: "Não, papai, eu sou Clotilde, sua filha." E ele respondia: "Não! Clotilde, a minha filha, é uma meninazinha lourinha, bem bonitinha, que quando eu chego em casa, ela põe as mãozinhas na cintura e dança contente dizendo: Papai chegou, papai chegou!"

Jornalista e poeta Nilo Tavares, ao lado do jogador Ruivo, ex-atleta do Treze Futebol Clube



Foto: cgrethos.blogspot.com

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Números da violência on-line contra mulheres jornalistas

Pesquisa realizada pelo Centro Internacional para Jornalistas (ICJ) por encomenda da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) aponta o quadro mundial da violência on-line contra mulheres jornalistas e impõe um alerta à sociedade: tal fenômeno tem aumentado drasticamente e de forma incontrolável ao redor do mundo.

O estudo foi realizado no final de 2020, contando com mais de 900 participantes de 125 países que responderam a uma pesquisa em árabe, inglês, francês, português e espanhol. Os resultados apresentados no relatório "Violência online contra mulheres jornalistas: Um Quadro Mundial de Incidência e Impactos" (a qual teve acesso por meio da jornalista Mabel Dias) refletem a contribuição das 714 entrevistadas que se identificaram como mulheres.

Dado o espaço limitado da coluna, compartilho com os leitores apenas alguns dados, mas que demonstram os desafios que as jornalistas enfrentam ao lidar com inúmeros ataques virtuais:

- 73% das mulheres entrevistadas disseram ter sofrido violência on-line;
- Jornalistas entrevistadas são ator-

mentadas por ameaças de violência física (25%) e sexual (18%). Tais ameaças não se restringem a elas próprias: 13% disseram ter recebido ameaças de violência contra pessoas próximas;

- 20% das mulheres entrevistadas disseram que foram atacadas ou abusadas offline em conexão com a violência on-line que sofreram;
- 13% aumentaram sua segurança física em resposta à violência on-line e 4% disseram ter faltado ao trabalho devido a preocupações com a passagem dos ataques para o meio offline;
- Os impactos da violência on-line sobre a saúde mental foram a consequência mais frequente (26%); e 12% das entrevistadas disseram que procuraram ajuda médica ou psicológica devido aos efeitos da violência on-line;
- A temática mais frequentemente associada com ataques intensificados foi gênero (47%), seguida por política e eleições (44%), e direitos humanos e política social (31%);
- 41% das entrevistadas disseram ter sido alvo de ataques on-line aparentemente ligados a campanhas de desinformação orquestradas;
- Os atores políticos são a segunda

fonte mais observada (37%) de ataques e abusos, seguidos por agressores anônimos ou desconhecidos (57%), de acordo com as mulheres entrevistadas;

- As jornalistas entrevistadas indicaram que a resposta mais frequente à violência on-line foi a autocensura nas redes sociais (30%); 20% abdicaram de todas as formas de interação on-line e 18% decidiram evitar o envolvimento com o público especificamente;
- Os impactos sobre o emprego e a produtividade relatados pelas mulheres entrevistadas incluíram: tornar-se menos visíveis (38%), faltar ao trabalho (11%), deixar o emprego (4%) e até mesmo abandonar o jornalismo como um todo (2%);
- O Facebook foi classificado como a menos segura das cinco principais plataformas/aplicativos usados pelas mulheres participantes; quase o dobro do número de entrevistadas disse que era "muito inseguro" quando comparado ao Twitter;
- Apenas 25% das entrevistadas relataram a seus empregadores sobre incidentes de violência on-line, e as princi-

pais respostas que disseram ter recebido foram: nenhuma resposta (10%) ou conselhos como "criar uma carapaça" e "endurecer" (9%); 2% disseram que foram questionadas sobre o que tinham feito para provocar o ataque.



Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

As múltiplas faces de um "band leader"

Já que vamos falar de um ícone da música instrumental, necessário se faz definir o que seja *easy listening*. Exatamente porque, como a chamamos, a música dançante, música ambiental ou, mais precisamente, a música de fácil assimilação, já teve ou continua tendo um espaço bem representativo no nosso universo musical.

O mercado musical internacional nos tem brindado com ótimos *band leaders* que vão ficando na nossa memória remissiva. Quem se não há de lembrar de Ray Conniff e Billy Vaughn (estadunidenses), Paul Mauriat (francês), Bert Kampfer e James Last (alemães), Percy Faith (canadense) e dos recentes André Rieu (neerlandês) e Yanny (grego)?

O curioso é que, em quase sua totalidade, os futuros maestros obtiveram a iniciação musical logo cedo, conquistando, já na mocidade, seus espaços em bandas representativas em suas respectivas nacionalidades, vindo a tornarem-se reconhecidos no universo musical. Foi, por exemplo, o caso do nosso "quase contranêo" Severino Araújo, pernambucano de Limeiro-PE, mas que "floresceu" para o mundo musical em nosso Estado, onde, após integrar a Banda de Música Militar da Paraíba como clarinetista, assumiu, em 1938, a maestria da festejada Orquestra Tabajara, que tanto sucesso fez aqui e alhures. Também, pudera! O seu pai José Severino Araújo, conhecido pela alcunha carinhosa de Mestre Cazuzinha, já fora regente da Banda

de Música de Chã de Rocha, lá pras bandas de Natuba, interior paraibano.

Fica o nosso compromisso de, em futuro próximo, relatar para os leitores da Coluna a trajetória de cada um dos maestros citados acima, no entanto ocupamo-nos hoje de um que embalou os nossos sonhos adolescentes e - quem sabe? - também os de alguns adultos. Falamos de Joseph Raymond "Ray" Conniff, maestro norte-americano (Attleboro/Massachusetts, 1916 - Escondido, Condado de San Diego/Califórnia, 2002). É festejado e admirado como o "rei do *easy listening*" de que lhes falei antes. Seu pai era trombonista, e sua mãe, pianista exímia, detalhes que, evidentemente, o levaram a caminhar os caminhos da música. Assim é que, ainda jovem, criou a sua própria banda, depois de participações rápidas pela orquestra de Artie Shaw, clarinetista e maestro de sua própria banda e famoso pela popularização do clássico de Cole Porter *Begin the Beguine*, e pela orquestra do maestro e trompetista Harry Jerome, que já havia integrado a banda de Benny Goodman. Harry criou a sua banda em 1939 e foi responsável pelo "lançamento" de Frank Sinatra, como cantor, quando este estava com 23 anos, e anda "acompanhou" nossa Carmem Miranda no filme *Two Girls and a Sailor* (1943). Seguindo a corrente, Harry Jerome já vinha da banda de Count Basie. Mas, aí, já serão outras estórias...

Voltando a Ray Conniff. Antes que me esqueça, RC já havia preparado arranjos musicais

para intérpretes famosos, como Johnny Ray, Guy Mitchell e Johnny Mathis. Quando lhes falei em múltiplas faces, creio haver ficado claro que lhes falava de Ray Conniff. É que, apesar do seu som característico, em que incorporava, desde o seu primeiro álbum *'S Wonderful*, vozes masculinas aos trombones, saxofones baixos e trompas, e vozes femininas aos saxofones altos, pistons e clarinetes, formando um uníssono musical embalado pelas onomatopéias dos *da-da-das* *du-du-duns*, esse particular é que se tornou característica do seu *easy listening*, quase formando escola para as demais orquestras do gênero.

A orquestra de RC, então, mergulhou profundamente no gosto popular, a partir dos seus álbuns em que se assina Ray Conniff and His Orchestra, a chamada fase do 'S - 'S *Wonderful*, 'S *Marvelous*, 'S *Awful Nice*, 'S *Continental*, 'S *Christmas* e até um 'S *Country*, e o nosso 'S *Music* (que, originariamente, recebeu o nome de *Say It With Music* e que nos legou a ainda hoje inimitável *Besame Mucho*), mas já com a titulação de Ray Conniff His Orchestra and Chorus; em seguida, vem a fase do The Ray Conniff Singers, em que, ao lado do *vocalise*, a banda adota o uso de cantar as versões originais (com letras completas); nessa variação de estilo, mas sem perder a sua característica básica e não em ordem cronológica, aparecem os

dois álbuns em que o maestro cede o "trono" para o seu trompetista Billy Butterfield; por fim, não há como negar a influência do *band leader* americano, quando se insere no mundo da música clássica, com os seus dois *Concert in Rhythm*, modelo assimilado pelos já citados James Last, Paul Mauriat e, mais recentemente, por André Rieu e Yanny.

Uma curiosidade para quem gosta do estilo Ray Conniff e assistiu a algum espetáculo de sua banda: em suas várias turnês pelo Brasil, o maestro dava-se o luxo de prestigiar a "prata de casa", devidamente ensaiando e incorporando à sua banda instrumentistas e vocalistas nacionais.

RAY CONNIFF
 HIS ORCHESTRA AND CHORUS
SAY IT WITH MUSIC
 (A TOUCH OF LATIN)



O álbum que mais marcou o estilo RC, na visão do colonista

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

Entre gritos e gemidos!

Tenho visto, neste cenário, que a pandemia devastou, na área gastronômica, muito desempenho, as empresas que chegaram a fechar as portas, as que estão tentando reabrir, as que se mantiveram com as entregas e os pequenos negociantes que, mesmo sem empresas abertas, tiveram que se reinventar para ter uma linha de faturamento para se sustentar, e nessa última, foram muitas que tiveram um bom resultado.

Os pequenos negociantes do ramo de alimentos – que nas flexibilidades tiveram que se virar nos 30 para sobreviverem - agora estão buscando regularizar-se, abrir suas empresas para virarem formais e poderem buscar plataformas maiores de venda de comida por seus aplicativos, de maneira mais rápida. Mas não é fácil o número de desempregados na área gastronômica, o número de empresas que, hoje, trabalham com menos da metade de seus funcionários, mesmo sendo atingido por muitas coisas, uma delas, o atraso do seu produto ao cliente.

E essas pessoas que têm buscado ajuda de profissionais na área de consultoria em gastronomia para poder ver acertos, erros e meios que possam abranger e melhorar a qualidade e as vendas de seus negócios.

Como chef consultor, sei que realmente esse é o caminho a ser percorrido, pois no que houve uma demanda maior, temos que ver e pesar o que foi de faturamento e prejuízo para chegar a um denominador comum. Trabalhar na irregularidade, jamais, e sem documentação você não terá acesso a fornecedores e grandes empresas com as quais você pode comprar com uma margem de lucro muito maior, além de poder trabalhar com as plataformas que falei acima, dos APPs existente, que hoje não são poucos.

Então para isso, você terá que criar um carro chefe, ou um prato chefe, esse prato ou lanche... ele será “o chama” para a venda dos outros produtos existentes na sua plataforma virtual do Instagram, Facebook e muitas outras para garimpar seus clientes que estão em busca de um preço chamativo e de qualidade. Você vai ter que aprender a acreditar que essas formas vão ser as que mais vão ajudar nas suas vendas de menor rendimento no dia.

Os que já estavam em funcionamento e tiveram que voltar ao mercado e não venderam em sua forma de entrega, é uma etapa árdua e difícil de recomeçar, pois é tudo quase como uma nova abertura, só que de maneira mais difícil, pois teve muitas contas a

pagar, perca de material e fornecedores querendo receber também.

Então essa é a hora de fazer a mudança, tentar um empréstimo com o gerente do seu banco, desfazer de um veículo e investir no seu negócio e comprar um financiado, tentar renegociar os débitos com fornecedores e voltar a comprá-los novamente. Além de todos esses fatores, existe o processo de redução de clientes no estabelecimento até porque seu cliente pode ter mudado, e haverá muitas outras maneiras de se levantar novamente, tudo vai depender do profissional consultor que estará te acompanhando.

Mas para isso é necessário o profissional adequado para te ajudar e que você possa voltar a respirar novamente, uma pessoa que tenha um bom diálogo, comprometimento com a empresa, liberdade e que possa ter entendimento em toda a área do seu negócio. Mas para isso é fundamental um investimento para o seu sucesso e seu retorno.

Mesmo antes da pandemia a coisa não vinha sendo fácil para muitas empresas, pois tínhamos saído há pouco de uma grande crise e muitas empresas afogaram porque já existia o problema, então não desista, lute e corra atrás que seu sucesso será garantido.



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Carne de hambúrguer oxente

INGREDIENTES

- 500g de carne de sol limpa e dessalgada
- 6 fatias de bacon bem picadas
- ½ pão amanhecido picado
- 100g queijo coalho ralado

- 3 dentes de alho picados
- 1 cebola pequena bem picadinha
- ½ ramo de coentro picado
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Margarina ou manteiga

MODO DE PREPARO

- No processador, leve a carne e o bacon para triturar, sem deixá-las muito moídas.
- Coloque a carne em uma vasilha, junte o pão, os demais ingredientes e amasse até formar uma massa bem homogênea.
- Divida em 06 porções, modele no formato de hambúrgueres.
- Leve uma frigideira para aquecer em fogo médio.

- Adicione um pouco de margarina ou manteiga, coloque dois hambúrgueres para fritar, primeiro de um lado e depois do outro, cuidando para que o centro cozinhe.
- Sirva como um sanduíche igual a fotografia ou coberto com molho de tomate e queijo levado ao forno para gratinar acompanhado de uma salada.

QUENTINHAS

Essa semana experimentei as esfirras da Casa Nova Esfilharia. São esfirras abertas, da culinária libanesa com produção artesanal que me surpreendeu. Funcionalmente de quinta a domingo sempre após as 18h. Entre no Instagram deles para mais detalhes @casanovaesfilharia

Se você quiser um frango e um sanduíche com um sabor delícia, com uma mistura de querer sempre mais. Vou te deixar essa dica é o Chicken Time Frango Frito, se você conhece a franquia KFC, pode ter certeza que estará comendo melhor e um sabor autêntico. Seu Instagram @chicken_timejp

Meat Up Açogue e Restaurante uma proposta fora do normal, poderia falar que a experiência que estive lá foi das melhores possíveis, local que foge do churrasco tradicional e entra no churrasco Americano, com um sabor e toque especial e original, com sua personalidade própria e isso que vai de encontro ao que é fundamental na gastronomia. Um cardápio variado e vale a pena comer um pouco de tudo. Parabéns! Vão conhecer que garanto que não irão se arrepender. Seu Instagram @meatupbr Contato 3035-7818.

Essa semana tive o prazer de provar um novo conceito de Hotdog, e esse é bem especial. Seu nome é Dog do Scooby, para quem não conhece é o autêntico hotdog Brasileiro, com vários molhos e modos de preparo diferentes que vale a pena está conhecendo e provando suas delícias. Seu Instagram é @dogdoscooby

PITADAS A GOSTO

A ideia de colocar carne moída cozida ou frita entre dois pedaços de pães não é assim uma coisa do outro mundo. Mas é bem antiga!

Inventado o pão (há mais ou menos 13 mil anos), inventado estava o hambúrguer. A origem da versão atual, de qualquer forma, está ligada ao Império Mongol, fundado por Genghis Khan no século 12. Final do século 13, os domínios dos herdeiros de Genghis se estendiam da Península Coreana até o Leste Europeu. Eles tinham a tradição de moer carne dura de roer (de cavalo e de camelo, por exemplo) para tornar a coisa mastigável, e a de adicionar leite ou ovo para dar liga.